

GUILHERME GOMES DOS SANTOS

O AMAR, CORPOS QUE SE RELACIONAM: uma
análise nos discursos sobre as relações amorosas em vídeos no
YouTube



ARARAQUARA – SP
2021

GUILHERME GOMES DOS SANTOS

O AMAR, CORPOS QUE SE RELACIONAM: uma
análise nos discursos sobre as relações amorosas em vídeos no
YouTube

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista–UNESP/Araraquara, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Thiago de Almeida

ARARAQUARA – SP
2021

S237a

Santos, Guilherme Gomes dos

O amar, corpos que se relacionam: uma análise nos discursos sobre as relações amorosas em vídeos no YouTube / Guilherme Gomes dos Santos. -- Araraquara, 2021

125 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Ricardo Desidério da Silva

Coorientador: Thiago de Almeida

1. Relacionamento amoroso. 2. Educação Sexual. 3. Análise de conteúdo. 4. YouTube. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GUILHERME GOMES DOS SANTOS

O AMAR, CORPOS QUE SE RELACIONAM: UMA ANÁLISE NOS DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS EM VÍDEOS NO *YOUTUBE*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Araraquara, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Ricardo Desidério da Silva

Coorientador: Thiago de Almeida

Data da defesa: 23/02/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva (Unespar – Universidade Estadual do Paraná, campus de Apucarana)

Membro Titular: Prof. Dr. Anderson Ferrari (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Membro Titular: Prof. Dr. Florêncio Mariano da Costa Junior (Unesp – Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a todos os corpos que compartilham comigo suas histórias com sentimentos, lembranças e pensamentos mais íntimos, ampliando constantemente minha perspectiva sobre a complexidade das relações humanas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva e ao Prof. Dr. Thiago de Almeida, ambos, pessoas e profissionais excelentes. Ricardo, por ser essencial nesta trajetória, amigo, paciente, acolhedor, sempre assertivo e enriquecedor em suas orientações. Thiago, sempre admirei seu trabalho e tive a inestimável sorte e alegria de contar com sua presença e formidável colaboração.

À minha base, mãe Maria, pai Antônio, irmã Laisa e sobrinho Kauã, por existirem.

Às pessoas especiais em minha vida, aqui destaco algumas que tiveram um papel muito importante neste processo, me influenciaram positivamente, deram suporte e alegrias: Lariane Casagrande, Vinícius Camargo, Renata Grossi e Bruno Guerra.

Ao programa de Educação sexual, a todas professoras e professores, especialmente ao Prof. Dr. Vagner Sérgio Custódio, à Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia e à Profa Dra. Andreza Marques de Castro Leão. Aos membros da banca de defesa, Prof. Dr. Anderson Ferrari e ao Prof. Dr. Florêncio Mariano da Costa Júnior.

Às companheiras e aos companheiros de turma, amigas e amigos que, além de serem fonte de conhecimento, foram as melhores companhias, principalmente, Lukas, Aline, Jaqueline, Isadora, Renata, Lucas, Rony, Meliane, Mariane, Michel, Pâmela, Sandra, Laís e Ana. Agradeço à todas e a todos por fazerem parte desta jornada e contribuírem para o meu desenvolvimento e o aprimoramento deste trabalho.

Resumo

Existem demandas de pessoas por conhecimento sobre relacionar-se amorosamente, no sentido afetivossexual. Diante delas, informações são disseminadas pelos mais diversos “atores” sociais e meios de comunicação. Entende-se essa conjuntura como Educação Sexual. Assim, questiona-se: qual tipo está sendo promovida? Qual a percepção sobre os corpos e quais os discursos sobre relacionar-se amorosamente? Plataformas na internet, como a do *YouTube*, são utilizadas diariamente por milhões de pessoas, para disseminar e acessar conteúdos, entre os quais existem os que abordam questões sobre os relacionamentos amorosos, que, de alguma forma, estão educando. Tendo isso em vista, este trabalho teve como objetivo identificar os vídeos informativos mais acessados na plataforma do *YouTube*, no Brasil, que abordam os relacionamentos amorosos e analisá-los criticamente. Para tal fim, utilizou-se a palavra-chave “relacionamento amoroso”, no mecanismo de busca da própria plataforma. Os vídeos foram filtrados pelo número de visualizações e os três mais visualizados foram selecionados, excluindo-se aqueles que não se encaixavam no critério de vídeos informativos. Para analisar os dados, optou-se pela Análise do Conteúdo, segundo Bardin. Conforme esse processo, os vídeos identificados foram: “Relacionamento sem futuro – Pe. Fábio de Melo”; “As 4 regras para um relacionamento dar certo”; e “Como melhorar/reconstruir meu relacionamento”. As três temáticas de análise resultantes culminaram em: “Uma Educação Sexual emancipatória?”; “Corpos que se relacionam”; e “Discursos sobre relacionar-se amorosamente”. Os resultados da investigação se desdobraram nas percepções de: incompatibilidade de todos os vídeos com uma Educação Sexual emancipatória e falta de atributos que evidenciassem o compromisso com a transformação social; abordagens omissas, restritas, incompletas e negligentes com a diversidade e pluralidade de corpos, seus modos de existência e a trama de variáveis que os configuram; e, discursos educativos diretivos, centrados nos sujeitos, restritos em um tipo de arranjo amoroso, estendendo-se, no máximo, a algumas instruções para manejo de conflitos do casal, negligenciando variáveis de ordem social, bem como abstendo-se de problematizações entendidas como essenciais. Assim, considera-se necessárias produções e atitudes consoantes com os atributos de uma Educação Sexual emancipatória, para espaços de discussão e problematização sobre as relações amorosas consoantes com a diversidade de corpos e a pluralidade nos modos de ser e de relacionar-se.

Palavras-chave: Relacionamento amoroso, Educação Sexual, Análise de Conteúdo, *YouTube*.

Abstract

There is a demand for knowledge regarding love relationships, in the affective-sexual sense. In view of these, information is disseminated by the most diverse social “actors” and the media. This conjuncture is known as Sexual Education. Thus, it is questioned: Which type is being promoted? Which body perception? And which affectively discourses? Internet platforms, such as YouTube, are daily used by millions of people to disseminate and access content, among these, there are those that in some way are educating. With this in mind, this work aimed to identify the most accessed informational videos which romantic relationships subject matter on the YouTube platform in Brazil in order to critically analyze them. For this purpose, the keyword "love relationship" was used in the search engine of the platform itself. The videos were filtered by the number of views and the three most viewed were selected, excluding those that did not fit the criteria of informational videos. To analyze the data, Content Analysis was chosen, according to Bardin. From this process, the videos identified were: “Relationship without a future – Priest Fábio de Melo”; “The 4 rules for a relationship to work”; and "How to improve / rebuild my relationship". In which, three topics of analysis resulted: “An emancipatory sexual education?”; “Bodies that relate to each other”; and “Discourses to relate affectively”. In this process, it was possible to notice: the incompatibility of all videos with an emancipatory Sexual Education, due to the lack of attributes that showed the commitment to social transformation; omitted, restricted, incompleting and neglected approaches with the diversity and plurality of bodies, their modes of existence and the network of variables that set them; and, directive educational discourses centered on the subjects, restricted to a type of loving arrangement, extending at most to some instructions to handle the couple's conflicts, neglecting social variables, as well as abstaining from problematizations considered essential. Therefore, productions and attitudes consonant with the attributes of an emancipatory Sexual Education are considered necessary, in order to have spaces for discussion and problematization regarding the loving relationships consonant with the diversity of bodies and the plurality in the ways of being and relating.

Keywords: Love relationship, Sexual Education, Content Analysis, YouTube.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Informações técnicas do Vídeo 1	75
Tabela 2	Informações técnicas do Vídeo 2	76
Tabela 3	Informações técnicas do Vídeo 3	77
Tabela 4	Informações técnicas do Vídeo 4	77
Tabela 5	Planos do Vídeo 1	78
Tabela 6	Planos do Vídeo 3	83
Tabela 7	Planos do Vídeo 4	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Filtros da plataforma do *YouTube*.

26

ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (Travestis e Transexuais),
Queers, Intersexos, Assexuais e mais

Cis Cisgênero

Trans Transexuais e Transgênero

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Problematização da pesquisa.....	19
1.2 Justificativa da pesquisa.....	23
1.3 Objetivos.....	24
2. MÉTODO.....	25
2.1 Tipo de pesquisa.....	25
2.2 Objeto de análise.....	26
2.3 Procedimento.....	26
2.4 Análise de dados.....	27
3 UM BREVE RECORTE SOBRE AS CONSTRUÇÕES TEÓRICAS RELACIONADAS ÀS INTERAÇÕES AFETIVOSSEXUAIS NOS NÍVEIS FILOGENÉTICO, ONTOGENÉTICO E CULTURAL.....	29
3.1 Filogênese: reflexões sobre aspectos evolutivos.....	30
3.2 Ontogênese: aspectos psicológicos em uma perspectiva analítico comportamental.....	32
3.3 Cultura: olhares sobre a complexidade sociocultural.....	40
4 CORPOS QUE SE RELACIONAM: A COMPLEXA TRAMA DAS INTERAÇÕES AMOROSAS.....	47
4.1 A unidade que se relaciona.....	47
4.2 Desbravando o sentir.....	54
4.3 Um olhar sobre as relações de poder entre os corpos.....	58
4.4 Outros olhares sobre os corpos e seus relacionamentos.....	64
5 ALGUMAS FACETAS SOBRE O AMAR ENTRE CORPOS.....	68
6 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	75
6.1 Descrição do material.....	75
6.2 Elementos da narrativa audiovisual: personagens, narrativas e intencionalidades.....	78
6.2.1 “Relacionamento sem futuro – Pe. Fábio de Melo”.....	78
6.2.2 “As 4 regras para um relacionamento dar certo”.....	83
6.2.3 “Como melhorar / reconstruir meu relacionamento”.....	85
6.3 Categorias temáticas.....	88
TEMA 01: Uma Educação Sexual emancipatória?.....	88
TEMA 02: Corpos que se relacionam.....	91

TEMA 03: Discursos sobre relacionar-se amorosamente.....	102
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	113

PALAVRAS INICIAIS

Sempre me indaguei sobre o funcionamento das relações humanas, observava atentamente e refletia sobre ele, em diferentes contextos. Entretanto, foi no curso de Psicologia que comecei a olhar com mais atenção para os relacionamentos amorosos sob a perspectiva teórico-científica.

Dentre as diversas teorias psicológicas, tive maior identificação com a Análise do Comportamento, devido a sua concepção monista de ser humano e sua amplitude para analisar diferentes fenômenos de forma consistente, sem recorrer às explicações mentalistas. Além dessa, sempre tive muita afinidade com a Psicologia Social e Comunitária, pela sua sensibilidade e olhar crítico ao abordar os fenômenos sociais. Considero que a segunda aprimorou o meu olhar crítico para o arcabouço teórico da primeira.

Muitos detalhes da minha trajetória contribuíram significativamente para o psicólogo e pesquisador que sou hoje e as escolhas que fiz. Porém, vou ater-me aos pontos que envolvem minha temática de trabalho. Meu debruçar sobre as relações amorosas ocorreu com mais afinco nos últimos anos da graduação, lia muitos livros, assistia a vídeos, participava de atividades e eventos, e estava sempre refletindo, procurando entender um pouco mais sobre o âmbito da vida humana em seu universo de discursos.

Aproximava-me dos conhecimentos que pudessem me ajudar como psicólogo clínico: teorias, técnicas e manejos. A maioria se relacionava às terapias de casais e sexuais. Todavia, parecia que me faltava amplitude teórica para melhor compreender as variáveis envolvidas, que configuravam os corpos angustiados e desconfortáveis em suas interações afetivossexuais que recorriam à clínica. À época eu já percebia que aos corpos só existiam possibilidades, as regras, normas, sugestões, instruções de como e quem amar eram resultantes de discursos e práticas sociais, religiosas, políticas, jurídicas, econômicas, científicas e pedagógicas. Contudo, perceber fundamentado pelo arcabouço teórico que eu julgava ter, não parecia o suficiente. Assim, comecei a desbravar mais a fundo os conhecimentos sobre a sexualidade humana. Essa foi uma das escolhas que mais me orgulho de ter feito. Um universo de conhecimentos me foi, e continua sendo, apresentado em detalhes.

Nessa jornada, conheci uma das pessoas mais importantes nesse processo, meu amigo e orientador Ricardo Desidério, uma pessoa que me ensina muito e que ampliou meu horizonte de possibilidades. Ele comentou sobre a possibilidade de eu ingressar, enquanto

aluno de Pós-graduação, em nível de mestrado, no programa de Educação Sexual da UNESP. Pesquisei a respeito do programa e me apaixonei pela linha teórica do Prof. Ricardo, prestei o processo seletivo e tive a extasiante felicidade de ser aprovado. Encerrei as atividades clínicas em minha cidade, vendi algumas coisas, encontrei um emprego na cidade onde se localizava a universidade, qual seja, Araraquara-SP. Assim, mudei-me para aproveitar ao máximo. Queria mais, porém foi maravilhoso e ainda estou estudando e produzindo um conhecimento que me agrega muito. Hoje tenho muito mais clareza sobre aquilo que observava na clínica e estou mais atento aos discursos que produzem verdades e suas relações de controle. Tenho a feliz convicção de que aquele desconforto sobre faltar conhecimento ainda existe, porém, estou mais seguro em relação aos caminhos a serem percorridos.

1. INTRODUÇÃO

Relacionar-se afetiva e sexualmente é algo que sempre esteve presente na vida humana. Contudo, compreender a dinâmica de interação entre os corpos demanda a interlocução de uma trama complexa de conhecimentos. Dentre os quais, julga-se necessário o entendimento de um âmbito essencial da vida humana: a sexualidade, que, de acordo com releitura e síntese de Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2011), Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011), Mary Neide Damico Figueiró (2010) e Ricardo Desidério da Silva (2015)¹, caracteriza-se como um fenômeno amplo e complexo, envolvendo questões biológicas, psicológicas e sociais, que são influenciadas por diversos fatores: históricos, econômicos, religiosos, políticos, culturais, sociais, entre outros. A sexualidade, então, não se restringe à atividade sexual ou ao órgão genital como, muitas vezes, acaba sendo erroneamente reduzida, mas envolve, também, elementos afetivos, sexuais e relacionais com o próprio sujeito e com os outros de seu contexto.

O termo ‘corpo²(s)’, neste trabalho, é abordado em uma perspectiva filosófica-monista de ser humano, contrário ao dualismo corpo e mente, corpo e alma ou corpo e qualquer outra instância. Compreende-se corpo não apenas como organismo e seu aparato anatomofisiológico, mas, também, como um corpo que sente e se comporta, que descreve e discrimina os eventos externos e internos a si próprio, aprendendo e construindo sentidos, transformando e sendo transformado pelo seu contexto. Um corpo que é configurado como pessoa, que sabe sobre si, que é conflitante, um corpo que é sujeito. Bem como entende-se o comportar-se dos corpos em seu sentido relacional, e não somente a ação, sempre em interação com diversas variáveis no espectro filogenético, ontogenético e cultural. Ainda, múltiplos fatores que afetam e influenciam na dinamicidade dos corpos serão discutidos no decorrer do trabalho.

Entende-se que o uso do termo corpo se refere a um posicionamento filosófico, como citado, em uma perspectiva monista, a fim de propiciar uma condição reflexiva e problematizadora, sendo o corpo palco, protagonista e espectador de todos os processos que o envolvem, fomentando uma perspectiva integrativa e relacional sem o reduzir, por exemplo, às características anatomofisiológicas ou categorias sociais identitárias. Teoricamente, é fundamental sempre colocar em questão sobre quais corpos os discursos se referem, partindo

¹ As citações, ao menos em seu primeiro uso, serão apresentadas com os referentes nomes completos, a fim de adversar o imperativo masculino das relações de gênero e promover a visibilidade para as autoras.

² A palavra corpo será utilizada no sentido mencionado. Quando estiver fazendo referência somente a condição anatomofisiológica, será utilizada a palavra organismo.

da premissa que nenhum representa sua totalidade. Por fim, o sentido político e social advoga a favor da diversidade de corpos, das suas expressões e a pluralidade de suas relações.

Considera-se, assim, que nenhum discurso representará a totalidade dos corpos. Uma multiplicidade de olhares, por meio de autoras e autores, será abordada para fundamentação teórica, amparando-se no critério de que todos articulem seu conhecimento em prol da diversidade de corpos e pluralidade de relações. Aqueles que não cumpram esses critérios serão abordados apenas para problematizar seus discursos, entendendo que, frequentemente, são apropriados como regras que estabelecem preconceitos e delimitam as possibilidades de existência.

Diversos campos de conhecimento se engajaram na investigação sobre a interação afetivossexual entre os corpos, sendo que algumas autoras e autores se aprofundaram em aspectos evolutivos da espécie, por exemplo, Aline Beckmann de Castro Menezes e Regina Célia Souza Brito (2007), David M. Buss (2006), Hellen Fisher (1994) e Wallisen Tadashi Hattori e Felipe Nalon Castro (2017). Outros estudos se centraram na ontogênese representativa das idiossincrasias resultantes da história de vida pessoal, como os de Gustavo Chagas Oliveira e Maíra Bonafé Sei (2018), Iran Johnathan Silva Oliveira e Maria Paula Nogueira Paranaguá (2017), Nazaré Costa e Romariz da Silva Barros (2010), Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico e Roberta Kovac (2013). Há, também, aqueles que se aprofundaram nos elementos culturais, dinâmicas sociais e análises históricas, como os promovidos por Alessandra Munhoz Lazdan e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2016), Anthony Giddens (1993), Michel Bozon (2004), Michel Foucault (2017a, 2017b, 2017c), Pierre Bourdieu (2012) e Simone de Beauvoir (1967). A perspectiva biopsicossocial conduzirá todo o raciocínio teórico neste trabalho, com os distintos manejos.

Estudos de revisão histórica, como o de Alessandra Munhoz Lazdan e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2016), identificam diversos tipos de arranjos sobre a interação e união entre os corpos no decorrer do tempo e da cultura. Tendo isso em vista, entende-se que compreender os relacionamentos afetivossexuais não é uma tarefa fácil, também devido à sua complexidade, dos tabus em torno da sexualidade e de ideias preconcebidas sobre as configurações amorosas. Ajunta-se a essa discussão o apontamento de Guacira Lopes Louro (2008), ao afirmar que:

As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra,

de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la (p. 23).

Exposto isso, parte-se do princípio de que não há um modo certo ou “normal” de relacionar-se, pode-se dizer que há formas de amar, de interação entre os corpos e consigo mesmo, e que tais relações e/ou expressões de si promovem consequências no campo individual, amoroso e social, as quais não são certas e nem erradas, mas que compõem complexas tramas entre variáveis.

O conhecimento científico não está isento das influências ideológicas, conforme Olga E. Rodriguez-Sierra (2016) indicará, elas afetam a formulação de hipóteses, o projeto experimental, a interpretação dos dados, quais informações mobilizar e como elas são disseminadas. Observa-se, fundamentado em Guacira Lopes Louro (2008) e Murray Sidman (2009), que muitos especialistas definem o que é normal, traçam diretrizes e orientações de como se deve agir e estar no mundo, fundamentando-se em preconceitos diante das diferenças; de forma similar às influências históricas, sociais, religiosas, científicas, pedagógicas, econômicas e políticas. Consequentemente, de acordo com alguns autores (*e.g.* Zygmunt Bauman, 2004), as pessoas constantemente reproduzem formas distorcidas e inadequadas de relacionar-se, sem realizar nenhum questionamento acerca dos referenciais compartilhados culturalmente/familiarmente ou a implicação diante dos fatos, o que acarreta, inevitavelmente, um processo de subordinação pelos *modi operandi* impostos pela cultura na qual estão inseridas.

O saber sobre si, sobre a sexualidade e sobre as interações afetivossexuais são resultantes de inúmeros discursos em relações de poder. Para Michel Foucault (2017a, 2017b; 2017c), a sexualidade é concebida como um dispositivo de poder, construída social e historicamente por meio dos mais diversos discursos, que constroem desejos, que definem normalidades, anormalidades, patologias e modos de relacionar-se. Porém, mesmo com o reiterado controle sobre os corpos, como apresentado por Judith Butler (2003), não há conformidade, pois os corpos não se restringem, limitam ou reduzem ao que é delineado e imposto, entretanto, observa-se o esforço em atos corporais para performar de acordo com os ditames sociais.

No que diz respeito à influência do cenário social na dinâmica das relações amorosas, Thiago de Almeida e José Fernando Bitencourt Lomônaco (2018) apresentam que a vivência do processo de se manifestar afetivossexualmente com o outro pode ser resultante da mera repetição de um padrão de relacionamento, que é cultural e modelado socialmente. Processo esse, no qual, contemporaneamente, a descartabilidade e a efemeridade estão colocadas e que pode significar um movimento de autonomia, de invenção, uma tomada sobre a própria vida, um reposicionamento. No entanto, segundo os mesmos autores (ibid.), é possível romper com a hegemonia dos ditames contemporâneos que norteiam, equivocadamente, as formas de relacionar-se afetivossexualmente e inventar novas formas de subjetividade, a partir da vivência desse processo.

Com o intuito de promover reflexões críticas sobre os corpos, bem como as relações afetivossexuais e de subverter paradigmas estabelecidos, que impõem determinados modos de relacionar-se como certos, naturais, normais e/ou mais saudáveis, julga-se importante colocar em questão vários conhecimentos sobre seu funcionamento, o comportar-se e as variáveis que influenciam sua dinamicidade.

O corpo interage consigo e com o mundo por diversos meios, por exemplo, as sensações corporais internas, os cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão) produzem sons e gestos e, de forma mais refinada, as linguagens mais complexas. Entretanto, o que se sabe sobre si e sobre o que é sentido, de acordo com Burrhus Frederic Skinner (2006), configura-se socialmente pelos discursos no contexto do qual se faz parte. Além de o organismo ser meio e fruto da interação com o mundo, também é condição para a sociedade dizer quem somos, seremos ou podemos ser. Assim, com base em Guacira Lopes Louro (2000), entende-se que o ser humano passa a tornar-se um elemento social para manutenção dessas práticas, ao manejarem seus próprios corpos e os daqueles que o circundam. Porém, também podemos ser parte da transformação social, ao fomentar reflexões e problematizações sobre as possibilidades dos corpos e de arranjos amorosos. A dinâmica social envolve constituições complexas, como estruturas e práticas culturais, por meio das quais as pessoas aprendem a comportar-se, mantendo e reproduzindo os valores, regras, crenças, normas, costumes, preconceitos e estigmas. Nesse sentido, diversas pessoas, grupos e instituições, implícita e explicitamente, falam, calam-se, estimulam, reprimem, orientam, instruem, sugerem, impõem, de modo formal ou informal, ao outro valores, concepções, normas, regras e diretrizes sobre como expressar e viver a sexualidade e relacionar-se afetivossexualmente. Esses tipos de ações, de acordo com autores como Jehmy Katianne

Walendorff, Thiago de Almeida e Maria Luiza Lourenço (2014), Mary Neide Damico Figueiró (2013) e Ricardo Desidério da Silva (2015), caracterizam-se como Educação Sexual. Sendo que, a Educação Sexual informal envolve todas as ações que afetam o indivíduo, desde o seu nascimento, influenciando em seus comportamentos, valores, sentimentos, opiniões relacionadas à sexualidade e, a formal se configura diante do caráter intencional, é organizada e sistematizada, a fim de fomentar determinado tipo de conhecimento (Silva, 2015).

Com o advento da internet e ampliação das plataformas de comunicação, a troca de informações se tornou muito mais rápida e efetiva na sociedade contemporânea. De modo favorável à disseminação e acesso a conhecimentos, ampliou-se e se diversificou a promoção da Educação Sexual. Uma dessas plataformas é o *YouTube*, à qual milhões de pessoas acessam todos os dias e, qualquer um com conexão à internet, podem disseminar e acessar os conteúdos disponíveis. Entre tais conteúdos, muitos abordam assuntos sobre os relacionamentos amorosos e outras questões sobre sexualidade, sendo a plataforma, assim, um espaço relevante para que sejam promovidas análises dos conteúdos disseminados, que avaliem a consonância com a perspectiva da transformação social, em prol da diversidade de corpos e relações.

A Educação Sexual, com base na definição apresentada no trabalho de Walendorff, Almeida, & Lourenço (2014), pode ser concebida em qualquer espaço em que a influência na forma como as pessoas se relacionam afetivossexualmente aconteça, quanto à relação com os próprios corpos, na vivência e expressão de sua sexualidade e, até mesmo, como lidam com os corpos e a configuração amorosa das outras pessoas. A ausência de conhecimento oriunda de problematizações e a prática repressiva das condutas afetivossexuais podem promover lacunas, que são, frequentemente, preenchidas por mitos, fantasias, preconceitos, notícias falsas ou qualquer outro tipo de informação, estruturando pseudoverdades e afirmativas sem fundamentos consistentes e coerentes. Logo, uma Educação Sexual comprometida com a transformação social, em favor da diversidade, respeito, igualdade e equidade entre os corpos e seus modos de viver, é considerada emancipatória. Assim, consoante com os apontamentos de Mary Neide Damico Figueiró (2010), a pessoa ou o trabalho comprometido com essa abordagem:

- orienta para o resgate do gênero, do erótico e do prazer na vida das pessoas;
- atenta para o respeito a todo tipo de diversidade, para o alcance dos direitos sexuais e reprodutivos e da saúde sexual;

- valoriza o aspecto informativo desse processo, podendo também dar ênfase ao aspecto formativo, no qual se propicie a discussão de valores, atitudes, tabus e preconceitos; considera a importância da discussão de dúvidas, sentimentos e emoções;
- ajuda a compreender, ou alerta para importância de se compreender, como as normas sexuais foram construídas socialmente, identificando nelas a presença de opressão;
- alerta ou mostra a importância de se alertar para repressões e autorrepressão;
- propicia questionamentos filosóficos e ideológicos;
- encara a questão sexual como uma questão ligada diretamente ao contexto social, influenciando e sendo influenciada por este;
- dá ênfase à participação em lutas coletivas para transformações dos valores e das normas sociais ligadas, direta ou indiretamente, à sexualidade;
- considera importantes as mudanças de valores, atitudes e preconceitos sexuais da pessoa para o alcance de sua libertação e realização sexual. Porém, isso é encarado, também, como um meio para se chegar às novas normas e valores sexuais, que possibilitem a vivência da sexualidade com a liberdade e responsabilidade, em nível não apenas do indivíduo, mas da sociedade como um todo (p. 137-138).

Acredita-se que esses pontos são importantes para reflexão sobre as interações afetivossexuais, considerando a diversidade de corpos e as inúmeras possibilidades de arranjos amorosos, apoderando-se criticamente dos diversos níveis de conhecimento: filosófico, evolutivo, psicológico, sociológico, histórico, até as práticas cotidianas, a fim de emancipar os corpos, dentro do vasto campo de possibilidades para a autônoma construção e/ou transformação de seus próprios valores, por meio de uma prática problematizadora.

1.1 Problematização da Pesquisa

Os relacionamentos afetivossexuais podem ser compreendidos, de acordo com Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico e Roberta Kovac (2013), como um conjunto de interações sociais, mantidas por relações mútuas entre as pessoas e o contexto social do qual se faz parte, influenciadas por variáveis biológicas, psicológicas e sociais, todas em seu sentido histórico da espécie, do indivíduo e da complexidade social. Além disso, considera-se

a necessidade de olhar criticamente para qualquer variável que possa afetar os corpos e seus relacionamentos.

O sentir recebe socialmente tratamentos distintos arbitrariamente, ora sendo romantizado, idolatrado e valorizado, quando se convencionou ou aproxima do constructo “mente”, “alma”, ou outras instâncias metafísicas que são construídas, como a própria ideia de “amor”, às vezes, assim concebida; ora sendo abordado com conotação negativa, quando relacionado ao corpo no sentido antagônico a “mente” em sua dualidade, o “corpo-carne”, o “corpo físico”.

O que e como o corpo sente é fruto de uma história multidimensional e peculiar de cada indivíduo. Entretanto, como afirmam Hélio José Guilhardi (2017) e Burrhus Frederic Skinner (1974/2006), o saber sobre si e o que é sentido, o que se discrimina e descreve diante do sentir, é social. O corpo existe e sente, mas é o contexto social com fundamento em algumas informações públicas, por meio dos seus mais diversos discursos, que infere e ensina quem se é e o que é sentido. Deve-se considerar que pode não corresponder realmente ao que se sente ou nem mesmo representar a totalidade. Assim, é fácil confundir, reduzir ou generalizar equivocadamente os sentimentos, inclusive aquele que se denomina de amor, em meio a tantas sensações e construções, influenciando até no que se percebe e pensa sobre as emoções e sentimentos.

Os corpos não sabem quem são, tornam-se alguém na interação com seu ambiente social, sendo que podem ser tratados de maneiras socialmente distintas, de acordo com suas características físicas. A distribuição de possibilidades em sociedade ainda é desigual entre, principalmente, um organismo macho e o organismo fêmea, mas também entre um de pele branca e o de pele preta, entre outras características e possibilidades. Os corpos que fogem totalmente ao “padrão”, por exemplo intersexuais, são forçados a enquadrar-se e, assim, a seguir um dos extremos binários do sexo, como aponta Paula Gaudenzi (2018).

Desse modo, são engendrados papéis sociais distintos, mas dependentes socialmente (Bozon, 2004). Contudo, entre gêneros, ainda, frequentemente o masculino se comporta em dominância e de maneira depreciativa em relação às características convencionadas ao feminino, de acordo com Soraya Barreto Januário (2016). Por fim, cabe fomentar a reflexão de que os corpos são seres de inúmeras possibilidades, independente do sexo biológico. Distintos em poucas características anatomofisiológicas, eles apresentam capacidades para se comportarem da mesma forma. Entretanto, suas possibilidades são cerceadas socialmente,

configurando seres que limitam suas próprias existências e as de outrem, conforme afirmam Ricardo Desidério da Silva e Guilherme Gomes dos Santos (2019).

Assim, de acordo com Guacira Lopes Louro (2008), relacionar-se afetiva e sexualmente é algo ensaiado e ensinado socialmente. As informações que fomentam essas interações são provenientes de muitos paradigmas e contingências cotidianas arranjadas por meio de práticas culturais. Vários aspectos das relações amorosas, conforme diz Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2008), são equivocadamente compreendidos como naturais. A monogamia é um exemplo, em que se caracteriza/estrutura como uma categoria, mais por uma função social do que pelas possibilidades enquanto corpos. Haja vista que, em seu nível evolutivo, argumenta-se que a união e a permanência na relação são mantidas pelo investimento na prole, em ambos os sexos. Porém, o engajamento em outras interações também é entendido como natural, seja para disseminar os genes ou para a captação de recursos.

As relações amorosas e suas demandas, indubitavelmente, são plurais, os corpos são diversos e os arranjos que as configuram apresentam inúmeras possibilidades, acentuadas quando se analisa no tempo e culturalmente. As pessoas desejam e são impelidas a se relacionarem amorosamente, guiadas por roteiros sociais.

No estudo de Sheyla Pinto da Silva (2002), identifica-se que as informações e discussões sobre relacionamentos amorosos para os adolescentes no Brasil contemporâneo é velada e, quando abordada no tema sobre sexualidade, restringe-se ao fenômeno das infecções sexualmente transmissíveis e do emprego dos métodos contraceptivos. Ainda, de forma complementar, Kathie Njaine, Queiti Batista Moreira Oliveira, Fernanda Mendes Lages Ribeiro, Maria Cecília de Souza Minayo e Regina Bodstein (2011) apresentam em seu estudo que os jovens demandam um espaço de diálogo sobre as relações amorosas, considerando como uma estratégia para o combate à violência dentro dos relacionamentos. A temática sobre as relações amorosas está presente, inclusive, entre os tópicos de aprendizagem propostos pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) (2014), nas “Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro”.

Mesmo com as demandas e orientações para uma Educação Sexual, no que concerne às relações afetivossexuais, é necessário ter muita atenção, pois como bem evidenciam Diogo Afonso Garcia e Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2013):

A busca por técnicas e regras de como obter a felicidade conjugal revela, por um lado a fragilidade das relações humanas, por outro uma vertente repressiva da sexualidade que impõe a todos a vivência erótica e amorosa sob certas regras de comportamento pré-estabelecidas. Perde-se a autonomia de um sujeito que deveria ser construído a partir de uma educação sexual emancipatória (p. 3-4).

Assim, compreende-se que o foco não é meramente a produção de uma educação de cunho generalista que fomente, por meio de um conjunto de regras, como as pessoas devem relacionar-se, mas sim, a promoção de conhecimentos que sirvam como ferramenta para problematizar e possibilitar reflexões sobre as relações humanas, com ênfase nas afetivossexuais. Para tal, é mister favorecer que cada pessoa e os parceiros e parceiras façam suas próprias escolhas, dentro do vasto campo de possibilidades e do conhecimento sobre si em relação ao mundo que vive, projetando e analisando os desdobramentos e consequências de suas escolhas.

A educação pode acontecer, conforme Mary Neide Damico Figueiró (2013), de maneira formal, intencional e planejada para um fim ou, também, informal, sem planejamento, no explícito e no implícito, no dito e no não dito. Os meios de comunicação, por exemplo, são poderosas mídias de disseminação de informação. Dentre essas, de acordo com Ricardo Desidério e Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2016), as mídias televisivas visam à audiência, mas por meio de seus discursos produzem regras e valores, ditando padrões de comportamento e estilos de vida. De modo a reforçar esse posicionamento, corrobora-se com o pensamento de Anderson Ferrari, Filipe Gabriel Ribeiro França e Nathalye Nallon Machado (2017), de que a educação não acontece somente nas escolas, educar e aprender resulta da interação com o mundo, por exemplo, nas redes sociais e produções publicitárias.

Há pouco tempo, para que pudessem conseguir se informar a respeito de determinados assuntos, as pessoas tinham que acompanhar os programas de rádio ou TV em horários programados. Porém, atualmente, as pessoas que disseminam esses conhecimentos se expressam nas redes sociais, dentre outras plataformas, espaços em que aconselham, orientam e informam, ficando as produções disponíveis para serem acessadas a qualquer momento.

Hoje em dia, consoante com o que afirmam Jean Burgess e Joshua Green (2009), temos, por exemplo, o *Youtube*, uma plataforma de vídeos na internet, de fácil acesso, em que milhões de pessoas transitam e na qual, além de consumir, qualquer pessoa pode produzir

conteúdo. Assim, os conteúdos podem apresentar qualquer tipo de viés: profissional, científico, religioso, senso comum, entre outros, mas que são sempre educativos, no sentido de informar, sugerir, orientar e encaminhar.

Tendo em vista esse cenário, emerge a questão: quais conteúdos são disseminados pelos discursos nos vídeos que abordam a temática sobre as interações afetivossexuais na plataforma do *YouTube*?

1.2 Justificativa da Pesquisa

As relações afetivossexuais, de acordo com Thiago de Almeida, Taisa Cristina Del Vecchio e Maria Luiza Lourenço (2015), refletem a dinâmica social de seu tempo, ao engendrarem modos de relacionar-se, naturalizando e estimulando, por meio dos grupos, alguns modos de agir e reprimindo ou punindo outros, fazendo com que as pessoas enquadrem seus corpos e seus relacionamentos nessas demandas. Ainda se pode considerar, com base em Garcia e Maia (2013), diante da fragilidade das relações humanas e, também, dos aspectos repressivos sobre a sexualidade, que modelos são impostos e a autonomia de relacionar-se é preterida.

Todos os elementos que abarcam o campo da sexualidade, logo, das relações afetivossexuais, manejados pelos diversos grupos sociais, seja pelo contato face a face ou por qualquer outro tipo de produção, configura-se enquanto Educação Sexual, sendo intencional ou não. Todavia, uma Educação Sexual coerente com tudo já apresentado e de acordo com Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011):

Deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade (p.79).

Considerando os aspectos teóricos e tendo em vista que o *YouTube* também é um espaço em que há Educação Sexual ao qual milhões de pessoas têm acesso, como identificado nos trabalhos de Juliana Freire Gutmann, Edinaldo Mota Junior e Fernanda Mauricio Silva (2019), Lígia Campos de Cerqueira Lana (2017) e Pricila Christiane Rodrigues Guimarães e Gilson Cruz Júnior (2019). Bem como se deve considerar, corroborando com a afirmativa de Guimarães e Cruz Júnior (2019), que “os conteúdos no *YouTube* também podem levar os internautas a refletir sobre seus próprios comportamentos e atitudes, ao serem sensibilizados por canais e vídeos sobre temas presentes em seu cotidiano” (p. 238). Justifica-se a necessidade de análises sobre os conteúdos relativos às interações afetivossexuais disseminados na plataforma do *YouTube*, com o intuito de avaliar que tipo de Educação Sexual está sendo promovida, quais informações sobre os corpos e seus relacionamentos amorosos são apresentadas e realizar uma análise crítica, de acordo com o referencial teórico selecionado.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

- Identificar os vídeos informativos mais acessados na plataforma do *YouTube*, no Brasil, que abordem sobre os relacionamentos amorosos e analisá-los criticamente.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar os vídeos informativos sobre as relações amorosas com o maior número de visualizações, filtrado com a palavra-chave “relacionamento amoroso”;
- Acessar o conteúdo verbalizado no vídeo;
- Esquadrinhar as informações de acordo com o método;
- Analisar criticamente o conteúdo do vídeo com base no referencial teórico.

2. MÉTODO

2.1 Tipo de Pesquisa

Fundamentado em Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas (2013), e Ricardo Desidério da Silva (2015), entende-se que o conhecimento científico não é senso comum, sabedoria, bom-senso ou ideologia, não é um produto acabado, mas um processo resultante de questionamentos, coordenados por procedimentos metodológicos adequados ao que se propõe investigar, no âmbito da compreensão dos fenômenos apresentados. Em relação ao compromisso de criticar ou questionar algo, Prodanov e Freitas (2013) afirmam que: “[...] não é apenas resmungar contra e/ou falar mal, desvalorizar, mas articular discurso com consistência lógica e capaz de convencer” (p. 16). Assim, nesta pesquisa, articulou-se as informações coletadas com o referencial teórico utilizado.

O conhecimento é resultado de pesquisa científica, sistemática e com intuito de dar respostas às questões motivadoras. Contudo, conforme enfatizam Helen de Castro Silva Cesarin e Samuel José Cesarin (2012): “para chegar à solução de um problema, o cientista ou pesquisador deve partir do conhecimento existente sobre o tema, adotar procedimentos sistematizados e seguir uma rigorosa metodologia científica” (p. 29). Sendo assim, este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa descritiva do tipo documental.

A pesquisa qualitativa tem um enfoque no processo e seu significado. Sem a necessidade de análises estatísticas, entretanto, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de sentido são centrais (Prodanov & Freitas, 2013). Tal como Arilda Schmidt Godoy (1995) discorrerá, “considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (p. 23), assim, proporcionando uma organização interpretativa baseada na experiência com os dados coletados.

Esta pesquisa também pode ser caracterizada como descritiva, pois se refere à descrição e registro dos fatos observados pelo pesquisador, neste caso os conteúdos dos discursos (Prodanov & Freitas, 2013). Por fim, compreende-se o tipo documental sob uma perspectiva ampla, nos mais diversos tipos de documentos, incluindo vídeos. Levando em consideração que, caso os dados tenham sido analisados por outros estudos, não invalidar-se-ia uma reinterpretação, como ressalta Godoy (1995), na asserção de que “o exame de

materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental” (p. 21).

2.2 Objeto de Análise

Os documentos analisados nesta pesquisa (objeto de análise) são os três vídeos mais acessados (com maior número de visualizações), informativos, sobre as relações amorosas na plataforma do *YouTube*. Informativos no sentido de informar, orientar, encaminhar e/ou explicar algo sobre o assunto, excluindo vídeos musicais, filmes, seriados, animações e outros que não se enquadrem na categoria de informativos.

2.3 Procedimento

Conforme afirma Godoy (1995), uma pesquisa documental se configura em três aspectos: 1) a escolha; 2) o acesso e 3) a análise dos documentos. Segundo a autora, primeiramente: “A escolha dos documentos não é um processo aleatório, mas se dá em função de alguns propósitos, ideias ou hipóteses” (p. 23). Nesta pesquisa, a seleção dos objetos/documentos se caracterizou por meio dos filtros da plataforma de vídeo do *YouTube* (Figura 1), mais especificamente na contagem de visualizações, por meio da palavra-chave/termo “relacionamento amoroso”, escolhida por representar o propósito, ideia e hipótese deste estudo. Por fim, foram selecionados os três vídeos mais acessados, excluindo-se aqueles que não se encaixavam nos critérios do objeto de análise.

The screenshot shows the YouTube search results page for the query "relacionamento amoroso". A filter menu is open, displaying various options for filtering the search results. The filter menu is titled "FILTRO" and has the following columns: DATA DO UPLOAD, TIPO, DURAÇÃO, CARACTERÍSTICAS, and CLASSIFICAR POR. The options listed are:

DATA DO UPLOAD	TIPO	DURAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	CLASSIFICAR POR
Última hora	Vídeo	Curto (- de 4 min)	Ao vivo	Relevância
Hoje	Canal	Longo (+ de 20 min)	4K	Data de envio
Esta semana	Playlist		Alta Definição	Contagem de visualizações
Este mês	Filme		Legendas/CC	Classificação
Este ano	Programa		Creative Commons	
			360°	
			VR180	
			3D	
			HDR	
			Local	
			Comprado	

Figura 1. Filtros da plataforma do *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=relacionamento+amoroso&sp=CAM%253D

Para a análise das informações, orientou-se a partir de uma abordagem qualitativa, empregando o instrumental metodológico da Análise de Conteúdo na modalidade Temática.

2.4 Análise de Dados

A Análise de Conteúdo pode ser aplicada a qualquer forma de comunicação e em diversos tipos de discursos, nos quais os sentidos podem ser desvendados, desvelando, pelo pesquisador, características, modelos e estruturas, por meio dos fragmentos analisados (Godoy, 1995). Tal método, conforme indicam Claudinei José Gomes Campos (2004), demanda um equilíbrio entre a técnica e a subjetividade, para que não prejudique a criatividade e a capacidade intuitiva do pesquisador e que os seus valores não contaminem os dados.

Aborda-se o método como proposto por Laurence Bardin (1977/2016), caracterizado como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 48).

A modalidade temática se refere à descoberta dos núcleos de sentido, como apresentado pela autora: “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (Bardin, 1977/2016, p.136).

A aplicação da Análise de Conteúdo se configura consoante a três passos básicos: Pré-análise, Exploração do Material e o Tratamento dos Resultados e Interpretação. Como entendido por Silva (2015): a organização do material, operacionalização e sistematização das ideias iniciais correspondem à Pré-análise; a fase que tende ser mais extensa,

demandando codificações, comparações entre outras operações, construindo o dado por meio do contato exaustivo com os documentos, caracteriza a Exploração do Material; e, por fim, a etapa em que se agrega sentido aos dados, e são postas inferências em articulação com as questões da pesquisa e o arcabouço teórico, define o Tratamento dos Resultados e Interpretação.

A Codificação se dedica a transformar os dados brutos, em uma representação do conteúdo e a Categorização, organizar as informações, tornando evidentes elementos que não estavam tão visíveis (Urquiza & Marques, 2016). Ainda em relação a essa etapa, Silva (2015) coloca que: “nessa fase é importante ter em mente que o dado não existe por si só, ele é construído a partir de um questionamento e através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos para identificar o que é relevante e elaborar categorias (p. 84)”. A última etapa, é estabelecida pela articulação entre os dados e o referencial teórico, neste caso, organizado em temáticas em que são expostas congruentemente as interpretações.

3. UM BREVE RECORTE SOBRE AS CONSTRUÇÕES TEÓRICAS RELACIONADAS ÀS INTERAÇÕES AFETIVOSSEXUAIS NOS NÍVEIS FILOGENÉTICO, ONTOGENÉTICO E CULTURAL

Conforme já introduzido, as interações afetivossexuais são analisadas por distintos campos de conhecimento. Isto posto, diversas áreas de conhecimento serão aqui abordadas e alguns dos seus conhecimentos brevemente apresentados por um prisma consoante com a diversidade e possibilidades de corpos e relações.

Além disso, corrobora-se com a ideia de Emanuelle Castaldelli Silva e Carolina Laurenti (2016) de que a compreensão multidimensional do ser humano engloba aspectos históricos e processos enquanto espécie, indivíduo e sociedade. Considerando que as interações afetivossexuais são uma faceta da vida humana, envolvida por essa multidimensionalidade, se faz jus à breve exposição das interações por esses três níveis, dando importância a integralidade biopsicossocial.

Neste trabalho, apenas a ontogênese terá a explanação exclusiva no embasamento teórico da Análise do Comportamento, para consistência interna na análise dos processos psicológicos, bem como, há a finalidade de promover reflexões e uma postura crítica em relação à dinâmica idiossincrática nas interações afetivossexuais. De modo que, aos outros níveis, possibilitará, com manejos singulares, o acesso a conhecimentos específicos quanto à descrição dos fenômenos.

No nível evolutivo, aborda-se distintos olhares sobre o mesmo tema, a fim de problematizar e advogar a favor da diversidade, manejo escolhido por entender que se trata de um campo de conhecimento comumente utilizado para estabelecer regras de funcionamento sobre os corpos, atribuindo valor de naturalidade. Além disso, diversas pessoas se apropriam, frequentemente, embasando discursos de preconceitos e limitantes diante das possibilidades.

Já no nível cultural, apresenta-se uma multiplicidade de autoras e autores, por exemplo, do campo da sociologia, história, filosofia e educação, às vezes com compreensões particulares em alguns conceitos, mas sempre consoantes com a diversidade de corpos e problematizadores das práticas hegemônicas. Optou-se por essa variedade, a fim de abarcar os diversos aspectos na amplitude do tema, no nível em questão, diante dos vários olhares que comunguem reflexões congruentes com as proposições definidas.

3.1 Filogênese: reflexões sobre aspectos evolutivos

Informações evolutivas e seus desdobramentos genéticos e biológicos são frequentemente utilizadas para categorizar como “natural” e/ou inatos determinados comportamentos, principalmente aqueles que estão congruentes com a ideologia de quem o convém. Por vezes, a informação é utilizada como ferramenta de controle social e argumentativa no manejo dos corpos e suas relações. Assim sendo, este subtópico tem o desígnio de apresentar perspectivas, advogando em prol da diversidade e potencialidades.

Procurar bases biológicas de comportamentos é uma prática recorrente, porém, a questão é a interpretação, quando o fragmento biológico não é descrito como parte de uma trama complexa de variáveis, tampouco como decorrente das modificações corporais resultantes das interações, mas como causa dos comportamentos. Contrapondo esse uso recorrente, profissionais desses campos de conhecimento, como Robert Plomin, John C. Defries, Gerald E. McCleam e Peter McGuffin (2011), apresentam que a interação com o ambiente pode mudar a forma como o organismo humano funciona, incluindo, por exemplo, o cérebro e a própria expressão gênica. Tão logo, os profissionais destacam que, ao descobrir informações biológicas, a relação com os comportamentos deve ser avaliada e não presumida.

Ainda, reforçando a perspectiva crítica em relação aos conhecimentos disseminados, Olga E. Rodriguez-Sierra (2016), em seu ensaio, resume que:

Os estudos que investigam se existem diferenças entre o cérebro “masculino” e “feminino” procuram implicitamente naturalizar categorias que não só têm componentes biológicos, mas também componentes culturais e sociais. Assim, observa-se que tanto periódicos científicos como meios de comunicação tendem a relatar com maior frequência aqueles estudos que reafirmam a interpretação binária do sexo / gênero como algo dimórfico, fixo e estático. No entanto, consideradas em conjunto, as evidências são inconsistentes e não revelam grandes diferenças entre os sexos / gêneros. Por isso, recomenda-se incluir no debate público um questionamento das categorias que assumimos como naturais, para assim evitar posições essencialistas e deterministas (p.56).

Identifica-se, nos trabalhos de David M. Buss (2006) e Wallisen Tadashi Hatori e Felipe Nalon Castro (2017), várias informações teóricas, mais tradicionais, sobre as interações afetivossexuais no nível evolutivo, como a seleção sexual, competição intersexual, competição intrasexual, investimento parental e a teoria das estratégias sexuais. Todas baseadas na reprodução e manutenção da espécie.

Ao aglutinar as informações, entende-se que, devido ao fato de a espécie humana necessitar da reprodução de forma sexuada para sua sobrevivência, diversas características biológicas foram selecionadas e que, em interação com o ambiente, aumentou a probabilidade de interação para reprodução e manutenção da prole. Diante disso, destacam-se algumas características: a atração por corpos com características humanas; atributos representativos de saúde associados a bons genes; capacidade de produção e acesso a recursos; atratividade por características físicas do sexo oposto; competição entre aqueles que buscam individualmente a mesma compensação; interesse para relacionamento de longo prazo por quem tem maior investimento parental; e atração por aqueles que apresentam comportamentos de bom convívio social. Sendo que o valor dessas características, de acordo com Hattori e Castro (2017), podem variar segundo o sexo, condições do indivíduo, contexto e cultura.

Percebe-se que a perspectiva evolutiva é frequentemente direcionada às relações cisheterossexuais, provavelmente por ter a reprodução sexuada como fundamento. Contudo, as relações afetivossexuais não se resumem a essa configuração. Aline Beckmann de Castro Menezes e Regina Célia Souza Brito (2007) dialogam com outros autores que defendem a bissexualidade como o padrão predominante, transcendendo à função reprodutiva da atividade sexual, relacionado às características que não tinham, necessariamente, um valor evolutivo, mas que foram selecionadas por estarem interligadas com outras que o tinham. Dentre as funções para além da reprodução, identificou-se o prazer, sendo o corpo suscetível a diversas estimulações sexuais. Considerou-se o prazer como um elemento para formação de vínculo entre os parceiros, favorecendo o aumento da probabilidade de sobrevivência da prole, decorrente dos cuidados promovidos por essa relação. Tal hipótese coloca o comportamento homossexual como um subproduto do prazer, decorrente da plasticidade sexual e a exclusividade como uma produção social.

Aprofundando-se no aspecto afetivo, Ana Lúcia Nogueira Braz (2006) apresenta que as pressões ambientais e organizações socioculturais fomentaram um processo evolutivo significativo para as relações afetivas humanas. A autora salienta que o bipedismo, a posição ereta, promoveu mudanças nos vínculos, estabelecendo o contato face a face, associado às interações sexuais e criando condições para se estabelecer confiança, pois a parte mais vulnerável, o tórax, ficava exposta. Ela, ainda, considera que outro aspecto primordial é a própria condição básica do ser humano, relativo à sua vulnerabilidade biológica e a necessidade de constante cuidado para sobrevivência no início da vida, em que se estabelecem as relações de dependência e os entrelaçamentos afetivos. Assim, o cuidado, a

proteção e o afeto são considerados variáveis importantes para o desenvolvimento humano e a manutenção da espécie. Tais como comportamentos apresentados no cuidado com os bebês podem, também, ser expressos nas interações afetivossexuais, em tese, fortalecendo os laços.

O campo das interações afetivossexuais é amplo e complexo, Hellen Fisher (1994) identifica vários elementos presentes nos relacionamentos amorosos, argumentando sobre seu valor evolutivo e o aparato biológico envolvido, em uma visão naturalista, ainda tradicional. Mesmo que em muitos momentos seja perceptível a tendência à causalidade biológica e a “naturalização” de alguns comportamentos, identifica-se diversas possibilidades de relacionar-se amorosamente, por vezes representando a naturalidade em pontos antagonistas. Por exemplo, a capacidade de estar em uma relação de exclusividade e prioridade sexual e amorosa com alguém e de vincular-se com várias pessoas, para ambos os sexos.

Considera-se que, o fato de os comportamentos serem associados às funções evolutivas representa as possibilidades do que o corpo pode fazer e não com regra ou delimitações, visto que o ato de observar, naturalizar e normatizar determinados comportamentos, depreciando outros, fundamentando-se em argumentações evolutivas, genéticas e/ou biológicas é mais representativo dos controles sociais do que a realidade sobre os corpos.

3.2 Ontogênese: aspectos psicológicos em uma perspectiva analítico comportamental

Diversas teorias descrevem os fenômenos amorosos, fragmentando-os e categorizando-os, explicando as relações por meio das interações dessas categorias, como a “Teoria dos estilos de amor”, de John Alan Lee (1988), e a “Teoria triangular do amor”, de Robert J. Sternberg (1988). Outros, entretanto, como Fabio Scorsolini-Comin e Manoel Antônio Santos (2010) e, José Augusto Evangelho Hernandez e Ilka Maria Biasetto de Oliveira (2003), direcionam-se aos fragmentos do relacionamento, por exemplo, a satisfação conjugal. No entanto, nesta pesquisa, optou-se por um modelo psicológico mais amplo, que aborde as relações humanas em suas diversas facetas, inclusive a afetivossexual.

Dessa forma, dentre as teorias psicológicas, aborda-se a Análise do Comportamento, cujo campo de conhecimento é vasto, apresenta recursos filosóficos, teóricos, aplicados e experimentais para pensar o ser humano nas suas diversas relações e em consonância com a diversidade, potencialidades e pluralidades de corpos e relacionamentos.

A Análise do Comportamento, conforme Mecca Chiesa (2006), é um campo teórico-científico fundamentado em uma abordagem relacional integrativa, comprometida com o estudo do comportamento humano, embasada na filosofia denominada Behaviorismo Radical. Compreende que o comportamento humano é um processo resultante de três níveis de seleção, a saber: filogenético, ontogenético e cultural. Salienta-se que comportamento não é só uma ação, mas sempre uma interação. Para essa teoria, o ser humano interage com o mundo, transformando-o e sendo transformado, de forma fluída e dinâmica, bem como explica as interações por meio dos mais diversos processos comportamentais. Assim, devida a vastidão de seu campo de conhecimento, serão apresentadas apenas algumas construções teóricas consideradas pertinentes para leitura da interação dos corpos no âmbito afetivossexual, em sua conjuntura amorosa. Porém, antes de aprofundar na compreensão sobre os relacionamentos em si, cabe devotar algumas asserções sobre a sexualidade dos corpos, por ser um elemento base para interação afetivossexual.

Isso posto, em 1950, Fred S. Keller e William N. Schoenfeld (1950/1973) já apresentavam que a diversidade sexual considerada “anormal” seguia as mesmas regras de aprendizagem dos comportamentos “normais”, o que tornava as pessoas diferentes era o julgamento social, por conflitar com as normas e valores dominantes da cultura que faziam parte.

Em relação às possibilidades de prazer, Richard W. Mallot (1996) apresentou a proposição de que os corpos humanos são multissexuais, sujeitos a múltiplas formas de estimulação e que o julgamento sobre os estímulos experienciados pelo corpo por meio dos sentidos estão além das potencialidades, são vividos e influenciados por avaliações e condicionamentos sociais. Ainda, complementa-se com a afirmação de Vânia Lúcia Pestana Sant’ana (2003), de que a resposta sexual fisiológica dos corpos é a mesma independente do objeto de atração. Assim, pode-se aventar que não são os corpos que têm algum tipo de problema em sua sexualidade, mas o contexto social que os torna um problema, muitas vezes, por meio de coerção, limitando suas potencialidades e, logo, moldando seus desejos e experiências.

Em uma análise comportamental sobre as práticas sociais coercitivas na consciência individual, Murray Sidman (2009) dialoga que:

Se frutos proibidos continuam a nos trair, a comunidade haverá de nos considerar como tendo consciência fraca e sendo, portanto, perigosos. Mesmo sem burlar a lei, podemos nos

descobrir com problemas. Simplesmente adotar um estilo de vida incomum pode nos colocar em conflito com a comunidade mais ampla; ela considera o diferente como não-confiável. Também podemos nos sentir em guerra conosco quando somos fortemente tentados a fazer coisas que aprendemos a chamar de “ruins” ou “perigosas”, ou quando nos descobrimos realmente “indo contra nossa consciência”. Não apenas a comunidade deixa de confiar em nós porque não podemos nos controlar, mas é provável que não confiemos ou que desprezemos a nós mesmos. Estas características distintivas de desordens de personalidade e de neuroses são subprodutos adicionais das práticas coercitivas que a comunidade usa para estabelecer a consciência individual (p. 203).

Nota-se que práticas sociais coercitivas, além de cercear os corpos, faz com que sejam coercitivos consigo mesmos e frequentemente com os outros. Ressalta-se, ainda de acordo com Murray Sidman (2009), que vários grupos de profissionais estabelecem padrões de normalidade, fundamentados em informações arbitrárias, necessitando de conformidade com crenças representativas de seus preconceitos. Um exemplo foi o uso de técnicas comportamentais para as chamadas terapias de “reorientação” sexual, ou como apresentadas por Táhcita Medrado Mizael (2018), esforços de mudança de orientação sexual, cujo intuito era o de modificar o objeto de atração dos corpos homossexuais. Entretanto, estudos mais recentes sobre esses procedimentos demonstraram sua ineficácia e os efeitos nocivos para os submetidos.

Assim sendo, considera-se evidente a ineficácia desse tipo de procedimento, pois reduzem a sexualidade à atração sexual, forçando uma conformidade dos corpos com determinados valores sociais. Enquanto o corpo representa um âmbito complexo da vida humana que envolve, por exemplo, diversos comportamentos entrelaçados e seus sentimentos, resultantes de articulações dinâmicas entre os três níveis de seleção que o corpo não escolhe, simplesmente vivência e, assim, não precisa de tratamento, mas aceitação e respeito. Isso posto, corroborando com James G. Holland (1978), cabe a distinção da Análise do Comportamento como campo de conhecimento e seus profissionais. A primeira é o conhecimento em si, um instrumento com grande potencial para transformação social, mesmo que os profissionais nem sempre se a utilizam para tal fim, por vezes, fazendo o uso de maneira a reforçar as práticas hegemônicas fundamentadas em dogmas e expressas em preconceitos, discriminações, segregação e dominação.

A premissa básica da Análise do Comportamento, do ser humano como um organismo que se comporta em uma trama articulada pelos três níveis de seleção, demonstra a grande

complexidade e a imensidão de possibilidades em relação a si e ao mundo. Avigora-se a visão das autoras Emanuelle Castaldelli Silva e Carolina Laurenti (2016) que consideram e apresentam: o organismo em sua condição mais básica como resultante do nível filogenético; a pessoa, o corpo que se comporta no mundo como produto da ontogênese; e o corpo com seu saber sobre si, seu *self*, resultante da cultura e seus processos mais complexos de socialização. Ainda de acordo com as autoras (ibid.), para essa teoria não há uma essência, seja ela qual for, por exemplo, masculina ou feminina, mas processos complexos que influenciam nos modos de existência de cada ser humano. Enfim, quando se trata das interações afetivossexuais, é necessária a devida compreensão de que são dois corpos ou mais, complexos, em interação. Portanto, duas ou mais histórias resultantes dos três níveis de seleção em interação. Desse modo, introduz-se o assunto com a asserção de Burrhus Frederic Skinner (1991), ao apresentar que:

Tudo o que os amantes fazem no sentido de ficarem juntos ou de evitarem a separação é reforçado por essas consequências, e é por isso que eles passam juntos o maior tempo possível. Nós descrevemos o efeito interno de um reforçador quando dizemos que ele “nos dá prazer” ou “faz com que nos sintamos bem” e, nesse sentido, “Eu te amo” significa “Você me dá prazer ou me faz sentir-me bem”. Mas as contingências responsáveis pelo que é sentido devem ser analisadas posteriormente (p. 16).

Cabe esclarecer que o termo reforçador utilizado pelo autor incumbe-se do efeito de eventos consequentes das condições e ações do corpo, que, em contingência, aumentam a probabilidade de a interação em questão ocorrer novamente. Ainda de acordo com Burrhus Frederic Skinner (1991), as contingências são relações de dependência entre eventos, com seu caráter probabilístico. Eventos podem ser condições, consequências, que evocam, eliciam e afetam a probabilidade, frequência e a intensidade dos comportamentos, emoções e sentimentos. Dessa forma, os corpos se comportam, transformando o ambiente e, por consequência, sendo transformados por ele, influenciando a probabilidade de recorrência da cadeia de eventos (Skinner, 2003). Para a Análise do Comportamento, os sentimentos não causam comportamentos, mas são resultantes da interação entre os corpos. Interagir é comportar-se, assim, o corpo interage e, nesse processo, sente. À vista disso, a compreensão do fenômeno emerge a partir da análise das interações nas contingências envolvidas.

Os corpos se atraem, se amam, devido à influência de diversos fatores, como: a suscetibilidade a estímulos sexuais resultantes de um processo evolutivo; as peculiaridades fruto de uma história individual resultantes de processos operantes; e, por fim, da conjuntura social com suas práticas culturais, normas, leis e valores (Skinner, 1991). Tendo isso em vista, corroborando com a ótica de Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico e Roberta Kovac (2013), compreende-se o relacionamento amoroso como interação social entre os corpos, resultante dos três níveis, em que duas, ou mais pessoas, comportam-se uma em relação à outra, ou juntas, em relação ao ambiente, influenciado pelo contexto histórico e social do qual se faz parte.

Parte-se do princípio de que não há um modo certo ou errado de relacionar-se. Existem discursos, modelos, orientações, normas, leis e valores sociais, políticos, econômicos, religiosos, morais e científicos que influenciam e controlam os corpos, seus arranjos amorosos e o manejo da dinâmica relacional. Tal como no campo peculiar da relação estão presentes dois indivíduos ou mais, resultantes de suas histórias nos três níveis e que possuem suas condições, necessidades, capacidades e potencialidades biológicas, psicológicas/emocionais/comportamentais e sociais. De maneira que, com seus modos de funcionar, expressam-se e se comportam um em relação ao outro e em relação ao ambiente, resultando em eventos que afetam as interações em probabilidade, função, topografia, frequência e/ou intensidade. Também pode haver conflito entre as demandas sociais, do casal e individual.

Desde o nascimento, os corpos necessitam de mediadores para acessar eventos, por exemplo, alimentação e alívio de desconfortos, que podem ser consequências reforçadoras para a interação. Desse modo, a relação de que é com um outro que se conseguirá acessar determinados eventos é reforçada. Cabe ressaltar que, na maior parte dos casos, as pessoas não percebem, nem discriminam, apenas vivenciam. Com o passar dos anos, os corpos aprendem e/ou são socialmente possibilitados a acessarem determinados eventos e outros não. Tanto que há discursos e contingências que estabelecem as relações de dependência de modo explícito e/ou implícito, como as definições de “isso é coisa de homem” e “aquilo é coisa de mulher”, ou, “você só será feliz quando encontrar o amor da sua vida”.

Viver em sociedade é necessitar de mediadores, porém a configuração passa por um crivo de discursos e manejos políticos, econômicos, religiosos, sociais, científicos e pedagógicos. Ainda, pode-se atrair e se dizer apaixonado(a) por pessoas que produzem

eventos na relação com o mundo e direta consigo, representando e/ou propiciando acesso a eventos significativos, que aumenta a probabilidade de estar em relação.

Como apresentado, o outro pode ser o mediador, tendo valor equivalente por emparelhamento a aquilo que se produz em relação. Nazaré Costa e Romariz da Silva Barros (2010) postula que, quando uma terceira pessoa surge e interage com este outro, dependendo de quem ela for, do tipo de interação, se por conseguinte, sinalizar competição, a ameaça, que traz o medo da perda, pode evocar o que se denomina de comportamento emocional ciumento, o fenômeno do ciúme, que também é socialmente associado como efeito ao que se nomeia como “amor”.

A história ontogenética representa a história pessoal de cada corpo em um contexto arranjado socialmente. Nessa jornada, o corpo vivencia diversos processos, inclusive na dinâmica de mediação e autonomia, e seus desdobramentos. Por exemplo, as contingências e os sentimentos de autoestima e autoconfiança. Antes de se tornarem “auto”, é necessário que tenham um ambiente social que as estime verbal e afetivamente, para além das suas ações e conquistas, para que as pessoas aprendam com o tempo a estimarem a si mesmas, e que, também, organizem o ambiente de forma que favoreça com que elas produzam consequências que aumentem a probabilidade de ocorrência de seus próprios comportamentos, assim, estimulando a relação e o sentimento de confiança para si, conforme apresenta Hélio José Guilhardi (2002). Entretanto, precariedades nesses processos podem fazer com que a pessoa se atraia e dependa muito mais de um mediador, que a estime e/ou que produza consequências no ambiente, por discriminar que ela mesma não é capaz. Salienta-se que depender de um mediador não é problema em si, apenas um possível desdobramento que tem seus efeitos, como em qualquer comportamento.

Existem efeitos resultantes dos processos comportamentais que são muito interessantes e que podem ser pertinentes de serem comentados. Eventos consequentes da interação, além de aumentar a probabilidade que ocorra novamente, tendem a promover diversas sensações de bem-estar e diminuição da variabilidade e frequência de outros comportamentos (Skinner, 2003). Assim, por exemplo, relacionar-se com uma companhia amorosa que promove tais consequências, reduz a probabilidade de envolvimento com outras pessoas. Considera-se que a proporcionalidade desse efeito é relativa à história de vida e ao cenário sociocultural de cada pessoa.

Outro processo se configura com o cessar do acesso destes eventos consequentes. Nesta condição pode eliciar reações emocionais, como frustração, raiva e o aumento da

variabilidade e frequência de outros comportamentos (Skinner, 2003). Posto isso, por exemplo, quando a companhia amorosa para de produzir os eventos significativos para os comportamentos do outro, este pode comportar-se de diferentes formas para que os eventos voltem a ser produzidos e/ou buscar em outras relações.

Há pessoas que preferem ficar em um relacionamento mesmo com vários eventos aversivos, incluindo violências. “Antes mal acompanhado do que só”, assim que Maria Carolina G. B. De Carvalho e Carlos Augusto de Medeiros (2005) abordam essa questão e levantam diversos aspectos que podem estar envolvidos, tal como o controle por regras, principalmente aquelas que expressam grandes aversivos ou perdas irreparáveis com o fim da relação. Sinalizam, também, a influência social sobre as pessoas, estimulando-as a terem uma relação e punindo caso não ocorra. Ainda, os autores (ibid.) apresentam que: a posse, competição, privação, aversão ao risco, dependência e disponibilidade de interação sexual influenciam nessa condição.

Na vida simplesmente interagimos, temos pouca consciência sobre os fatos, no sentido de saber descrever e discriminar as relações. Não sabemos quem somos, aprendemos isso com o outro, de forma direta e indireta, sendo um fenômeno impreciso (Skinner, 2003). Um aspecto, por exemplo, são os sentimentos que, de acordo com Guilhardi (2002), “são manifestações corporais que ocorrem na interação entre a pessoa e seu ambiente físico ou social e que recebem um nome arbitrário, convencionado pelo grupo social com que a pessoa vive” (p. 48). Assim, de acordo com Olivia Justen Brandenburg e Lidia Natalia Dobrianskyj Weber (2005), considera-se que ter consciência dos eventos da própria história e dos processos que os configuram promove autoconhecimento, que, por conseguinte, aumenta a sensação de liberdade, por favorecer a maior compreensão de possibilidades para manejar os próprios comportamentos e suas relações. Julga-se de suma importância esclarecer que o corpo não tem uma consciência, mas se comporta de forma consciente, descrevendo e discriminando as relações entre as variáveis.

A Análise do Comportamento reconhece a influência e importância das práticas culturais nas interações afetivossexuais, pois afetam o arranjo da experiência individual, bem como os relacionamentos. Por exemplo, em conformidade com o que indicam Leandro Herkert Fazzano e Alex Eduardo Gallo (2015), a homofobia representa um contexto social extremamente punitivo, de preconceitos e violências, que influencia diretamente a forma como os corpos do mesmo sexo e/ou gênero se relacionam amorosamente no âmbito público e até mesmo no privado, sendo que vários evitam relacionar-se por medo das punições.

Outro exemplo, que afeta principalmente um dos arranjos amorosos mais comuns, é o padrão cisheteronormativo. Em seu trabalho, Jordana Fontana (2019) apresenta como as práticas sociais de dominação masculina distribuem os poderes. Logo, o acesso às possibilidades, de forma desigual entre os sexos, subjuga o feminino, favorece e facilita o acesso ao masculino, mantendo-os no controle da fonte e distribuição de poderes, principalmente no espaço público. Sinaliza, também, como tais práticas influenciam na relação amorosa, favorecendo os abusos de poder, impelindo a atratividade, as escolhas amorosas e a dinâmica do casal em prol da manutenção das relações de dominação.

As práticas culturais passam por diversas transformações, alguns aspectos se mantêm e outros não, influenciando na mudança das contingências, logo, nos comportamentos, normas e valores no decorrer da história. Do mesmo modo, afetam as interações amorosas, como citado por Helen Carolina Ferreira Pereira (2013), quando afirma que:

Antes a mulher que precisava casar pelo fato de ter quem a sustentasse, e para ter o respeito das pessoas de sua comunidade verbal, agora pode ter acesso a reforçadores sociais para o seu comportamento de outras formas, como através da profissão e das relações de amizade. Diante disso a mulher na atualidade ficou mais livre para escolher um parceiro que possa satisfazer suas necessidades pessoais (p. 16-17).

Ainda assim, entende-se que mesmo transformando alguns comportamentos, determinadas estruturas sociais podem manter-se em hegemonia, por exemplo, a dominação masculina e as discriminações raciais.

Por fim, considera-se que a Análise do Comportamento pode ser utilizada em consonância com a diversidade, potencialidade e pluralidade de corpos e relações, como recurso para problematizá-las. Pois, tal perspectiva não faz distinção de corpos, possui um olhar não essencialista para o ser humano e uma leitura multidimensional, não tem a finalidade de impor valores, modos de ser e/ou relacionar, apenas descrever processos que ilustram e ajudam a compreender algumas possibilidades, desdobramentos, manejos e reflexões sobre si e suas relações.

3.3 Cultura: olhares sobre a complexidade sociocultural

Aborda-se o nível de aspectos socioculturais em seu sentido mais amplo, considerando aspectos históricos, econômicos, sociais, políticos, religiosos, científicos, culturais, artísticos, midiáticos, entre outros. Nesse sentido, diversas autoras e autores são apresentados, a fim de articular distintas perspectivas, consoantes com a diversidade de corpos e pluralidade de relações relativas aos fenômenos abordados.

O contexto social que envolve os corpos, circunscrevendo os modos de agir, conforme a cultura, suas práticas e desdobramentos com base em determinados atributos, como o sexo, gênero, classe social, raça, etnia, idade, sem dúvidas, influenciam na forma como se relacionam amorosamente. Essas complexidades foram evidenciadas por diversos autores, por exemplo, Almeida (2017), Bourdieu (2012), Bozon (2004), Foucault (2017a; 2017b; 2017c), Giddens (1993) e Lazdan e Ribeiro (2016). Até mesmo Buss (2006), que se dedica aos aspectos evolutivos, considera que as culturas variam muito no valor atribuído a certos elementos relacionados à sexualidade nas relações amorosas.

É inegável que, enquanto seres humanos, somos seres sociais. Inevitavelmente, todos os modos de ser e estar no mundo são influenciados e/ou resultantes de processos sociais. Para Michel Bozon (2004), a construção social é central na constituição da sexualidade humana e, tão logo, nos arranjos e interações afetivossexuais, representativos do contexto cultural do qual se faz parte.

O saber sobre o sexo e as verdades concebidas são evidenciadas em análises históricas acerca da sexualidade. Michel Foucault (2017a), por exemplo, identifica diversos discursos que constituídos em relação de poder configuram o que se denomina de dispositivo da sexualidade. Saberes que ditam verdades sobre o sexo, desejos e prazeres, controlando os corpos e suas relações. Da mesma forma que a própria vontade de saber sobre a sexualidade acaba influenciada pelas relações de poder. Qualquer discurso, seja ele social, político, jurídico, científico, pedagógico ou religioso, concebe diretrizes, manejos representativos de uma sociedade de controle.

Alessandra Munhoz Lazdan e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2016) retratam historicamente como as regras, crenças, mitos, atividades econômicas e organizações sociais influenciaram sobre as relações de gênero e os relacionamentos amorosos. Na Pré-história algo mítico pairava sobre o entendimento em relação ao poder da fêmea em dar vida a novos seres humanos, associado aos, ainda, incompreensíveis processos envolvidos da participação

do macho. Passando pelas mudanças ambientais, consolidando a revolução agrícola, promovendo transformações no estilo de vida e a supervalorização do macho no processo de procriação, subjugando a mulher e instaurando um modelo patriarcal. No período grego, em que a soberania masculina foi reforçada por grandes pensadores, as mulheres eram divididas em dois perfis: “a para se casar”, caracterizada como frígida sexualmente, dependente e submissa e “a amante”, pervertida, infiel e impura.

De acordo com Alessandra Munhoz Lazdan e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2016), a Igreja Cristã atribuiu ao casamento um valor sagrado, assentando a monogamia. Enquanto o Protestantismo, após a Reforma, outorgou-o como um contrato civil, flexibilizando os processos de divórcios. Por muito tempo, ao matrimônio, destinou-se a procriação e/ou cumprimento do contrato de casamento. Mais adiante, possibilitou-se o prazer, mas sem medidas contraceptivas e com o argumento de evitar os desejos do homem fora do casamento. De forma que o prazer feminino foi por muito tempo negligenciado e incompreendido.

A relação entre amor e ato sexual só foi concebida no século XX, quando, também, passou a ser argumento para o convívio entre casais, pois até então era configurado, geralmente, por aspectos religiosos e econômicos. Com a industrialização, mudanças na economia, movimentos feministas, entre outros, houve diversas transformações nos relacionamentos amorosos, por exemplo, identificando-se o aumento de divórcios solicitados por parte das mulheres. Atualmente se identificam, relativamente, relacionamentos mais autônomos, demandando dos pares reciprocidade e compartilhamento.

As interações afetivossexuais, seus contornos, possibilidades e arranjos se configuram na dinâmica social de seu tempo. Uma análise que também demonstra isso é apresentada por Anthony Giddens (1993), reforçando a informação de que, em determinados momentos na história, os vínculos se estabeleciam de forma mais recorrente por outras funções do que o sentimento entre os pares, porém, tais sentimentos, com o tempo, acabaram sendo evidenciados e considerados elementos essenciais para relacionar-se.

Esses sentimentos, muitas vezes categorizados como amor, são resultantes de dinâmicas complexas e multifatoriais, como estruturas sociais de distinções de gênero, dominação masculina, discursos religiosos, políticos, sociais, pedagógicos e científicos, variáveis econômicas, fatores históricos, aspectos individuais, entre outros. Dentre as diversas facetas, Giddens (1993) discorre sobre o amor romântico, possível de ser identificado como um ideal de amor, aparentemente revolucionário em seu momento histórico, porém

estritamente conservador quanto aos valores hegemônicos, configurando corpos que projetam em outros a alternativa das mínguas decorrentes dos imperativos sociais, por exemplo, fruto das diferenças entre gênero.

Contudo, muitos paradigmas não se restringem ao relacionamento cisheterossexual, eles influenciam a dinâmica amorosa de todos os corpos. Conforme a discussão de Anderson Ferrari, Danilo Araújo de Oliveira e Filipe Gabriel Ribeiro França (2018),

Esse desejo compartilhado originalmente entre os casais heterossexuais é transposto também para os/as homossexuais, num processo educativo que podemos chamar de heterossexualização das homossexualidades. Um processo que leva para as homossexualidades o que é desejado e considerado correto na heterossexualidade, como a monogamia e os modos de expressar os afetos pelo/a companheiro/a. Tal acontecimento acaba por aprisionar os casais em um modelo de amor idealizado e amplamente compartilhado pelas mídias e pelos artefatos culturais, considerando outras formas de amor como erradas, promíscuas ou inadequadas (p. 116).

Isso, conforme Frida Pascio Monteiro (2020), também é identificado em relacionamentos de pessoas transsexuais.

Todos os corpos e seus relacionamentos são afetados pelos sentidos construídos socialmente, entendendo que cada qual tem as suas particularidades. Tal como a “distribuição” social de poderes, fundamentada em uma lógica patriarcalista e androcêntrica, configurada a ponto de muitas mulheres desejarem companheiros amorosos que representem os estereótipos desse poder, estabelecendo o relacionamento amoroso predestinado socialmente, seguindo a mesma regra para os homens, desejando mulheres submissas para relacionamentos amorosos tradicionais (Bourdieu, 2012). Complementa-se a afirmativa com fundamento nos *scripts sexuais*, expressos na ordem interpessoal mais prática das relações amorosas, implicando-se no fenômeno da dependência mútua, coordenada pelas condições sociais, promotora de desigualdades, conflitos e acomodação, identificáveis na seguinte asserção de Michel Bozon (2004): “com poderes e recursos desiguais, os atores nem sempre compartilham o consenso que, aparentemente, existe no plano cultural, mas fazem concordar suas condutas sobre um fundamento de ritualidade social” (p. 131).

Outros autores e autoras corroboram em suas perspectivas em relação a implicação da dominação masculina sobre as mulheres na conjuntura amorosa. Anthony Giddens (1993) declara que:

Ao contrário da maioria dos homens, a maior parte das mulheres continua a identificar sua inserção no mundo externo como o estabelecimento de ligações. Muitos estudiosos têm observado que, mesmo quando um indivíduo está sozinho e apenas prevendo relacionamentos futuros, os homens em geral falam em termos de “eu”, enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressadas em termos de “nós”. A “fala individualizada” aparentemente na citação acima é qualificada por um “nós” sub-reptício – alguém que vai ser “amado e cuidado” e transformará o “eu” em “nós” (p. 63-64).

Outro estudo, de Eglacy C. Sophia, Hermano Tavares e Mônica L. Zilberman (2007), indica que, diante de angústias, vulnerabilidade e sofrimentos individuais, as mulheres tendem buscar amparo e vincular-se a um parceiro amoroso, e os homens tendem a vincular-se mais em relações impessoais, trabalho, jogo, *hobbies*, do que a uma relação amorosa. Sendo que ambos, dependendo da intensidade, se envolvem de forma considerada patológica.

Os corpos, investidos socialmente como homens e mulheres, em uma cultura androcêntrica e com práticas de dominação masculina, não são configurados para relacionar-se amorosamente de forma isonômica. Com base em Simone de Beauvoir (1967), entende-se que, nessa conjuntura, as mulheres são impelidas ao amor, na ausência de si, usurpadas socialmente e o poder é convencionando ao homem, um encantamento do que não é possível por si, complementa-se no amor e relacionamento com essa figura. Se antes a mulher era desapropriada de si, no relacionamento amoroso isso se fortalece, em uma ilusão de completude com aquilo que é do outro, ao demandar que seja menos de si e cada vez mais do outro, que se adeque às demandas do homem, que o sirva para além das suas vontades, desejos ou prazeres. No fim, não existem ganhos, estar sozinha e/ou sair de um relacionamento é viver em um limbo afetivo e de si, ou, estar com o outro e renunciar a si, ainda vivendo com medo de perder o representante de seu encarceramento.

Além das distinções e desigualdades de gênero, identifica-se uma condição agravante, a raça, especificamente preconceitos, segregações, discriminações e estigmatizações em relação às determinadas características físicas. Por exemplo, a mulher negra, de acordo com Tamyres Laysla Messias e Malú Flávia Porto Amorim (2019), apesar de também sofrer com a dominação masculina, como outras mulheres, historicamente passa por vivências singulares. Mulheres negras escravizadas, para as quais os trabalhos externos além do doméstico sempre fizeram parte da sua realidade, elas estão mais sujeitas à conjunção familiar monoparental, bem como à hipersexualização e objetificação de seus corpos, apenas para o prazer e satisfação sexual do homem. A condição de não serem escolhidas, amadas

e/ou desejadas para um relacionamento amoroso público e estável é frequente, sendo que isso promove o sentimento constante de solidão afetiva, até mesmo por parte dos homens negros, que, em muitas circunstâncias, escolhem as mulheres brancas. Elas sofrem, também, conflitos internos em relação as suas próprias características, principalmente as que destoam dos modelos de beleza associados a determinadas mulheres brancas.

Cabe dissertar, também, sobre os corpos que são configurados como homens. Da mesma forma que qualquer ser humano, os corpos não nascem sendo alguma coisa, tornam-se e com os convencionados como homens isso não é diferente. A princípio, corrobora-se com Judith Butler (2003) na afirmação de que os corpos não se conformam com os reiterados ditames sociais de gênero, apesar da tendência conformativa em atos performáticos. Cada qual a sua maneira, mas influenciados por uma masculinidade hegemônica, como apresentado por Raewyn W. Connell e James W. Messerschmidt (2013). Percebe-se que a busca performática em torno dos valores que representam a virilidade é constante e, ao mesmo tempo, uma cilada, como sinaliza Bordieu (2012), por impelir os homens a um constante controle de si e de seus pares. Transformar seres humanos em figuras de poder, homens, aos moldes de uma cultura machista, necessita, também, de estratégias que desumanizem esses corpos, contra tudo que represente fragilidade, porém são corpos humanos, frágeis por natureza.

Infere-se que os corpos nascem e são cuidados afetivamente sem grandes distinções devido ao seu sexo, com o passar dos anos as diferenças de tratamento ficam mais evidentes. O menino em determinado momento não pode mais chorar e demonstrar nenhum tipo de fragilidade. Em sofrimento emocional, não tem mais um ombro para chorar e/ou um abraço para acolher, e mesmo que tenha, os discursos sinalizam que eles não devem acessar esses cuidados, pois é demonstração de fragilidade. Na impossibilidade de poder mostrar-se frágil e acessar amparo, o corpo não deixa de sentir, assim, de acordo com Luís Santos (2015), o configurado homem omite diversos sentimentos e poucos são possíveis de serem expressos, restando, por exemplo, a agressividade e a raiva. Por vezes, sentimentos que são confundidos por aqueles que sentem. Na ausência da possibilidade de amparo diante da fragilidade, o acolhimento pode ser sentido pela via do reconhecimento. Cenário em que o menino/homem é constantemente exposto e colocado à prova. Nessa hipótese, o reconhecimento não é só uma valorização, mas um lugar de amparo, buscar reconhecimento não é apenas acessar possibilidades, mas também o afeto. Desempenhar, ter poder e posses, é emparelhado enquanto possibilidade de ter afeto e, seu oposto pode ser angustiante, pois perder poder ou

não conseguir desempenhar da maneira que o ambiente demanda, não é só perder o acesso a bens e possibilidades, mas ao afeto.

Essa conjuntura alicerçada em uma cultura de dominação masculina, no tratamento distinto de acordo com os gêneros influencia em inúmeros âmbitos da vida humana, até mesmo na organização de políticas públicas e cuidados com a própria saúde. Por exemplo, conforme Florêncio Mariano da Costa-Júnior, Bettina dos Santos Almeida e Rinaldo Correr (2019), as políticas públicas de cuidado à saúde, historicamente, promovem mais ações voltadas às mulheres do que aos homens, resultantes das concepções de gênero, como a fragilidade e o cuidado ligado ao feminino e a virilidade e força ao masculino. Ainda, um aspecto que configura as masculinidades, o repúdio às características convencionadas socialmente ao feminino, como a fragilidade, colabora para que os homens tenham escasso repertório de autocuidado, bem como afeta até mesmo a percepção dos e das profissionais de saúde que os atendem.

Os estudos sobre os relacionamentos amorosos se concentram no modelo cisheterossexual. No entanto, a população LGBTQIA+ também se relaciona amorosamente e sofre muitas repressões sociais, cada qual com suas particularidades. Como nos casais heterossexuais, os modelos afetivos construídos na infância influenciam nos relacionamentos homoafetivos na vida adulta, apesar de lidarem com particularidades em seu ambiente social (Oliveira & Sei, 2018).

De acordo com Anderson Ferrari, Filipe G. R. França e Nathalye N. Machado (2017):

A homossexualidade como uma prática inventada no século XIX deu origem a um entendimento de homossexual diretamente ligado à sua sexualidade como verdade a ser confessada, revelada e buscada no corpo, no desejo e no sentimento. A atração e não o amor era o que marcava esta subjetividade (p. 182).

Ainda consoante com os autores e a autora supracitados (ibid.), “ousamos dizer que as homossexualidades foram se aproximando do modelo heteronormativo de casamento, família e amor (p.183)”. Contudo, casais homoafetivos, conforme afirmam Geysa Cristina Marcelino Nascimento, Fábio Scorsolini-Comin, Anne Marie Germaine Victorine Fontaine e Manoel Antônio dos Santos (2015) e, Vicente Rodrigues e Mariana Boeckel (2016), sofrem diversos preconceitos por não seguirem a heteronormatividade da conjugalidade e da constituição familiar, entretanto, demonstram maior coesão e adaptabilidade que os casais heterossexuais.

As mudanças sociais contemporâneas, como: a intensificação do consumo; a exigência de mão de obra cada vez mais especializada; busca enfática pelos modelos de beleza e liberdade independente da faixa etária; tecnologias; redes sociais; e mídias, afetam o relacionar-se amorosamente de diversas formas, corroborando com a síntese de Roberto A. Banaco, Yara C. Nico e Roberta Kovac (2013) de que:

Em resumo, as grandes classes de respostas que a sociedade atual incentiva são: competir, controlar, procurar ser feliz (a qualquer preço e sempre, e a felicidade consiste em ser bonito, amado, saudável, ter maior quantidade de informação e não sentir nenhum sentimento ruim). O “outro”, em geral, é mais visto como uma fonte de prazer ou conforto pronto para nos servir, e não como um sujeito que também tem suas vontades e desejos a serem satisfeitos por nós. Quando o outro se torna sujeito, é sempre visto como competidor, mesmo dentro do casamento. Uma certa paranoia de que os comportamentos do outro são feitos para atacar o indivíduo acaba sendo criada, e um grande solipsismo por fim é instaurado: “As regras não valem para mim e eu posso fazer tudo o que for necessário, o outro não pode”. (p. 23).

Assim, considera-se que os processos de subjetivação na contemporaneidade, voltados ao indivíduo e seus prazeres, resultam frequentemente na busca pela “felicidade” e/ou o não sofrer, em tudo com que se envolve, por exemplo, amizade, trabalho, objetos e até mesmo nos relacionamentos amorosos, com a lógica de que “se não estiver bom, é só trocar”.

Inevitavelmente, os relacionamentos são influenciados socialmente diante de diversos aspectos: sexo, gênero, orientação sexual, raça, faixa etária e diferença de idade, classe social, condição econômica, escolaridade, religião, cultura, características físicas e estéticas, deficiências, entre muitos outros. A sociedade, em sua complexidade, com seus mais diversos discursos, impõe padrões, apresenta roteiros, define normalidades e anormalidades, dita caminhos e modos de ser para relacionar-se amorosamente, apresentando inúmeras instruções, explícitas e implícitas, de como devem ocorrer. Assim, analisar os aspectos socioculturais, em seu nível macro e micro, torna-se essencial para compreensão e problematização das interações afetivossexuais.

4. CORPOS QUE SE RELACIONAM: A COMPLEXA TRAMA DAS INTERAÇÕES AMOROSAS

4.1 A unidade que se relaciona

Com base nas problematizações dos aspectos evolutivos, nas reflexões de processos psicológicos fundamentados na Análise do Comportamento e nos diversos olhares sobre a complexidade dos fenômenos em um nível social, histórico e cultural, explana-se sobre os corpos de maneira relacional e integrativa.

A compreensão dualística do ser humano em mente e corpo pode promover leituras equivocadas, tratamentos distintos e distantes entre ambas as instâncias, cindindo uma instância, considerada pela Análise do Comportamento, como uma unidade que interage com o mundo. De modo qual, pode, também, influenciar as nossas atitudes na formação de outros corpos, como apresentado por bell hooks (2000):

Nós, professoras e professores, raramente falamos do prazer de eros ou do erótico em nossas salas de aula. Treinadas no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitas de nós aceitamos a noção de que há uma separação entre o corpo e a mente. Ao acreditar nisso, os professores entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar atenção para o corpo é trair o legado de repressão e de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão docente, os quais têm sido, geralmente, brancos e homens (p. 113).

Assim, compreender o corpo como uma unidade é entender um corpo que ama, pensa, sente, percebe. Em outras palavras, um corpo que pode ser afetado por diferentes estímulos contraditórios para uma ação, que controla e é controlado, um corpo que se comporta e que também tem a capacidade de conhecer a si mesmo. Dessa forma, problematizando tudo o que se refere aos corpos e suas transformações, identidades, sentimentos, comportamentos, etc. Não há necessidade de criar uma instância mental para explicar o corpo no mundo, cindindo-o e tendo que justificar a conexão entre as partes para exprimir sua unidade. Posto isso, julga-se necessário, apenas, considerá-lo como um corpo que interage consigo, com o outro e com o mundo de forma geral, cabendo a análise de como tais interações acontecem, transformando e sendo transformado. Assim, estar-se-ia fomentando reflexões que podem propiciar recursos para problematizações futuras.

O ser humano deve ser pensado em sua conjuntura biopsicossocial, sem nenhuma essência, por exemplo, masculina ou feminina, mas como um ser que, dependendo da complexa interação entre os níveis, terá probabilidades distintas de existência e modos de agir (Silva & Laurenti, 2016). Ainda com base nas autoras (ibid.), o que se denomina como corpo é composto por um organismo com suas características anatomofisiológicas que interagem entre si e com o ambiente, resultantes de uma história evolutiva e que, em interação com o mundo, modifica-se a todo o momento. Bem como, no ambiente socialmente estabelecido, por meio de diversas estratégias de controle em uma dinâmica contingencial, torna-se o que se pode chamar de pessoa, seu modo de expressar-se, de forma mais ampla, o modo inconsciente³ de apresentar-se em cada cenário da vida. Por fim, o saber sobre si, entendido também como *self*, resultante dos mais diversos discursos sociais constituídos em relações de controle, possui uma natureza social e histórica. Não tem relação com um eu iniciador ou qualquer outra entidade metafísica causadora, não se finaliza, está em constante transformação. Um emaranhado de discursos e experiências que promovem um discurso personalizado, constante, dinâmico, descritivo e discriminativo sobre o organismo que sente e o comportar-se como pessoa. Entende-se que tudo isso é o corpo, nada é fora, nada é transcendente, tudo em interação é o que podemos denominar, também, de sujeito⁴.

O organismo humano se origina de uma única célula, o zigoto, que se multiplica e se diferencia, fruto da combinação de informações de dois outros seres humanos. Um desses contribui com seu material genético que, por meio do gameta, transporta-se e mantém protegida a informação do DNA, até entrar em contato com o material genético do outro organismo, que tem funções e estruturas anatomofisiológicas funcionais para dar continuidade no processo de desenvolvimento do novo organismo. O ser humano necessita de distintas estruturas e funções reprodutivas para reproduzir-se. Contudo, o mais importante no processo é a combinação das informações e um ambiente propício para o desenvolvimento do zigoto, sendo que pode ser realizado artificialmente por técnicas de reprodução assistida, como descreve Marise Cunha de Souza (2010), Marilena C. D. V Corrêa e Maria Andrea Loyola (2015). Há estudos, por exemplo, o de Zhi-kun Li, Le-Yun Wang, Gui-Hai Feng, Xue-Wei Yuan, Chao Liu, Kai Xu, Yu-Huan Li, Hai-Feng Wan, Ying Zhang, Yu-Fei Li, Xin Li, Wei Li, Qi Zhou, Bao-Yang Hu (2018), que indicam a realização de processos de reprodução com o material genético de mamíferos do mesmo sexo. Entretanto, para uma

³ Não como instância, mas um se comportar sem discriminar as relações.

⁴ Nesta compreensão, o uso do termo sujeito sempre será referido a todos aspectos citados. Enquanto o termo corpo pode se referir a todos, mas não necessariamente.

relação natural, os corpos necessitam de mecanismos para aproximação e interação, como os apresentados por Hattori e Castro (2017), contudo, salienta-se que é apenas mais uma possibilidade.

Entende-se que a interação cisheterossexual é apenas uma possibilidade dos corpos. Dessa forma, considera-se mais coerente pensar em corpos que se relacionam, sem a distinção por sexo e gênero, pois a princípio há apenas a abstração de estímulos pelos órgãos sensoriais. Contudo, julga-se importante a análise sobre os sentidos atribuídos a tais estímulos e a forma como as pessoas se comportam, nesse caso, considerando as construções referentes à sexualidade, em seus diversos discursos e manejos sociais.

O contato com os estímulos internos e externos ao corpo são configurados por meio de diversos mecanismos. Em relação aos internos, relativamente, somente o próprio sujeito tem acesso, e os externos são experienciados por meio dos sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar, contudo, o saber sobre o que se sente é um resultante social (Skinner, 2006). Sobre as possibilidades dos corpos em alguns aspectos da sua sexualidade, Mallot (1996) argumenta que o ser humano pode ser considerado multissexual, devido à suscetibilidade do organismo às diversas formas de estimulação.

Existem informações de que há um fundamento genético determinista na percepção do corpo, diante dos estímulos sensoriais, argumentando a atratividade por certas características físicas, marcadas por uma distinção entre os sexos de maneira cisheteronormativa. Entretanto, é importante evidenciar que, de acordo com Plomin, Defries, McClearn e McGuffin (2011) e Rodriguez-Sierra (2016), o próprio cérebro se modifica na interação com o meio, de modo que descobertas anatômicas ou de funcionamento cerebral devem ser analisadas e não servir de fundamento para inferências ou presunções deterministas e essencialistas sobre o comportamento humano. Agrega-se, a discussão de Menezes e Brito (2007) que argumentam o paradigma evolutivo guiado por um viés reprodutivo fundamentado pelo argumento de perpetuação da espécie:

Nenhum padrão precisa ser, em si, evolutivamente vantajoso para ser selecionado: basta estar associado a um padrão que o seja. Isso pode levar à seguinte reflexão: se o sexo possuir outras funções que não a reprodução, como o prazer, o organismo pode ter evoluído no sentido de ser suscetível a uma ampla variedade de estimulações sexuais – das quais o comportamento homossexual seria apenas uma consequência (p. 135).

Posto isso, se muitos comportamentos sexuais podem ser influenciados pelas experiências dos corpos, que denominamos de prazer, a percepção acerca dos estímulos que promovem o prazer somente deveria existir por meio da experiência natural do corpo, mas não é bem isso que acontece. Não deveria importar quais são as características dos corpos que promovem prazer, se assim o fazem. Contudo, somos seres sociais, estamos constantemente sendo impelidos aos modelos de beleza e com quais corpos devemos relacionar-nos ou não. Dessa forma, não é que um corpo não consiga promover prazer, mas os desejos são modelados socialmente. Desse modo, mesmo que em um ambiente escuro o tipo de corpo que estimula não tenha importância, desde que a sensação seja prazerosa, é o contato com qualquer estímulo que denuncia características corporais avaliadas como contraditórias aos condicionamentos individuais e sociais desejáveis, que promove o afastamento e o julgamento (Mallot, 1996). Tal como, considera-se que um corpo mesmo não tendo características evolutivamente ou socialmente atrativas, ainda pode estimular de forma prazerosa e/ou ser acolhedor de forma afetiva, por vezes, modificando o valor de suas características e agregando atribuição valorativa (*i.e.* charme, *sex appeal*), por meio dessas experiências. Por fim, informações decorrentes de pesquisas que identifiquem aspectos da atratividade entre os corpos, devem ser compreendidas como mais uma possibilidade e não regra, demandando problematizações.

Os corpos são educados socialmente para ser, agir, sentir, pensar, perceber e amar de determinadas formas, de acordo com seu sexo, etnia, cor, classe socioeconômica, religião, cultura, entre outros aspectos, corroborando com o postulado de Louro (2000), na afirmativa de que:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas (p. 7).

Tal conjuntura se dá logo cedo com base na genitália, sendo o sinal para organização social do ambiente de um novo corpo que vem ao mundo. O desenvolvimento das características sexuais físicas primárias e secundárias se apresentam em um espectro, sendo seus extremos o mais comum e “normal”, definidos socialmente pela genitália que se apresenta. Nessa dicotomia dos extremos, socialmente, define-se macho e fêmea, homem e

mulher, sendo que nessa lógica se configuram os corpos cisgênero⁵ e, ainda, considerado socialmente “anormal”: o transgênero⁶.

A ciência se tornou instrumento de produção de justificativas, “naturais”, para o discurso social de diferenciação e desigualdade entre os corpos, e não apenas estabelecendo como padrão o modelo de dois sexos, mas sendo o feminino subjugado, fundamento para os quais socialmente, de maneira arbitrária, representa a binaridade de gênero. Tanto que os corpos intersexuais⁷ são compelidos logo cedo à “adequação” para um dos sexos, pela família e/ou equipe profissional, mesmo que biologicamente não traga riscos a sua saúde. Paula Gaudenzi (2018) traz uma reflexão pertinente sobre como um olhar para os corpos intersexuais pode transformar nossa percepção sobre aquilo que consideramos “normal”. Segundo a autora, é interessante:

Notar que a condição intersexual é um “contraexemplo natural” da ideia de “corpo sexuado normal” ou da existência de uma “identidade de gênero” inata. A ambiguidade genital rompe com o imaginário dos ideais de uma sexualidade biológica, evidenciando a impossibilidade de definir biologicamente o sexo. Em alguns casos, as análises dos cromossomos, dos hormônios, das gônadas internas e externas, e dos genitais não são suficientes para que a equipe médica possa afirmar a que sexo aquele indivíduo pertence. A ambiguidade genital se apresenta então como o real do corpo biológico sexuado, ilustrando o necessário fracasso de qualquer tentativa de responder biologicamente pela verdade do sexo (p. 7).

Com isso, acredita-se que as características sexuais dos corpos são como quaisquer outras, em que simplesmente representa como se é anatomofisiologicamente e não como deve ser ou como deve agir. De acordo com Judith Butler (2003), não há necessidade de dividir os corpos em sexos, isso acaba por ser uma produção discursiva a serviço de algo, por exemplo, discursos e manejos econômicos, políticos, sociais, científicos, pedagógicos e religiosos arranjados em uma cultura androcêntrica, expressa em atos de dominação e coerção. De

⁵ Pessoas que se identificam com o gênero correspondente ao sexo biológico de nascimento.

⁶ Pessoas que se identificam com o gênero oposto ao convencionado diante do sexo biológico de nascimento.

⁷ A intersexualidade é um termo utilizado desde o século XX para o que se conhece no senso comum como hermafroditismo, isto é, a condição de indivíduos que nasceram com órgãos sexuais ambíguos. A linguagem biomédica denota tal condição como patológica, sendo compreendida como resultado de uma interação anormal dos fatores genéticos e hormonais, ligados ao gênero no período pré-natal, e a denomina de Distúrbio do desenvolvimento sexual (DDS) (Gaudenzi, 2018, p.2).

forma que é impossível dizer, considerando que somos seres sociais, que há algo anterior ao corpo que é percebido. O uso da linguagem e sentido sobre o corpo é um ato de controle.

Ainda fundamentando-se na autora imediatamente mencionada (*ibid.*), gênero é um resultante discursivo para um fim, tal como o sexo. Uma ação social de controle sobre os corpos produzindo estilos corporais de maneiras coercitivas.

Se o corpo não é um “ser”, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória, então que linguagem resta para compreender essa representação corporal, esse gênero, que constitui sua significação “interna” em sua superfície? Sartre talvez chamasse este ato de “estilo de ser”; Foucault, de “estilística da existência”. Em minha leitura de Beauvoir, sugeri que os corpos marcados pelo gênero são “estilos da carne”. Estes estilos nunca são plenamente originais, pois os estilos têm uma história, e suas histórias condicionam e limitam suas possibilidades. Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente do sentido (pp. 198-199).

Nos cenários sociais, os corpos performam repetidamente ou, pelo menos, tentam, com fundamento nas normas e os roteiros de gênero ficcionais (não que existam reais), que nunca são totalmente internalizados. A repetição performática dos atos não representa uma identidade estática, mas tênue no tempo (Butler, 2003).

Além de enquadrar os corpos em um sexo biológico e um gênero, também tentam impor por quais corpos e como se deve sentir atração afetivossexual. Décadas atrás, Keller e Schoenfeld (1973), estudiosos do comportamento humano, já expunham que todo o comportamento sexual, em sua diversidade, segue as mesmas regras de aprendizagem, sejam eles consideradas “normais” ou “anormais”, o que difere é o julgamento social sobre eles. Porém, várias informações científicas são utilizadas contra a diversidade, manuseadas a fim de justificar e/ou fundamentar intervenções para o enquadramento dos corpos. Tais informações reforçam preconceitos e segregação, reduzem a sexualidade em atração e prazer, bem como produzem intervenções, que resultam em mais danos de curto, médio e longo prazo do que bem-estar (Mizael, 2018; Silva & Santos, 2019).

Os corpos e seus desejos não são evidentes e autênticos como possa se pensar, pois são fruto de inúmeros condicionamentos influenciados socialmente, assim como as

identidades não são representações de algo “natural” do organismo. Corrobora-se com Louro (2000), quando argumenta que:

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (p. 11-12).

Considera-se que, para o entendimento sobre a dinâmica de amar, algumas interações básicas devem ser consideradas, como a de que os corpos humanos são vulneráveis, sendo que nos anos iniciais dependem dos cuidados do outro para sua sobrevivência, como apresentado por Ana Cristina Mancussi e Faro (1990), que o ser humano quando criança depende quase “inteiramente de outros para atender suas necessidades fundamentais; quando adulto, embora se liberte de certas dependências própria da infância, continua precisando dos outros para a satisfação de muitas outras necessidades” (p. 132). Assim, entende-se que uma das primeiras relações vividas entre os corpos é a de dependência, ou seja, a necessidade de ter um outro que produza algo no mundo ou na relação contigo, um mediador.

Ao interagir o corpo sente, sendo sua evidenciação no organismo por meio das reações anatomofisiológicas e as evidências relacionais na sua história de vida, conforme argumentam Ilma A. Goulart de Souza Britto e Ana Maria Cesarino (2016). Aparentemente, temos uma forte relação com o poder de fazer e acessar eventos, que pode variar de acordo com a nossa condição biopsicossocial. Dessa forma, com base no trabalho de Thiago de Almeida (2004), entende-se que em nossas limitações e imposições sociais, um mediador se torna tão importante quanto o poder que representa, lembrando que, em todo esse relacionar-se, estamos sentindo. Quanto maior as necessidades de uma pessoa, mais ela pode fantasiar sobre o outro, possível mediador dessa satisfação.

Sem dúvidas a dinâmica de mediação entre os corpos é um elemento essencial na complexa trama das relações amorosas. Contudo, também se identifica as relações de similaridade, diferenças e de trabalho em conjunto, como identificado nos estudos de Almeida (2004) e, Angelo Augusto Silva Sampaio e Maria Amália Pie Abib Andery (2010). Nessa conjuntura, pode-se inferir que as diversas dinâmicas se apresentam em um mesmo relacionamento, em graus diferentes e com efeitos distintos. As interações de dependência são comuns e necessárias, bem como, relativo à sua frequência, intensidade e os níveis de sofrimento, podem ser consideradas patológicas (Sophia, Tavares, & Zilberman, 2007). Também são normalizadas e idealizadas, guiando os corpos para reprodução de práticas patriarcais e de dominação masculina (Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2012).

Conforme Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico e Roberta Kovac (2013), entende-se os relacionamentos amorosos como interações sociais entre os corpos, com dinâmicas de mediação mútua entre os pares e ambos em relação ao ambiente. Corpos estes resultantes de suas histórias e conflitantes entre as demandas individuais, do casal e sociais. Entende-se que o entrelaçamento destes sujeitos promove uma dinâmica amorosa singular, mas com arranjos semelhantes a relacionamentos de outros, pois os discursos e a relações de poder em sociedade afetam todos os corpos e seus relacionamentos.

O corpo é constantemente dilacerado pelos discursos e manejado pelas contingências arranjadas socialmente. Corpos, como organismos vulneráveis e suscetíveis a estimulações, que são impelidos reiteradamente a se comportarem de determinadas formas, configurando suas personas, que nunca representam em sua totalidade o modelo posto e que aprendem sobre si, o outro e o mundo, por meio dos mais diversos discursos, interage afetivossexualmente com outros corpos em que se alicerça um arranjo amoroso. Constituídos historicamente, articulam-se entre suas vulnerabilidades, potencialidades e capacidades em uma trama de mediação mútua, dinâmica, real e simbólica. Em meio a tudo isso se entende que em cada interação os corpos sentem, a substantivação desse sentir é recorrente no discurso amoroso, desse modo, problematizar e refletir sobre o sentir se faz necessário.

4.2 Desbravando o sentir

O sentir entre os corpos, nas conjunturas afetivossexuais, transformou-se no decorrer da história, como no casamento. Houve momentos históricos em que as pessoas nem se

conheciam, tudo era um arranjo por interesses econômicos, sociais e políticos. Entretanto, conforme Thiago de Almeida (2017), com o passar do tempo os sentimentos de um pelo outro começaram a ter importância, a ponto de atualmente serem considerados elementos essenciais para um relacionamento.

O corpo sente e estas sensações acontecem em determinadas situações às quais vão sendo associadas, contudo, não sabemos o que sentimos. Há pessoas que observam, e com base em algumas percepções das circunstâncias ambientais e de reações públicas do corpo, dizem e ensinam a descrever e a discriminar o que está sendo sentido. Apesar de esse ser um processo importante para o autoconhecimento dos sujeitos e o manejo social das emoções, ressalta-se que as informações abstraídas por aquela pessoa que ensina podem ser insuficientes, equivocadas e contaminadas pelas próprias experiências e cultura que se faz parte (Skinner, 2006). A desarmonia entre o dito e o sentido também é contextualizada por Viviane Verdu Rico, Raquel Golfeto e Eliana Isabel de Moraes Hamasaki (2012), em que, independentemente de como uma pessoa aprendeu a falar sobre seus sentimentos, verbalizar a respeito do que está sentindo, nem sempre é o suficiente para que o outro entenda a totalidade do que ela realmente sente. As autoras ainda colocam que:

Isso acontece justamente porque a palavra usada por uma pessoa para designar seu sentimento foi aprendida a partir da inferência de outra pessoa, que, além de não ter acesso ao que era sentido, tem uma história de treino específica de relatar sentimentos. Além disso, muitas vezes a diferença entre certos sentimentos é tão sutil que se torna difícil ser compreendido pelo outro (Rico, Golfeto & Hamasaki, 2012, p. 94).

Assim, as contingências sociais estão intrincadas no sentir de cada pessoa, sendo resultante de sua história pessoal, arranjada e influenciada por variáveis de ordem social. O tratamento distinto dos corpos cindidos socialmente, por exemplo, entre o gênero homem e mulher faz com que estes corpos vivam, percebam, expressem e lidem de maneiras diferentes com os sentimentos (Januário, 2016). Seguindo os efeitos desta distinção temos, como exemplo, a informação apresentada por Sophia, Tavares e Ziberman (2007), quando apontam que diante das vulnerabilidades emocionais, construídas no decorrer da história de vida, os corpos configurados socialmente como mulher, tendem a lidar com suas angústias por meio do vínculo amoroso. Enquanto os configurados como homens tendem, e socialmente se espera, ao vínculo com atividades externas e impessoais (jogos, trabalho, esportes, uso de

substâncias etc.). O sentir dos corpos também resulta de contingências sociais manejadas por práticas de dominação masculina (Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2012).

É sempre bom salientar que tendências não são regras e que os corpos estão em constante mudança, levando em consideração o tempo e os cenários sociais que transitam e fazem parte desse contexto. Por exemplo, os dados apresentados por Carolina Branco de Castro Ferreira (2016) evidenciam mulheres em seus posicionamentos públicos feministas, fomentando a autonomia e o amor-próprio, contra a dependência de um relacionamento amoroso tóxico.

Os corpos se relacionam e na interação com outros corpos, consigo próprios, com o mundo animado e inanimado – sentem – tal como a interação resulta em todo um comportar-se e no sentir, sendo assim equivocado dizer que o sentir causa a interação, porém, é o que, comumente, se ensina a perceber (Rico, Golfeto, & Hamasaki, 2012). É comum ouvir a explicação de que alguém se aproxima muito da outra pessoa, pensa e quer ficar perto porque a ama. Entretanto, como vimos, esse sentimento é resultante das interações e não causa, para compreender esse sentir é necessário analisar em uma perspectiva histórica, no nível individual e social.

Por exemplo, uma pessoa que tem dificuldades de expressar seus sentimentos devido a uma história de invalidação, quando encontra uma pessoa com quem possa compartilhar seus sentimentos sem ser punida, sentirá algo na interação, pode ser uma sensação boa e intensa por não ter, ou ter pouco, isso em sua vida. Logo, essa sensação boa está acontecendo na interação com um outro corpo, que pode ser por contiguidade associado à causa dessa interação e, logo, a sensação. Em todo esse cenário, essa pessoa pode discriminar e descrever o que se sente, nomeando como amor, dizendo que ama ou está apaixonada por esse corpo com quem interage. Nessas condições, esse corpo pode começar a interagir com a pessoa mesmo em sua ausência, em pensamentos e fantasias, discriminando contingências que não necessariamente aconteceram ou vão acontecer, aumentando seu valor, nomeando toda a condição como amor, se o contexto social que vive assim o favorecer. De acordo com Burrhus Frederic Skinner (2003), a magnitude de uma privação, ou estimulação aversiva, influencia na frequência, intensidade e variabilidade do comportamento.

Na interação com algo ou alguém, o corpo se comporta em todos os sentidos, temos os aspectos observáveis, como a situação que acontece, o modo que corpo reage publicamente e as consequências dessa influência intercambiante. Bem como temos cada vez

mais informações sobre o funcionamento interno do organismo no âmbito das interações afetivossexuais. De acordo com Almeida e Lomônaco (2018), com o surgimento das neurociências, ampliou-se os estudos sobre o comportamento humano, as emoções, o amor e os processos associados. Por meio de diversas estratégias, técnicas e tecnologias, as investigações sobre os processos neurológicos envolvidos nos relacionamentos amorosos se aprimoraram, produzindo conhecimentos substanciais. Dentre esses, a descoberta sobre o que acontece no cérebro quando se experimenta uma interação de paixão, em que se observou grandes quantidades no cérebro de um neurotransmissor denominado feniletilamina, associada à sensação de intensa conexão entre os corpos. Além disso, a condição de paixão está associada a neurotransmissores como serotonina, dopamina e noradrenalina, em um padrão de funcionamento de alta frequência e intensidade de envolvimento com a companhia amorosa. Por conseguinte, na fase do amor, identifica-se o predomínio de ocitocina e vasopressina, hormônios presentes em sensações de bem-estar em vinculação ao outro. Corroborando com os autores, Maria Borges (2015) apresenta que:

Várias são as substâncias que estão implicadas no circuito das emoções. Primeiramente, temos os hormônios sexuais, tais como testosterona, estradiol e progesterona. Além disso, as emoções estão associadas a neurotransmissores, como dopamina e serotonina, às endorfinas, que têm um efeito opiáceo, e à feniletilamina, cujo efeito é próximo ao da anfetamina. A sensação de euforia descrita pelos amantes também é causada por esta última substância. O bem-estar que sentimos na proximidade do amado pode estar relacionado com aumento de dopamina. A perda do objeto amoroso e conseqüente supressão desta substância pode causar a mesma dor e desconforto físico que sente um viciado em drogas em síndrome de abstinência (p. 129-130).

É importante salientar que, da mesma forma que o sentir não causa comportamentos e sim são parte dele, considera-se idem para o funcionamento fisiológico. Claro que uma intervenção nas variáveis do organismo pode alterar relativamente o comportamento, não porque está modificando a causa, mas enquanto parte do processo. As contingências entendidas como amorosas, como evidenciado nos estudos de Almeida e Lomonaco (2018), Borges (2015), e, Denise Catricala Bution e Amanda Muglia Wechsler (2016), arranjadas para estudar as reações cerebrais, demonstram a associação com o sistema de recompensa cerebral. As evidências acerca das reações cerebrais corroboram com a compreensão de que as relações amorosas podem ser entendidas como interações sociais mútuas, em que ambos

produzem eventos no mundo ou na relação com o outro, que aumenta a probabilidade do relacionamento manter-se (Banaco, Nico, & Kovac, 2013).

Na falta ou dificuldade de ter algumas interações na vida, aprendemos desde sempre, inconscientemente e ou conscientemente, a encontrar no outro. Sendo que muitas interações são facilitadas em uma conjuntura de intimidade, socialmente convencionada ao relacionamento amoroso. De forma geral, os corpos interagem, nessas interações sentem, esse sentir é configurado por questões filogenéticas, modelado em toda uma história pessoal de interações, que são influenciadas pelo contexto social e os diversos discursos e manejos dos quais se faz parte.

4.3 Um olhar sobre as relações de poder entre os corpos

Resgata-se a compreensão de que as relações amorosas se constituem de complexas interações sociais de mediação mútua, influenciadas inevitavelmente pela complexidade social (Banaco, Nico, & Kovac, 2013). Aborda-se essa mediação, articulando informações evolutivas, psicológicas e sociais, seguindo manejos anteriores. Ressaltando que é apenas um possível olhar sobre as relações entre os corpos. Dessa forma, parte-se do princípio de que a capacidade de uma pessoa produzir/acessar determinados eventos depende da sua condição biológica, anatômica, fisiológica, história de aprendizagem individual e o controle pelos mais diversos discursos e manejos culturais, sociais, econômicos, religiosos, pedagógicos e políticos.

Comportamentos que produzem certos eventos em determinados contextos ou momentos (relacionamento amoroso, amizade, escola, família, trabalho, instituições, culturas etc.), não necessariamente produzem em outros, como os próprios comportamentos podem ser também distintos, dependendo do contexto e tempo em que ocorrem.

O ser humano nasce biologicamente vulnerável demandando, ao menos, um mediador que produza e ou facilite o acesso a eventos para sua sobrevivência e desenvolvimento (Braz, 2006). Na interação com seu ambiente, aprende a produzir e acessar eventos que promovem autonomia para determinadas situações e outras não, sendo relativo a cada história individual e contexto sociocultural.

Entende-se que as possibilidades de produção e acesso a eventos são concebidas, delimitadas e reguladas por um contexto social composto de vários discursos, manejando as contingências de maneiras distintas, com base nas características físicas, gênero, classe

social, econômica, cultura, raça, etnia, religião, idade, escolaridade, entre outras. Tal manejo acaba por ser promotor de desigualdades, preconceitos e discriminações, propiciando uma constituição desigual de possibilidades, tão logo, favorecendo as relações de abuso.

Como apresentado por William M. Baum (2006), o poder de uma pessoa é relativo aos eventos que ela pode acessar, produzir e/ou gerenciar. Os eventos produzidos pelo mediador em um relacionamento têm um valor relativo para a companhia amorosa, dependendo da sua história de vida, o momento e o contexto social no qual se encontra. Em outras palavras, com base no autor, a importância do evento (dinheiro, carinho, acesso a determinados espaços, *status* social, casa, carros, uma companhia para sair em passeios, sentimento de liberdade, reconhecimento, etc.) não tem valor absoluto, mas relativo ao que a pessoa busca, tem capacidade de produzir entre outras influências sociais. Além do valor relativo para o elo controlado da relação, o poder depende, também, da precisão, ou seja, no controle da frequência e a magnitude da disponibilização desses eventos, considerando o poder desde o controle interpessoal.

Dessa forma, entende-se que abuso do poder acontece, por exemplo, quando a pessoa manipula os eventos que produz, para que o outro se comporte, pense e/ou sinta de acordo com sua vontade. O abuso pode ser muito sutil, quando, por exemplo, é descrito como ciúmes, argumentado que se trata da expressão de amor. Outras vezes, esse abuso é bem explícito, como quando o homem subjuga a mulher, agredindo-a fisicamente, aproveitando-se da comum diferença de poder, a força física. Porém, pode ser simbólico, como apresenta Bourdieu (2012), em práticas de dominação masculina. Assim, um corpo investido de poder distintamente pelo seu sexo, na forma de se comportar, gênero, características físicas e/ou classe social, está injustamente em vantagem. De modo que se instauram cenários sociais com reiteradas interações abusivas de poder, também entendidas como violências.

São diversos os tipos de violência, uma delas é aquela que se dá contra a mulher, Domingas Pereira Rabelo, Kátia Costa dos Santos e Elisângela de Andrade Aoyama (2019) apresentam que:

Existem vários tipos de violência contra a mulher, como a psicológica, que é aquela que traz um agravo à saúde emocional, redução da autoestima e prejuízo ao seu desenvolvimento; também a violência física, que diz respeito a condutas que causem ou provoquem algum tipo de lesão ao seu corpo, como: tapas, empurrões, perfurações, queimaduras, entre outros. Já a violência patrimonial é definida como a conduta que

provoque a destruição total ou parcial de seus bens. A violência sexual se manifesta quando a vítima é obrigada a manter ou participar de uma relação sexual contra a sua vontade; e violência moral são condutas que trazem à mulher difamação, calúnia e também injúria, levando-a a agravos emocionais e baixa autoestima, atingindo muitos aspectos em sua vida (pp. 71-72).

Para Angélica Nepomoceno Xavier e Fernanda Garbelini de Ferrante (2019), a violência na vivência e percepção individual apresenta um aspecto relativo, nem sempre os atos danosos advindos do outro são entendidos como violentos, a percepção é moldada na história pessoal e a violência pode ser vivida como parte da dinâmica do casal.

As dinâmicas das relações de poder entre os pares, associada às influências sociais, podem estimular as relações de dependência ao propiciar a crença de que eu só faço sentido na presença do outro. Sendo que esse tipo de vinculação, de acordo com Roberto Moraes Cruz e Saily Karolin Maciel (2012), pode promover inúmeros problemas para relação e, até mesmo, despessoalizá-los enquanto indivíduos.

Um corpo investido de poder por uma sociedade androcêntrica pelo seu sexo, gênero, raça, que deprecia a mulher e/ou qualquer corpo que não corresponda ao ideal, está injustamente em vantagem. Assim, ao promover cenários sociais de interações abusivas de poder, impelem o seguimento de modelos como viver. Consequentemente, como relacionar-se, em uma aparente complementariedade marcada por uma distinção socialmente desigual de poderes (Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2012; Bozon, 2004; Giddens, 1993).

O contexto social, de acordo com Jordana Fontana (2019), baseado em uma cultura androcêntrica, atribui poderes de forma não contingente aos comportamentos dos corpos, apenas pelas características físicas que apresentam, como o simples fato de ser do sexo macho, e que podem, ainda, ser mais facilitados e amplificados caso sejam de pele branca e heterossexual, sendo esse arranjo denominado de privilégio. Bem como esse contexto expropria ou dificulta o acesso a poderes, caso as características não correspondam às suas convenções sociais, por exemplo, características físicas convencionadas ao feminino, agravando se for uma mulher negra. De maneira que: “o poder distribuído desigual está na base da distribuição desigual de vantagens” (Baum, 2006, p. 233). A distribuição socialmente desigual de poderes potencializa o arranjo social da necessidade do outro como mediador, para o acesso a eventos que não são permitidos ou facilitados para si, assim como, promove uma ilusão de complementariedade, que nada mais é que um cumprimento de roteiros/papéis

sociais. Nessa dinâmica, os corpos, por simplesmente serem do sexo masculino, têm o acesso facilitado aos poderes em relação, principalmente, aos espaços públicos e, por vezes, no controle dos poderes dos corpos femininos. No que se refere ao controle dos corpos femininos, Bourdieu (2012) expõe que:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo, apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva do seu ser (p. 82).

Apesar de todos os corpos necessitarem de mediadores para acessarem determinados eventos, as práticas culturais androcêntricas favorecem as relações de abuso do poder em um relacionamento amoroso. Tendo em vista que, como apresentado por Bourdieu (2012), os poderes atribuídos ao feminino são, na sua maioria, eventos para atração e satisfação do masculino e que convencionam socialmente a necessidade de um masculino para o acesso aos eventos, por exemplo, a possibilidade e/ou facilitação de uma vida pública. A dependência se torna evidente e o empenho para manutenção e/ou aumento do seu poder (atração e satisfação do masculino) uma atividade diária. Há de se recordar que é em interação que o corpo sente, assim, diante de um mediador masculino, com acesso a determinados eventos, o corpo feminino pode sentir aquilo que se denomina como segurança, proteção, liberdade, alegria e até mesmo amor, contudo, seu fundamento é a dominação.

Nesse cenário, infere-se que os corpos masculinos por terem que cumprir as demandas sociais de uma masculinidade hegemônica, frequentemente, buscam a afirmação da sua masculinidade e de seu poder na interação e ou por meio dos corpos femininos e também de outros masculinos. Contudo, como apresenta Bourdieu (2012): “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (p. 64). Os homens continuam sendo corpos

humanos, vulneráveis, que também demandam afeto, carinho, atenção, aparentemente sofrendo com a dicotomia da fragilidade e virilidade.

Em relação às desigualdades de poder em um relacionamento, Baum (2006) argumenta que: “quando os parceiros se beneficiam de forma desigual do relacionamento, aquele que obtém mais benefícios também tem mais poder. Esse maior poder, tanto quanto o maior benefício, é o que nos leva a denominar esse parceiro de controlador” (p. 231). O autor também diz que: “duas pessoas podem ser chamadas de parceiras equitativas quando suas interações incluem atos e reforçadores que, de ambas as partes, são do mesmo tipo” (p. 218). Em relação à discussão sobre relacionamentos mais equilibrados, equitativos, sem abusos de poder, Cruz e Maciel (2012) argumentam que:

À medida que o par amoroso permite o crescimento individual de cada parceiro, permite também que o espaço conjugal seja equilibrado e que ocorram trocas mútuas. Isso equivale a dizer que quando um parceiro atribui qualidades ao outro e permite que cada qual viva seus projetos individuais, esse casal desenvolveu condições simétricas na relação. Sob essa ótica, pode-se dizer que é mais possível que esse par viva uma relação voltada para potencialização dos parceiros do que para a disputa entre eles.

Geralmente decorre dessas relações em que o poder é dado de forma equilibrada entre os parceiros o desejo de ver o outro em condições de bem-estar e, em consequência disso, desenvolver-se uma relação baseada na busca por manter essas condições. A atitude é de altruísmo para com o outro, porém esse comportamento implica uma referência positiva de si mesmo, o que inclui autoestima e segurança (p. 12).

Para uma parceria equitativa, também é necessário um ambiente social isonômico, para o qual a construção dos corpos possibilite o acesso a eventos. Consequentemente, o acesso a poderes, independentemente das características físicas, classe social, gênero ou cultura.

Os homens são mais resistentes às transformações sociais de dinâmicas de poder, devido ao fato de suas identidades serem fundamentadas nessas interações (Lazdan & Ribeiro, 2016) e nas sequelas do patriarcalismo. Sua estima e segurança é reduzida à virilidade. O menino, ainda vulnerável e frágil como a menina, não pode ser mais, seu lugar de amparo não é mais o mesmo, em sua identidade, as fragilidades não podem fazer parte. Assim, o afago se resume e sucede do reconhecimento pelos seus atos performáticos, consoante aos valores ideais que concebem seu gênero, constituindo sua tênue identidade que necessita da repetição dos atos e, o mais importante, reconhecimento social. Contudo,

consoante com o entendimento de Mônica Conrado e Alan Augusto Moraes Ribeiro (2017), não existe um perfil de homem, mas vários perfis prototípicos, várias realidades, inclusive o homem negro, que tem os privilégios do patriarcado, mas sofre com os preconceitos raciais, configurando-se em uma masculinidade subalterna em relação à hegemônica do homem branco cisgênero heterossexual. De toda a forma, para transformação social, a participação dos homens é imprescindível, conscientes das distinções de gênero, raça, etnia e classe social, que resultam em desigualdades políticas e sociais para direitos e deveres.

Estratégias para transformação social são importantes, sendo o contracontrole⁸ uma delas, seja no campo da interação face a face, educação, políticas públicas, leis, entre outras possíveis. Para Sidman (2009), o contracontrole é resultante da negação do controle coercitivo. Segundo Baum (2006): “o contracontrole atua no sentido de reparar a iniquidade por meio de uma diminuição no desequilíbrio na distribuição de poder” (p. 233). Na relação de contracontrole, o controlado compreende seu poder sobre o controlador e o usa. Percebe-se que esse movimento pode resultar em uma disputa de poder, na qual o lado mais fraco pode sofrer diversos danos. Desta forma, grupos organizados, redes de apoio e políticas públicas são de extrema importância aos controlados.

Os movimentos feministas são organizações de contracontrole que buscam mudanças nas práticas de dominação masculina, abarcando diversos campos políticos, legais, educacionais e nas próprias interações cotidianas entre homens e mulheres. Em relação a este assunto, Fontana (2019) apresenta que: “é preciso identificar essas contingências e quais práticas culturais e comportamentos constituem a cultura de dominação masculina, para que estratégias de contracontrole possam ser planejadas, podendo assim contribuir para ações de enfrentamento do movimento feminista” (p. 19).”

É importante acrescentar que o controle pode ser muito sutil, resultando até em sentimentos positivos nas pessoas controladas, dificultando que elas exerçam o contracontrole (Baum, 2006; Fontana, 2019; Sidman, 2009; Skinner, 2003). Por fim, considera-se as práticas de contracontrole, nas suas mais variadas formas, importantes para promover relações com mais equidade, sendo o básico compreender que as relações de controle, logo, de poder, existem, e comprometer-se com a mudança social.

Considerando-se que é impossível esgotar as inúmeras variáveis que influenciam na dinâmica de poder entre os corpos nas relações amorosas, entende-se a necessidade de

⁸ Quando utilizadas, juntas, as palavras que formam o termo contracontrole conduzem, o conceito da Análise do Comportamento: quando o controlado maneja variáveis contra a relação de controle estabelecida pelo controlador.

destacar alguns outros elementos, também importantes, além da distinção binária de gênero, como: transgênero, intersexualidade, características fenotípicas, etnia, idade, religião, classe social e econômica, orientação sexual, escolaridade, cultura, deficiências físicas e/ou intelectuais, entre outras.

As relações de poder entre os corpos são influenciadas pelos níveis filogenéticos, ontogenético e culturais. Filogenéticas, pois somos seres que dependemos naturalmente do outro para nossa sobrevivência. Ontogenéticas porque as relações de poder ficam mais complexas, por envolverem padrões emocionais e de comportamento na relação individual com os outros. Sendo que, isso acontece e é configurado em um cenário arranjado socialmente, com práticas, regras, leis, valores e moral, pautados nos mais diversos discursos, normas e estruturas sociais. As relações de poder, dominação e controle, então, refletem na percepção sobre os corpos e seus relacionamentos.

4.4 Outros olhares sobre os corpos e seus relacionamentos

Além da apresentada no subtítulo anterior, as relações de poder podem ser compreendidas de várias formas. Por exemplo, de acordo com Foucault (2017a), “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (p. 101)”. O poder gera resistências e “é nesse campo das correlações de forças que se deve tentar analisar os mecanismos de poder (p. 105)”. O saber e poder se articulam pelos mais diversos discursos, cabe interrogá-los sobre quais efeitos proporcionam e em qual trama sua função se estabelece.

O perceber e o manejo dos próprios corpos e de outrem são influenciados pelo dispositivo da sexualidade, constituído por diversos discursos que concebem saberes com caráter de verdade, alicerçados em relações de poder sobre os corpos e suas relações (Foucault, 2017a). Por exemplo, o sexo, característica física que se torna sexo, macho ou fêmea, por meio da linguagem, constituindo discursos sobre os corpos para fins de controle que servem a determinadas ideologias em suas relações de poder e se desdobram nas categorias de gênero, ficcionais, mas que demandam reiteradamente dos corpos, por meio de estratégias de controle, a repetição de atos consoantes (Butler, 2003). Assim, resultante de toda a trama de discursos e manejos sociais, há a invenção do sujeito, que é dinâmico, fluído, em constante mudança como o contexto que lhe produz.

Considera-se que os atos apresentados pelos corpos a fim de performar as ficções de gênero, configuram também as dinâmicas amorosas. Pode-se até mesmo inferir que o relacionar-se amorosamente se dá por meio de atos performáticos, e para aqueles corpos que não estão consoantes, acabam por ser abjetos da ficção amorosa promovida historicamente pelos mais diversos discursos. Na reflexão sobre quais corpos são abjetos, com base na concepção teórica de Judith Butler, Patrícia Porchat (2015), nota-se que “os corpos abjetos são corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante (p. 43)”. Na correlação de forças, pela via do poder, determinados corpos, ou melhor, determinadas características corporais que evidenciem a quais corpos se apresentam, são delegados à abjeção, corpos são execrados, de maneira que se resulta na abjeção dos corpos consigo próprios (Porchat, 2015).

Pessoas com deficiências sofrem com a abjeção em vários sentidos, inclusive em relação às interações afetivossexuais, compreendendo que os manejos sociais são distintos, dependendo da deficiência percebida. Assim sendo, Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2010) discutem, no decorrer de seu trabalho, alguns mitos baseados em preconceitos e desinformação, como: “pessoas com deficiência: são assexuadas, não têm sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais (p. 164)”; “são hiperssexuadas, seus desejos são incontroláveis e exacerbados. A expressão sexual explícita para quem tem deficiência é uma perversão (p. 165)”; “são pouco atraentes, indesejáveis e incapazes de conquistar um parceiro amoroso e manter um vínculo estável de relacionamento amoroso e sexual (p. 167)”; “não conseguem usufruir o sexo normal que é espontâneo e envolve a penetração seguida de orgasmo, por isso, são pessoas que tem sempre disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo (p. 169)”.

O envelhecimento promove muitas mudanças naturais e sociais, inclusive abjeções, que afetam até mesmo a crença dos sujeitos sobre si. Em seu estudo, Thiago de Almeida e Maria Luiza Lourenço (2007) dissertam que as próprias pessoas idosas se distanciam das possibilidades que poderiam promover interações afetivossexuais, devido às crenças de inutilidade, reforçadas pelo contexto social. A sexualidade para idosos é tabu, as interações afetivossexuais ficam restritas aos jovens e as pessoas idosas são tratadas como assexuadas. O ideal de manter o desempenho sexual tende a prejudicar uma experiência mais saudável e coerente com as condições corporais e até mesmo a percepção de uma vida sexualmente ativa.

Características físicas referentes à raça e etnia, por exemplo, da população negra, passam por preconceitos, discriminações e são estigmatizadas no campo das interações afetivos sexuais. Negras e negros tem seus corpos hipersexualizados e hipermasculinizados, atribuindo-os desejo e desempenho sexual acima da média, além disso o negro é visto como instintivo e violento (Conrado & Ribeiro, 2017). A negra é subjugada e objetificada sexualmente e compartilha o sentimento de solidão afetiva, devido ao fato de não serem escolhidas para um relacionamento amoroso mais estável, trocadas por mulheres brancas (Messias & Amorim, 2019).

A homossexualidade, apesar de existir há muitos séculos em nossa sociedade, ainda é alvo de execração dos seus corpos. As pessoas que se relacionam amorosamente em um arranjo homossexual passam por diversas violências, entre outras situações coercitivas referentes à aceitação do casal, tanto no âmbito público, quando no privado e familiar (Oliveira & Sei, 2018). O atributo da orientação sexual nem sempre é tão evidente, contudo, ao ser percebido, o envolvimento entre dois sujeitos representativos do mesmo gênero é execrado, assim, frequentemente acontecem situações de violências.

Pessoas travestis e transexuais, de acordo com Frida Pascio Monteiro (2020), passam por diversas violências quando alguns atributos evidenciam publicamente que seu gênero não corresponde ao seu sexo em uma cisheteronormatividade. Para corpos trans com passabilidade cis, ou seja, com características comumente identificadas em mulheres cis, acabam passando despercebidos, não sendo execrados publicamente em alguns contextos que as desconheçam. No campo das interações afetivossexuais, a solidão afetiva está presente, pois os relacionamentos frequentemente são clandestinos, devido ao fato dos homens cis heterossexuais com quem se relacionam não assumirem o relacionamento publicamente, como ocorreria no caso de uma mulher cis, em vários casos procurando apenas satisfação sexual e de sanar seus fetiches. O afeto, devido a sua escassez, resume-se àquele vivido em suas experiências sexuais. Quando se inclui a variável raça, os aspectos negativos são agravados, como nos casos de trans e travestis negras.

O manejo social distinto, excludente da vivência normalizada do campo afetivossexual evidencia o trato abjeto, execrador, com os corpos. Conforme Porchat (2015), os corpos abjetos da sociedade representam os atributos que aqueles que execram não querem em si próprios. Seres humanos são vidas vulneráveis em diversos sentidos, execrar os outros, e uma parcela de si para que a possibilidade de uma vivência modelo possa ser performada, pode caracterizar-se como violência com o outro e consigo próprio. A diversidade de corpos

e pluralidade de relações é uma evidência incontestável, as definições de normalidade derivam de subprodutos sociais, que circunscrevem as possibilidades, representativas da real autenticidade dos corpos.

5 ALGUMAS FACETAS SOBRE O AMAR ENTRE CORPOS

Antes de mais nada, cabe ressaltar que o amar, entre os corpos, pode configurar-se de diversas formas, as possibilidades são circunscritas por meio de uma trama envolvendo elementos evolutivos, aspectos individuais e principalmente históricos e sociais, com suas práticas culturais, valores, normas, leis e costumes, influenciados por aspectos econômicos, religiosos, políticos, culturais, científicos, étnicos, sociais e morais. Dada toda sua amplitude, neste capítulo, abordar-se-ão breves considerações sobre algumas facetas sobre o amar entre corpos, tendo total convicção de que muitas ficarão de fora devido à imensa variação dos elementos que a compõe e outras que poderão existir no futuro. Lembra-se que as nomenclaturas são categorias criadas socialmente, seja pelo senso comum, profissionais ou cientificamente. Assim, cada faceta poderia facilmente desdobrar-se em um capítulo. Contudo, o intuito é o de apresentar algumas categorizações feitas para compreender e apresentar determinados arranjos e interações amorosas.

O arranjo amoroso entre os corpos possui diversas configurações e interações específicas que se caracterizam de forma particular. As configurações podem ser diversas, talvez a mais conhecida e aceita seja a monogâmica, mas há outras, como poliamorosas, *swingers*, relacionamentos abertos e poligâmicas. As relações podem ser, por exemplo, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais ou não seguir nenhuma categoria. Bem como entre corpos cisgênero, transgênero, sem gênero definido ou fluído. No decorrer do tempo, os corpos e os relacionamentos podem transitar entre diversas configurações, como podem seguir sempre a mesma configuração. As fases dos relacionamentos são configuradas e caracterizadas de acordo com o contexto histórico e social, por exemplo, o ficar, namorar, noivar, casar e divorciar. O relacionamento pode acontecer de forma presencial ou virtual. As interações mais específicas também são denominadas, por exemplo, paixão, amor, flertar, sexo, traição, infidelidade, ciúmes, satisfação conjugal, violência e abuso, entre outras.

Monogamia

Há pressões evolutivas que favorecem o comportamento de relacionar-se apenas com um(a) parceiro(a), contudo, também há pressões evolutivas para relacionamento com mais de um(a) (Fisher, 1994; Hatori & Castro, 2017). De acordo com Alessandra Munhoz Lazdan e

Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2016), Rafael da Silva Santiago (2014) e, Tatiane Costa e Marcus Cézar Belmino (2015), o controle para não relacionar-se com mais parceiros começou dos homens para as mulheres, a partir da compreensão de seu papel na fecundidade e para certeza de ter/criar filhos legítimos. Esse comportamento foi influenciado pelas famílias burguesas, de modo que o Estado evitava a divisão dos bens e mantinha o status social, anulando os filhos bastardos, gerados com mulheres de classes sociais mais baixas. Bem como, construiu-se o repúdio ao incesto e contextos de guerra, sendo que, por fim, a igreja apreende a ordem masculina, toma a ideia de monogamia e sacramenta o casamento, transitando, também, pela legalidade.

Advoga-se que a monogamia não é algo natural, mas ecologicamente uma construção cultural (Almeida, 2007). Como apresentado por Amorim, Belo e Moreira (2015), em determinados contextos pode ser vista, “como uma forma de proteger-se da instabilidade e angústia causadas pelas fantasias de abandono e frustração” (p. 203). Considera-se que não há uma única ou melhor configuração amorosa, a monogamia, como qualquer outro arranjo, deve ser construída, desenvolvida e aprimorada. Sendo assim, “a monogamia poderia ser também uma maneira de indivíduos maduros estabelecerem uma relação em que ambos se encontram a sós em sua autossuficiência, o que não impede que compartilhem vivências e amem, verdadeiramente, um ao outro” (Amorim, Belo, & Moreira, 2015, p. 209).

Poliamor

O poliamor, como apresentado nos trabalhos de Costa e Belmino (2015), Hatakeyama, Almeida e Falcão (2017), Pilão e Goldenberg (2012), é uma configuração amorosa comumente enquadrada na categoria dos arranjos amorosos não-monogâmicos, contudo, difere de outras como o *swing*, o “relacionamento aberto” e a poligamia, que podem ser mais vulneráveis e permeáveis por valores e práticas machistas. O centro da questão é o amor. Postula-se a liberdade de todos os corpos, independente dos seus gêneros ou de qualquer outra característica, de relacionar-se de forma afetiva e/ou sexual com outros corpos. Não se restringe a laços sexuais, mas evidencia-se, principalmente, os afetivos, amorosos, nos quais se compreende que os corpos amam e se atraem por mais de um corpo. Constitui-se de valores como honestidade, igualdade, liberdade, equidade, amor e respeito. É uma escolha, um modo de relacionar-se e não uma solução para situações-problemas

amorosos em outras configurações, há tantos desafios e dificuldades como em outros modelos. O arranjo é ajustado entre as partes, sendo algo consensual.

Um relacionamento não monogâmico, apesar de não configurar os corpos em si, também pode ser um atributo de referência para estigmatizar, colocando à margem os corpos e a relação. Como não é evidente em qual arranjo amoroso as pessoas vivem, apenas quando descoberto que os atos estigmatizadores se apresentam, pensando em uma configuração cisheteronormativa, caso for outra, sofrem estigmas por outros atributos, sendo que a ideia de uma relação não monogâmica pode fazer parte do estigma. Dentre os relacionamentos não monogâmicos, destaca-se este do qual se trata. Em seu trabalho, Matheus França (2017) apresenta discussões sobre os estigmas exercidos sobre o poliamor, em que é frequentemente estigmatizado como um relacionamento de libertinagem, enquanto as pessoas poliamoristas a defendem como uma relação de afeto, compromisso e liberdade, guiadas por consensualidade. Assim, preferem não tornar público seu arranjo poliamoroso para evitar os estigmas e preconceitos. Apesar de estar muito distante dos efeitos sociais de corpos marcados em si com características que são apropriadas, resultando em abjeção, corpos que não correspondem à monogamia podem ser colocados à margem por não corresponderem o modelo de amor e afeto.

Nem todos que dizem viver um relacionamento poliamoroso realmente o vivem, pois como na monogamia, a configuração apesar de favorecer, ou não, o desenvolvimento pessoal, não garante ou representa maturidade emocional. Como apresentado por Pilão e Goldenberg (2012), os comportamentos que dificultam uma real vivência do poliamor estão relacionados a uma história de preceitos monogâmicos hegemônicos, representados, por exemplo, na dificuldade de lidar com o ciúme e no sentimento de posse em relação ao outro. Assim, o que, muitas vezes, há são contradições e incoerências em relação aos ideais poliamorosos e os comportamentos dos corpos que o praticam. Considera-se que o arranjo poliamoroso carrega valores que promovem contingências, com potencial de favorecer uma maturidade emocional amorosa.

Swing

Outra configuração considerada não monogâmica é o *swing* (Pilão & Goldenberg, 2012). Distinta do poliamor, Silvério (2014) e Weid (2010) explicam que seus membros estão, na maioria das vezes, em conjugalidade. Eles permitem a interação com outros corpos

apenas sexualmente, partindo da perspectiva de distinção entre amor e sexo. Entretanto, não está claro o que entendem sobre isso que se denomina de amor e os sentimentos envolvidos, geralmente esclarecido no diálogo entre os pares, quando descumprindo se configura infidelidade, sendo, por vezes, menos tolerado do que na monogamia. As práticas de trocas parceiros(as) são discretas, acontecem em estabelecimentos de *swing*, festas particulares ou em ambientes organizados pelos pares com regras específicas. Há muitos casais que não se apresentam publicamente como *swingers*, devido aos julgamentos sociais. Mesmo com alguns aspectos considerados mais liberais, as práticas são heteronormativas, por vezes, estimuladas e controladas pelo homem. A bissexualidade feminina é aceitável e estimulada, enquanto a masculina é tabu. O *swing* apresenta valores como igualdade, reciprocidade, comunicação aberta, respeito, sinceridade e confiança, mas as ações nem sempre são coerentes, sendo que para Silvério (2014):

Mesmo com estas ambiguidades, é possível afirmar que o discurso e a experiência dos casais *swingers* apontam para uma aproximação aos ideais contemporâneos de sexualidade, gênero e conjugalidade: igualdade, respeito, reciprocidade, sinceridade, confiança, comunicação aberta e uma sexualidade voltada para o prazer. Desta maneira, casais guiados por estes valores contemporâneos conseguem usufruir do *swing* de forma equilibrada e igualitária. Já os casais que se orientam por valores conjugais e de gênero hierárquicos encontram no *swing* uma maneira de reproduzir e perpetuar estes princípios (p. 136-137).

Salienta-se que, como qualquer outra configuração não monogâmica, o *swing* não tem a função de resolver os problemas de um relacionamento em crise, podendo até mesmo piorar a situação.

Relacionamento aberto

Ainda no campo dos arranjos amorosos não monogâmicos há o que se denomina de relacionamento aberto ou, também, casais abertos. Kessler (2013) caracteriza-os como “aqueles em que há uma espécie de contrato entre os parceiros, um consenso sobre uma liberdade restrita, a qual permite o estabelecimento de outras relações, porém, sendo estas entendidas e tratadas como secundárias e invisíveis” (p. 369). No relacionamento aberto não necessariamente existe a prática de troca de casais. Contudo, em comparação ao *swing*, no

arranjo dito aberto, essa liberalidade também é somente sexual, no âmbito amoroso o arranjo é monogâmico (Pilão, & Goldenberg, 2012).

Poligamia

A poligamia, de acordo com Ricardo Oliveira Rotondano (2018), caracteriza-se por um arranjo conjugal com três pessoas ou mais, sendo expressas em duas principais facetas: poliandria, em que uma mulher tem o laço com mais de um homem e a poliginia, na qual um homem se vincula a mais de uma mulher. Porém, a poligamia não está restrita a essas, desde que haja um polígamo, independente do seu gênero. O controle sobre os corpos femininos pelas práticas de dominação masculina, favoreceu que a poligamia se tornasse mais frequente no formato de poliginia, principalmente em algumas culturas, como em nações islâmicas.

O “Ficar”

A relação denominada como “ficar” ou “ficar com”, de acordo com Almeida (2017), Almeida, Del Vecchio e Lourenço (2015) e Justo (2005), é frequentemente praticada entre a população mais jovem. Entretanto, também está presente nas demais faixas etárias. É um tipo de relação mais contemporânea, caracterizada pelo breve encontro entre os corpos em prazeres mútuos e momentâneos, ocorre de forma episódica e casual sem compromisso com a manutenção do relacionamento, envolve abraços, carícias, beijos, carinhos, podendo aprofundar-se em interações sexuais.

O “ficar” pode ser uma relação em que os corpos não se encontrem mais, como também pode ser uma fase com potencial desdobramento para um relacionamento mais duradouro (Jesus, 2005; Oliveira, Gomes, Marques, & Thiengo, 2007). Como o “ficar” as vezes é encarado como um arranjo de relativo compromisso, por exemplo, “estar ficando com”, algo entre o total descompromisso e o relacionamento compromissado, um outro termo é utilizado para relações de nenhum compromisso, o “pegar” (Oliveira et. al., 2007).

Namoro

O namoro é um arranjo sem tantas responsabilidades quanto o matrimônio, porém, configura-se como um relacionamento com compromisso. “Diferentemente do ficar, o

namoro é visto, em nossa cultura, como uma relação afetiva constante e duradoura, tendo o compromisso como o elo de ligação e a afetividade sempre presente” (Jesus, 2005, p. 69). Comumente o compromisso no namoro é algo público, geralmente algo estabelecido pelas partes, muitas vezes, materializado por alianças (anel), bem como envolve comunicado e incluem instâncias familiares, os sentimentos de ciúmes e as responsabilidades são maximizados (Ribeiro, Avanci, Carvalho, Gomes, & Pires, 2011).

O namoro e o casamento, como a maioria dos outros arranjos citados, nem sempre foram da forma como conhecemos atualmente, os arranjos amorosos sofrem influência do seu tempo, das conjunturas sociais, econômicas, religiosas e políticas que se configuram.

Casamento

O tão conhecido arranjo amoroso que chamamos de casamento passou por muitas transformações no decorrer do tempo. De acordo com Almeida (2017) e Almeida e Lomonaco (2018), o casamento já foi uma união não fomentada e/ou mantida pelo amor, mas também por relações econômicas, políticas e até mesmo de sobrevivência. Quando sacramentada pela Igreja, as ações e a sexualidade passam a ser cerceadas pelos dogmas religiosos que também se transformaram. Apesar de seu arranjo e de sua função ter se modificado no decorrer do tempo, é uma forma de vínculo muito antiga. Em um longo processo histórico, as ideias, desejos, sentimentos, vontades e valores, daqueles que compunham o casal, começaram a ter influência até se tornarem os fatores essenciais que são hoje.

Ato sexual

Sexo, atividade sexual, prática sexual, ato sexual, relações sexuais, fazer sexo e assim por diante. A interação sexual entre os corpos é nomeada de várias formas. De acordo com João Fernando Mannocci (2004), o ato sexual é “qualquer ato que envolva a sexualidade, tais como um afeto, carícia, olhar, variantes sexuais e até mesmo a penetração (p.22)”. Ressalta-se que a penetração pode fazer parte do ato sexual, mas não o resume, porém, é comum o tratamento como sinônimos ou mesmo primordial. Desse modo, contextualiza, de maneira equivocada e reducionista, as demais interações como “preliminares”, ou seja, uma preparação para penetração.

O corpo humano apresenta um potencial para infinitas possibilidades de prazer, atração e desejo (Mallot, 1996). São inúmeras variações, por exemplo, masturbação, fetiches, sexo oral, anal e vaginal nas mais diversas formas e posições, as variações denominadas parafilias, o toque, o beijo, o olhar, entre muitas outras. Assim, no interesse em analisar o ato sexual se deve, essencialmente, considerar variáveis históricas e sociais. Em cada momento da história e cultura, o interagir sexualmente apresenta suas particularidades fundamentado nos mais diversos discursos e manejos em relações de poder (Foucault, 2017a, 2017b, 2017c).

Mesmo identificando diversos arranjos amorosos, entende-se que não são regras, apenas possibilidades que apresentam inúmeras variações, dependendo do momento histórico, contexto sociocultural e das pessoas envolvidas que os compõem. Além disso, entende-se que não existe um relacionamento igual ao outro e categorias novas podem emergir.

6. RESULTADO E DISCUSSÃO

6.1 Descrição do material

Como demonstrado (Figura 1), o acesso ao material ocorreu por meio do sistema de busca da própria plataforma do *YouTube*, no dia 05 de abril do ano de 2020, utilizando a palavra-chave “relacionamento amoroso” e, filtrando pela contagem de visualizações. O objetivo foi analisar os três vídeos informativos com o maior número de visualizações até o período indicado. O segundo vídeo (Tabela 2) mais visualizado é uma notícia, logo, não se encaix nos critérios de vídeo informativo, assim, foi excluído.

O vídeo com maior número de visualizações é o “Relacionamento sem futuro – Pe. Fábio de Melo” (Tabela 1), com 7.201.692 milhões. Seguido do “As 4 regras para um relacionamento dar certo” (Tabela 3), com 1.008.217 milhão e, por fim, o “Como melhorar/reconstruir meu relacionamento” (Tabela 4), com 969.615 mil visualizações.

O vídeo “Relacionamento sem futuro – Pe. Fábio de Melo” (Vídeo 1) é o fragmento final de um programa de TV, em que o Padre Fábio de Melo aconselha em relação à pergunta de uma pessoa, escrita em um papel. O vídeo “As 4 regras para um relacionamento dar certo” (Vídeo 3) é da *youtuber* e Sexóloga Cátia Damasceno, no qual, como título sinaliza, apresenta quatro regras para um relacionamento dar certo. Por fim, o vídeo “Como melhorar/reconstruir meu relacionamento” (Vídeo 4), é do *youtuber* Wendell Carvalho, como se denomina em seu próprio canal é “Estoico, Treinador, Filantropo. Criador da imersão PROTAGON. Método Cronos. Ciclo da Maestria”. No vídeo escolhido, o *youtuber* apresenta informações de como melhorar e reconstruir o relacionamento. O Vídeo 1 é o único em que o apresentador não é o dono do canal. Todos os vídeos se tratam do interlocutor falando para os internautas.

Como modo de personalização, os protagonistas dos vídeos que compõem a análise serão tratados em letra maiúscula no texto como Padre, Sexóloga e Treinador.

Tabela 1

Informações técnicas sobre o vídeo 1

Vídeo	<i>Relacionamento sem futuro – Pe. Fábio de Melo</i>
Duração	11 min. 40 segs.
Link	https://www.youtube.com/watch?v=Q_7KhfwSYWs
Acessado em	05 de abril de 2020

Visualizações	7.201.692
Curtidas	187.450
Descurtidas	5.050
Comentários	4.430
Canal	Fabiano Pereira
Inscritos	785 mil.
Descrição do vídeo	<p>http://direcaoesspiritual.blogspot.com... programa do dia 19 de agosto de 2015, Padre Fábio de Melo atende a uma mulher que não vê futuro em seu namoro, porém não tem coragem de terminar. Padre Fábio lhe incentiva a sair da zona de conforto e buscar algo melhor. Convido você a conhecer o trabalho de evangelização através da música católica de minha esposa Simone Medeiros: http://youtu.be/ruW2Ttc38cY</p>

Tabela 2

Informações técnicas sobre o vídeo 2

Vídeo	<i>Mãe e filho lutam para manter relacionamento amoroso nos EUA</i>
Duração	4 min. 33 segs.
Link	https://www.youtube.com/watch?v=oYEgAYVBzRA
Acessado em	05 de abril de 2020
Visualizações	1.258.976
Curtidas	9.332
Descurtidas	4.365
Comentários	1.641
Canal	Eutímio Carvalho e os Mistérios do Mundo
Inscritos	576 mil
Descrição do vídeo	<p>MÃE E FILHO AMERICANOS ESTÃO VIVENDO UM ROMANCE PROIBIDO E LUTA COM TODAS AS FORÇAS PARA FICAREM JUNTOS.</p> <p>----- Deixe seu gostei ;) ----- INSCREVA-SE E DEIXE SEU COMENTÁRIO ----- CURTA NOSSA FÃ-PAGE www.facebook.com/canalmisteriosdoalem ----- QUER ENTRAR EM CONTATO CONOSCO? NOSSO EMAIL contato@canalmisteriosdoalem.com.br ----- UM GRANDE ABRAÇO E ATÉ O NOSSO PRÓXIMO VÍDEO</p>

Tabela 3

Informações técnicas sobre o vídeo 3

Vídeo	<i>As 4 regras para um relacionamento dar certo</i>
Duração	13 min. 28 segs.
Link	https://www.youtube.com/watch?v=7hffuCA0kXY
Acessado em	05 de abril de 2020
Visualizações	1.008.217
Curtidas	98.409
Descurtidas	747
Comentários	1467
Canal	Cátia Damasceno
Inscritos	5.94 milhões
Descrição do vídeo	<p>As 4 regras para um relacionamento dar certo...</p> <p>→ Cadastre-se na lista de interesse para o curso:</p> <p>→ http://mbr.blog.br/yz6oep NÃO ESQUEÇA DE SE INSCREVER NO CANAL</p> <p>Inscreeva-se aqui: http://bit.ly/inscravasembr</p> <p>Siga-me nas minhas redes sociais!</p> <p>→ Instagram: https://www.instagram.com/mulheresbem...</p> <p>→ Facebook: https://www.facebook.com/mulheresbemr..</p>

Tabela 4

Informações técnicas sobre o vídeo 4

Vídeo	<i>Como melhorar / reconstruir meu relacionamento</i>
Duração	8 min. 36 segs.
Link	https://www.youtube.com/watch?v=FKMHs2yEE8M
Acessado em	05 de abril de 2020
Visualizações	969.615
Curtidas	63.598
Descurtidas	550
Comentários	1380
Canal	Wendell Carvalho
Inscritos	1.13 milhões
Descrição do vídeo	<p>Quero lhe guiar pessoalmente em uma imersão de 3 dias para Desbloquear Seu Potencial, Condicionar sua Mente para o Sucesso e construir uma Vida Épica. Confira...</p> <p>https://protagon.wendellcarvalho.com...</p> <p>Compartilhe esse vídeo nos Grupos de WhatsApp</p> <p>::: INSCREVA-SE NO CANAL :::</p> <p>http://bit.ly/Inscreeva-se-Youtube-Wen...</p> <p>::: SIGA WENDELL CARVALHO :::</p> <p>Instagram: https://www.instagram.com/wendellcarv...</p>

6.2 Elementos da narrativa audiovisual: personagens, narrativas e intencionalidades

6.2.1 “Relacionamento sem futuro – Pe. Fábio de Melo”

Neste vídeo o interlocutor é um padre, Fábio de Melo. As palavras destacadas em itálico, tratam-se de transcrições. O vídeo publicado no *YouTube* é um fragmento de um programa de TV do canal religioso, Canção Nova. Existem vários vídeos desse Padre na internet.

O vídeo é filmado em apenas um cenário (Tabela 5), grande, onde apenas uma parcela do cenário é focada pela câmera, sempre acompanhando o Padre. Do início até o 6’55’’ tempo do vídeo, o Padre permanece sentado, tanto que não dá para saber de onde vem o som de fundo. Contudo, quando se levanta e se aproxima do pianista, identifica-se a origem do som. O cenário tem poucos móveis e sua cor predominante é o dourado. Em alguns momentos, a câmera foca em uma Bíblia. A melodia do piano é suave e tranquila, tocada durante todo o vídeo. Fábio de Melo não gesticula com frequência, faz poucos movimentos e utiliza um microfone de mão.

Tabela 5

Planos do vídeo 1



Considera-se que a indagação apresentada (*Padre Fábio, eu estou precisando muito de umas palavras de ajuda, pois estou precisando me animar, estou num relacionamento que não vejo futuro nenhum, mas, ao mesmo tempo, eu não consigo me libertar disso, preciso muito de umas palavras que me joguem pra frente, que me façam reconhecer o valor que*

tenho, estou tentando me afastar desse relacionamento mas está muito difícil, desculpa, mas se puder me falar algo que possa me ajudar, ficarei muito grata) é o cerne que motiva a reflexão subsequente do interlocutor, assim, cabe uma problematização. Parte-se, primeiramente, da ausência de identificação de quem pergunta, de modo a sinalizar apenas seu gênero por meio do agradecimento: “*ficarei muito grata*”. Na descrição do vídeo, o dono do canal sinaliza que a pergunta foi realizada por uma mulher. Pode-se inferir que tal apontamento parte da sinalização de gênero pelo agradecimento, como também, pode ser mais uma questão social, de inferir que as problematizações em relacionamentos amorosos são realizadas por pessoas do gênero feminino. Entretanto, aparentemente o conteúdo da fala do Padre não demonstra claramente o direcionamento para um dos gêneros, apesar de, em alguns momentos, discursar para o sujeito no feminino, em outros, para o masculino. Considera-se que a ausência de identificação, não permite avaliar com clareza se o discurso seria mais tendencioso ou não. Outro elemento que não está claro é o tipo de relacionamento. Na descrição do vídeo o dono coloca como namoro, mas isso não foi explícito em nenhum momento na questão. Talvez, considerou um namoro por não ter explicitado o casamento.

Questão: *Padre Fábio, eu estou precisando muito de umas palavras de ajuda, pois estou precisando me animar, estou num relacionamento que não vejo futuro nenhum, mas, ao mesmo tempo, eu não consigo me libertar disso, preciso muito de umas palavras que me joguem pra frente, que me façam reconhecer o valor que tenho, estou tentando me afastar desse relacionamento mas está muito difícil, desculpa, mas se puder me falar algo que possa me ajudar, ficarei muito grata.*

Alguns **termos e conceitos** são apresentados e explicados pelo Padre durante o vídeo, os quais, aparentemente, têm a função de corresponder à indagação:

Falseamento: *o falseamento é quando você finge uma satisfação quando de fato ela não existe. [...] Não pode ser confundido com essa capacidade social que você tem de ser simpático com outro e de não dizer aquilo que vai ser agressivo a ele.*

Consequências: *Então, muitas vezes nós assumimos o falseamento como uma postura de vida. Não é o outro que vai quebrar essa falsidade em nós, é claro que alguém pode até nos estimular a deixar a falsidade de lado, mas é a gente que precisa diariamente fazer essa pergunta, se nós estamos sendo suficientemente verdadeiros com nosso processo, pra que esse processo nos provoque satisfação, realização, que essa vida é uma só, se eu perco tempo*

com essa falsidade, com esses falseamentos eu fico privado de levar à categoria máxima aquilo que eu sou.

Ser educado: *ser educado é você privar o outro de ouvir algo que possa ser desagradável os ouvidos dele.*

Hipocrisia consigo mesmo: *posso ser hipócrita numa relação comigo, quando eu minto, por exemplo, para mim mesmo.*

Estratégia de Enfrentamento: *apesar de não se encontrar, no conteúdo do discurso, uma transcrição literal que defina este termo, aparentemente está relacionado às atitudes de seguir em frente, não ficar na condição de hipocrisia e nem de falseamento, buscando crescimento pessoal, não renunciar a quem a gente é.*

O processo: *pode ser compreendido como sinônimo de viver, uma busca sem fim por liberdade interior em uma vida mais autêntica.*

Para explicitar algumas reflexões o Padre se utiliza de **metáforas**:

Bem, primeiro que a gente tem que andar é pra frente mesmo né, tudo tem que nos jogar para frente, muito embora às vezes um passo atrás para nos ajudar a pensar que caminho nós estamos tomando também é saudável. A gente dá uma paradinha, olhar para os lados, dar um passo para trás, olhar o contexto das nossas escolhas, isso é muito importante.

O mínimo que você precisa fazer é colocar as cartas na mesa e discutir abertamente quais são as reais intenções dessa pessoa.

É preciso ter muita coragem para viver esse enfrentamento, mas a partir do momento que você tem, que você dá esse passo no enfrentamento, você vai alcançar alguns territórios que são seus e que até então estavam alienados nas mãos de outros, isso vai lhe dando ainda mais coragem de buscar mais conquistas, a gente não termina.

O protagonista do vídeo também se utiliza de **analogia**:

É como você se acostumar a um emprego onde você não cresce, onde você não precisa recrutar a sua inteligência, você fica repetindo a mesma coisa, aí você olha com uma pessoa muito menos preparada que você realizaria aquela função perfeitamente. Tá na hora de você ir embora, tá na hora de você buscar um outro lugar para você. Sabe porquê? Senão você vai começar a se nivelar por baixo, e essa fatura chega.

Exemplos de **experiências cotidianas de terceiros são apresentados**:

Hoje conversando com uma amiga minha, ela tava me dizendo que ela é empresária, ela trabalha não com um grupo muito grande de pessoas, mas ela fala assim: eu sempre tive muita habilidade de mandar os meus funcionários embora.

Não é fácil né, já mandou embora? (fala olhando para o pianista). Eu também não, não quero ter esse desprazer, deve ser muito desagradável.

Mas ela disse que, quando ela identificava que um funcionário não correspondia mais ao que ela esperava e que ela certamente teria de enfrentar o dessabor de despedir, ela começava a prestar atenção de maneira especial no que estava desestimulando aquela pessoa e aí quando ela chegava para conversa, ela chegava toda otimista, ela não chegava metendo bronca, não. Ela começava dizendo assim: você tem percebido que você nasceu para muito mais do que aquilo que você faz, porque se você não está desempenhando bem o seu papel, não é que você é incapaz não, é que você não está estimulado, você pode muito mais, vá buscar um emprego melhor para você. Vá buscar um lugar onde você vá se exigir um pouco mais como pessoa e que naturalmente vai lhe dar uma satisfação, porque o que nos realiza é quando a gente tem a sensação de que a gente tá crescendo. Diz que a pessoa ia embora feliz da vida. Isso é um dom, é um dom de fazer o outro perceber que ele pode ser mais. Você faz isso com os outros? Você estimula as pessoas a serem mais? Ou você aproveita a acomodação para que elas fiquem escravizados nos seus interesses? E você, você é capaz de se desafiar a querer mais para você? Ou você se contentou com o pouco que a vida lhe deu?

Orientações um pouco mais objetivas que aquelas consideradas metafóricas, são apresentadas no vídeo:

Agora a gente tem de andar, o tempo todo, na conquista, daquilo que de fato interessa.

Hoje nós começamos o programa falando da necessidade que a gente tem, por uma responsabilidade pessoal de não abrir mão de ser quem a gente é. Eu até brincava né, que a medida que nós vamos educando as crianças elas vão deixando de ser sinceras.

E é interessante né, que às vezes a gente passa boa parte da nossa vida, vivendo só a metade do que a gente poderia. Por quê? Porque a gente perde muito tempo com falsidade, com os falseamentos, a gente não faz os enfrentamentos, aí a gente fica ali naquela condição de hipócrita, porque nem é uma hipocrisia em relação ao outro, que também existe, eu posso ser hipócrita em relação ao outro, mas eu também posso ser hipócrita numa relação comigo, quando eu minto, por exemplo, para mim mesmo. Nós falamos ali agora mesmo na reflexão da palavra, muitas vezes eu numa tentativa de me justificar, eu fico enfrentando falsos conflitos que não correspondem a minha realidade, e isso minha gente, é como ser um doente que se recusa a viver o tratamento.

Você não é objeto para ser manuseado, para ser colocado numa condição absolutamente desfavorável aos seus anseios como pessoa.

Se você identifica que você está dentro de um relacionamento que não te leva pra frente, que só te emperra, você precisa ser honesta com você, não dá para levar adiante esse relacionamento.

Essa conquista não termina nunca, a liberdade interior é um processo que nunca vai ter fim, então se você sente que você está vivendo um relacionamento que não lhe favorece florescer como pessoa, você não pode pensar duas vezes, você tem que problematizar a

questão. Eu gosto sempre de dizer isso, nós precisamos levar a sério os nossos conflitos. Às vezes, nós não damos ouvidos ao que nos incomoda e porque não damos ouvidos ao que nos incomoda a gente perde a habilidade de saber o que de fato precisa ser modificado.

Pode ser que hoje você esteja acostumado, o contexto te anestesiou, mas vai chegar um momento que você vai se cobrar, meu Deus do céu o porquê, que eu não tive coragem de fazer a minha mala e partir em busca de uma realidade que me exige-se mais? Por que, que eu não tive coragem de ir naquela hora tomar uma decisão que me causaria um desconforto? Porque eu perderia a estabilidade, mas, ao mesmo tempo, me colocaria num projeto que de fato era para mim. Ai você vai sentir que você vai ser mais exigido do ponto de vista intelectual e naturalmente você vai se sentir mais confortável do ponto de vista emocional, porque quando nós temos a acomodação do processo intelectual você começa a nutrir silenciosamente uma insatisfação emocional. Você sabe por quê? O ser humano sabe que pode. Você sabe que pode.

Você tem escutado? Você tem se percebido? Pra saber se de fato você está no lugar certo. Você tem medo de mudar? Tem medo de correr atrás daquilo que você pode se oferecer? Ou você se nivelou por baixo, se acomodou nas suas escolhas e está satisfeita esperando a morte? É muito triste isso, eu preciso diariamente, por mais que eu já tenha conquistado os meus resultados intelectuais, eu preciso me desafiar, emocionalmente eu ainda não alcancei o equilíbrio que eu quero, quero viver cada vez mais dono das minhas emoções, não quero ser escravo dos meus sentimentos, das minhas iras dos meus ódios, não.

Por fim, o Padre expõe **reflexões de cunho religioso**:

Não estou dizendo que você será ingrato, que você vai jogar tudo fora, não, estou apenas querendo que você olhe para você do mesmo jeito como Jesus nos olha. Aquela palavra dura, volto a dizer, aos fariseus e aos escribas, não é para humilhá-los, é para acordá-los. Nenhuma palavra de Jesus é para humilhar alguém, para que aqueles se sentissem piores do que eles realmente erram. Não, a palavra dura para acordar o que está acomodado, quanto mais acomodado está, mais dura tem que ser da palavra, senão a gente não acorda.

O processo de Deus para mim, o convite de Jesus para mim, é superar tudo aquilo que para mim é um contexto de hipocrisias. Eu quero ouvir essa palavra aqui e em nenhum momento pensar que Jesus está querendo me humilhar em público. Jesus está querendo é me acordar. Quanto mais dura é a palavra de Deus para nós, maior é o seu amor, porque aquele que ama, exige até a última gota, para aquele que é amado chegue ao melhor de si mesmo.

É isso que eu lhe desejo, que Deus lhe desafie, que Deus lhe incomode, que Deus lhe grite essa palavra dura, que você saia de todas as realidades, para que você rompa com todas as realidades que estão lhe aprisionado, derrame sobre a sua vida sobre o seu coração a bênção e a proteção do céu, do Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, amém. Até a semana que vem, se Deus quiser.

6.2.2 “As 4 regras para um relacionamento dar certo”

Este vídeo é apresentado pela Cátia Damasceno e o canal no qual ele foi apresentado está em seu nome. No seu site/movimento “Mulheres Bem Resolvidas” (<https://www.mulheresbemresolvidas.com.br/catia-damasceno/>)(Acesso em: 22 nov. 2020), ela relata sua formação, graduada em fisioterapia, especializada em uroginecologia, relacionamento, sexualidade, sensualidade e saúde da mulher. Apesar de não estar escrito, neste vídeo relata um exemplo de quando estava na faculdade de Psicologia.

O cenário é, aparentemente, uma sala de um edifício, com uma janela de fundo, um sofá com almofadas onde ela está o tempo todo sentada, poucos objetos e uma planta (Tabela 6). O vídeo possui uma introdução com ela dançando ao som de parte da música “Agora vai sentar”, um *funk*, dos MCs Jhowzinho e Kadinho, há, ainda, uma vinheta incluindo o texto “Mulheres Bem Resolvidas com Cátia Damasceno” (Tabela 6) e, em seguida, Cátia Damasceno inicia sua fala.

Tabela 6

Planos do vídeo 3



A protagonista do vídeo inicia sua fala comentando que: “*essa música não tem nada a haver com romantismo, não é verdade?! Mas que é bom dar uma sentada boa de vez em quando, é! (risos da interlocutora e gargalhadas ao fundo). Trabalhar o quadríceps!*”.

Na sequência, introduz o assunto do vídeo, “*quatro coisas para como você ser melhor no seu relacionamento. Quatro coisinhas que a gente pode aprender realmente a ter relacionamentos melhores e novamente eu digo, serve tanto para quem ainda não tem, como*

para quem já está dentro de um relacionamento”. Os quatro aspectos que ela apresenta são: **Tempo, Comunicação, Características e Carisma/Atratividade.**

Tempo: Quando eu falo em tempo, não é que se tem que ter tempo pra namorar, não é isso. Eu quero dizer exatamente o contrário, é para você parar de perder tempo com gente errada na tua vida.

Comunicação: Tem muita gente que tem uma habilidade extraordinária de conversar com os colegas de trabalho, de conversar com os amigos, de conversar com filho, com pai, com todo mundo. Chega na hora do relacionamento a dois, Fulano com Beltrano, Ciclano com Ciclana, oque que acontece? A pessoa empaca, a pessoa trava, ou a pessoa é rude, ou a pessoa é muito tímida. E aí tem essas duas características. É extremamente comunicativa com os outros, mas dentro do relacionamento, do seu próprio relacionamento, não consegue se comunicar com seu parceiro, não consegue falar. Gente, não tem como, eu te garanto, um relacionamento dar certo sem diálogo, sem conversa. São dois seres humanos e a gente não tem bola cristal para saber o que que acontece dentro da cabecinha do outro.

Características: gente quando eu falo em características, eu falo em qualidades, tá! Muitas vezes dentro de um relacionamento, principalmente se é um relacionamento que está começando, a gente se encanta, a gente se apaixona por uma virtude que aquela pessoa tem. Que na verdade é uma característica que você gosta, é uma qualidade que você quer no homem. Só que esta uma qualidade, vem!... Com outros 20 defeitos. E aí a pergunta é: será que você tá disposta realmente a receber o pacote inteiro, com a qualidade que você quer e mais os outros 20 defeitos? É possível? É possível! Desde que, esses outros 20 defeitinhos, essas outras 20 virtudes a serem melhoradas digamos assim, fica mais fácil, não é?! Desde que, não seja nenhum defeito que você não consiga, não suportar.

Carisma/Atratividade: “Mas Cátia, eu não tenho” Desenvolva! “Cátia, não é possível desenvolver”. Ah! Querida, aí que você se engana. Sim! é possível desenvolver um carisma com certeza. É algo que a gente treina. [...]

Então, de acordo com Skinner, todo comportamento pode ser treinado, carisma é um deles. A arte de saber seduzir, a arte de saber conquistar é um deles. Existem sim, passos que você pode seguir, existem posturas que você pode tomar, existe algo que se chama a linguagem corporal que a gente pode passar a desenvolver de uma forma racional no ato da conquista. Aí pra poder atrair a presa, por que não? Digamos assim!

É exatamente isso que eu vou ensinar pra vocês no meu curso de sedução. Então você vai aprender a desenvolver o seu poder de sedução.

Nota-se o uso de uma linguagem coloquial, Cátia Damasceno gesticula com frequência e encena a fala e/ou diálogo de si mesma e outras pessoas, quando cita exemplos.

Percebe-se que a fala é direcionada para mulheres. Tal como pode ser inferido por meio dos exemplos que apresenta no decorrer do discurso, refere-se a um modelo cisheterossexual, por exemplo:

*Só que nós temos no íntimo, nós, principalmente **nós mulheres**, nós temos no íntimo do nosso ser, uma esperança gigantesca, de que a gente vai..., **acho de que isso é alguma coisa materna**, de que a gente vai consertar aquela pessoa.*

*Então se você vai investir numa relação e já sabe que **o cara** tem uma um histórico, já sabe que **ele** vem da vida da galinhagem, da vida da bandidagem.*

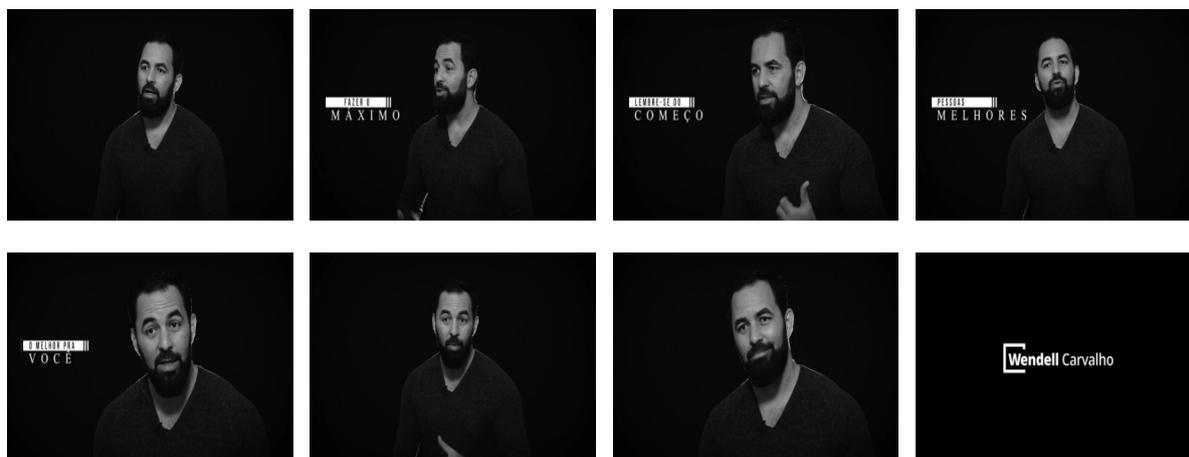
Em alguns momentos fica claro que ela está referindo-se a inícios de relacionamentos e em outros aos relacionamentos que existem há um certo tempo, sem denominar uma distinção de arranjos.

6.2.3 “Como melhorar / reconstruir meu relacionamento”

O interlocutor neste vídeo é Wendell Carvalho, em seu site (<https://wendellcarvalho.com.br/sobre-wendell-carvalho/>) (Acesso em: 22 nov. 2020) está descrito como: “Wendell Carvalho é CEO da Kairos Treinamentos, empreendedor e profundo pesquisador dos padrões de comportamento humanos. [...] Estudou pessoalmente nos EUA com Tony Robbins, considerado um dos maiores treinadores de todos os tempos, e fez aulas com o mestre em geração de riqueza T. Harv Eker. Desenvolveu seus conhecimentos de Coaching e Liderança com o norte-americano Rhandy Di Stéfano e com o suíço Peter Barth”.

O cenário é todo preto, com apenas o interlocutor sentado. O vídeo é todo preto e branco. Nota-se apenas uma luz branca atrás. Ao citar alguns aspectos que contextualiza em sua fala, aparece escrito no vídeo (Tabela 7). Existe uma melodia de fundo o tempo todo do vídeo, sendo que no último minuto ela se transforma em outra mais intensa. No fim some sua imagem gradativamente e aparece seu nome.

Tabela 7
Planos do vídeo 4



Começa o vídeo dizendo: *E vamos partir desse princípio, relacionamento está muito ruim, muito ruim, casamento, namoro, você tá junto há um tempo com essa pessoa e tá muito ruim. O que que é possível ser feito, para reverter isso?*

Diante dessa questão argumenta, destacando alguns pontos: **Fazer o Máximo, Lembre-se do Começo, Pessoas Melhores e O melhor para Você.**

Fazer o Máximo: *Eu gosto muito da ideia, da premissa de fazer o máximo que você pode para outra pessoa, dentro de uma janela de tempo. Mas, por pior que esteja o relacionamento, em uma janela de tempo você faz o máximo que pode para outra pessoa. Não sei se essa janela é uma janela de trinta dias, sessenta dias, noventa dias. Mas fazer o máximo que você pode por aquela pessoa se transformar pra aquela pessoa, fazer o máximo para atender as necessidades daquela pessoa e da outra ponta aceitar a pessoa como ela é. É um processo de se polir para aquela pessoa e aceitar aquela pessoa como ela é. Fazendo isso durante trinta, sessenta, noventa dias eu não sei o que, o que precisa acontecer é essa pessoa retribuir, se essa pessoa não retribui, isso é um sinal que o relacionamento está esgotado realmente.*

Lembre-se do Começo: *O que significa dar o máximo, né? Já existe uma premissa muito forte que é, faça o que você fez no começo e ele nunca vai acabar. Então se você tá, talvez, em um relacionamento há cinco, seis, dez, quinze anos. Se você retomar a fazer o que você fazia no começo: sair para os lugares que você saiu no começo; se tratar do jeito que vocês se tratavam no começo; talvez signifique andar mais de mãos dadas; talvez signifique*

fazer cócegas; talvez significa beijar a testa da outra pessoa; talvez significa voltar a beijar, não sei o que é, mas voltar a fazer o que fazia no começo. Isso vai disparar âncoras, isso vai disparar elementos emocionais importantes, que vão aquecer algum lugar no coração desse casal que não tá aquecido mais. Então, de forma prática é voltar a fazer, o que se fazia no começo.

Pessoas Melhores: *Quais são os indícios, então, que o relacionamento tá muito ruim, né? É... O que acontece, é que o relacionamento existe pra quê, pra quê, nos tornemos pessoas melhores. Isso é muito importante. Viver sozinho é muito fácil, complexo e viver com outra pessoa, uma outra pessoa que tem raiva, com uma outra pessoa que tem emoções fortes, com uma outra pessoa que tem TPM, que menstrua, com uma outra pessoa que tem necessidades. Então viver com outra pessoa nos faz uma pessoa melhor.*

O melhor pra Você: *Passa a mensagem que se você der o seu máximo a vida dará o melhor para você.*

*Não fica explícito se a mensagem é para algum corpo ou relacionamento específico, aparentemente não. Apesar que no início cita: E vamos partir desse princípio, relacionamento está muito ruim, muito ruim, **casamento, namoro**, você tá junto a um tempo com essa pessoa e tá muito ruim. Presumivelmente refere-se a relacionamentos de médio e/ou longo prazo.*

O momento em que deixa mais claro, alguma distinção, é quando aborda sobre a dinâmica e apresenta os gêneros, provavelmente em uma configuração cisheterossexual: *E assim, eu creio com todas as minhas forças, sabe! O relacionamento ele precisa ser abundante, e dá para ter um relacionamento abundante. Só que muitas pessoas estão relacionamento porque tiveram problemas na infância, problemas de estima e pra essa pessoa, esse homem ou essa mulher na relação se sentir bem, essa pessoa precisa diminuir a outra pessoa. Precisa fazer a outra pessoa se sentir miserável dentro do relacionamento. Isso acontece muito. E esse é um problema silencioso, as mulheres passam muito por isso, homens também, muito mais as mulheres. Mas esse, esse, essa dinâmica cruel que acontece, as pessoas vão se acostumando com isso. São, por exemplo, pessoas que criticam a outra o tempo todo. Pessoas que desestimulam qualquer iniciativa que o parceiro ou a parceira tenha. E vai fazendo isso para minar a outra pessoa, é como se fosse uma pequena ave, um pequeno passarinho, que esse passarinho foi buscado na natureza, era um passarinho lindo, aquela mulher solteira, aquele homem solteiro, foi levado para dentro daquela gaiola. A gaiola tá aberta, a pessoa pode sair quando quiser. Mas é como se a pessoa batesse nas asas*

daquele pássaro, para debilitar o pássaro, pra que ele não conseguisse voar de fato.

6.3 Categorias temáticas

Percebemos que os vídeos “Relacionamento sem futuro”, “As 4 regras para um relacionamento dar certo” e “Como melhorar/reconstruir meu relacionamento” apresentam pontos relevantes a serem observados em suas narrativas. Assim, destacam-se três categorias temáticas e suas intencionalidades presentes nos vídeos:

TEMA 01: Uma Educação Sexual emancipatória?

Conforme Pricila Christiane Rodrigues Guimarães e Gilson Cruz Júnior (2019), em relação aos vídeos disseminados no *YouTube*, “[...] podem levar os internautas a refletir sobre seus próprios comportamentos e atitudes, ao serem sensibilizados por canais e vídeos sobre temas presentes em seu cotidiano” (p. 238). Compreende-se que os vídeos disseminados no *YouTube* possuem conteúdos que educam, neste caso envolvendo a sexualidade com ênfase nas interações afetivossexuais, dessa forma, uma Educação Sexual.

A sexualidade como um fenômeno humano é amplo e complexo, constituído por uma conjuntura biopsicossocial influenciada por fatores históricos, sociais, religiosos, políticos, culturais, econômicos, científicos, pedagógicos, midiáticos, publicitários, tecnológicos entre outros (Figueiró, 2010; Maia, 2011; Maia & Ribeiro, 2011; Silva, 2015). No dito e no não dito, no explícito e no simbólico, a Educação Sexual acontece, pode ser de maneira formal, produzindo e sistematizando voluntariamente para tal fim ou informal, em todas as outras relações.

Além do modo, existem vários tipos de Educação Sexual, por exemplo, pedagógica, médica e religiosa. Dentre as possibilidades, destaca-se a Educação Sexual emancipatória, que se caracteriza pelo seu comprometimento com a transformação social e, de acordo com Figueiró (2010), promove reflexões sobre os corpos, seus desejos e prazeres, sempre atenta ao respeito e aos direitos em sua diversidade e sexualidade. A Educação Sexual emancipatória fomenta a compreensão da influência dos mais diversos discursos e diferentes manejos sociais que controlam os corpos, estabelecendo normas afetivas e sexuais, alertando contra a opressão e sobre a construção social, histórica e cultural do gênero; é problematizadora, propicia questionamentos filosóficos, ideológicos, sociais, culturais, etc.

Por fim, ela busca a transformação de valores, conseqüentemente atitudes e preconceitos, tão logo o contexto social, de forma que todos possam desfrutar de uma vida com mais liberdade, respeito e responsabilidade.

Dessa forma, questiona-se: nos conteúdos analisados, há uma Educação Sexual emancipatória? O Padre, a Sexóloga e o Treinador, com seus discursos de autoridade e representatividade nos espaços que ocupam, educam. Apesar do tema abordado nos vídeos não evocar de forma mais clara o aprofundamento em determinados assuntos, para revelar seus posicionamentos, ainda é possível analisar, em seus conteúdos e até mesmo na ausência, determinadas particularidades.

O Padre, ainda que diante da indagação de um “relacionamento sem futuro”, problematiza a situação apenas no campo individual, em que é possível inferir uma proposição analítica de que tudo depende da pessoa, negligenciando outras variáveis. Michel Foucault (2017a) apresentou que diversos discursos, sociais, políticos, econômicos, culturais, científicos, religiosos e pedagógicos que influenciam no controle dos corpos e de suas relações. Além dele, Banaco, Nico e Kovac (2013), Beauvoir (1967), Bozon (2004), Garcia e Maia (2013), Giddens (1993), Louro (2008) corroboram com a ideia de que diversas variáveis influenciam na forma como os sujeitos se relacionam, principalmente as de ordem social. Não incluir esses aspectos é incoerente com uma Educação Sexual emancipatória.

Problematizações em relação aos próprios valores são importantes, mas desconsiderar variáveis históricas individuais e sociais pode não ser tão efetivo, pensando em uma transformação social e na própria realidade do sujeito, que promove impeditivos outros, como a condição socioeconômica, discriminação por raça e a dominação entre gêneros. O Padre enfatiza uma ideia de “crescimento pessoal” e de “direção espiritual” em todo o discurso, aparentemente emancipatório, mas não considera outras variáveis além da relação mais imediata do sujeito consigo mesmo.

Identifica-se na fala da Sexóloga e do Treinador um manejo semelhante. Assim sendo, supõe-se que esse tipo de discurso possa ser resultante do modelo social de individualização e efemeridade dos corpos e das relações, decorrente dos valores de uma sociedade capitalista e de consumo, fomentando a busca de uma felicidade e de bem-estar a qualquer custo (Almeida & Lomônaco, 2018; Banaco, Nico, & Kovac, 2013; Bauman, 2004). Como pode ser resultante de diversas outras variáveis: da ideia do sujeito ser o único responsável por si; do manejo didático para o tempo limitado do vídeo; até mesmo da lógica de desenvolvimento pessoal diretiva, mercadológica e ausente de problematizações sociais; entre outras.

A Sexóloga deixa explícito que seu discurso é direcionado às mulheres, como se evidencia na vinheta, “*Mulheres Bem Resolvidas – com Cátia Damasceno*”. Contudo, no decorrer da explanação fica claro que é para mulheres cisgênero heterossexuais. De forma semelhante ao Padre, as problematizações são voltadas à pessoa, com a distinção de que ela articula, também, para questões enquanto casal, porém, apenas indicando estratégias para o manejo de conflitos na relação. Como no caso anterior, não considerando aspectos sociais, entre outras variáveis.

Em vários momentos, sem fazer uma discussão histórica, social e cultural: a Sexóloga sinaliza que a mulher deve modificar-se, tornar-se mais atraente e carismática, a fim de relacionar-se com um homem; atribui causa de atitudes, com algo convencionalizado ao feminino, por exemplo, a “*alguma coisa materna (Sexóloga)*”; justifica que a mulher deve ter cuidados ao conversar com um homem pelo fato dele ter “*um ego muito mais frágil que o feminino (Sexóloga)*”; e associa gênero com comportamentos, estabelecendo estereótipos sem problematizar a questão, por exemplo, “*porque mulher romantiza né (Sexóloga)*”. Todavia, conforme os entendimentos de Beauvoir (1967), Bourdieu (2012) e Fontana (2019), compreende-se que, histórica e socialmente, devido às práticas de dominação masculina, a mulher é impelida a ser subserviente, de forma explícita, sendo subjugada e, de maneiras simbólicas, sua submissão compulsória é consentida, mascarada por uma ritualidade social de dominação.

Acredita-se que relações desse tipo não são intencionais em sua completude, por parte da Sexóloga, deve-se a um reducionismo analítico, baseado em um fragmento cultural, como também pode ser desconhecimento ou um recorte da sua compreensão, a fim de passar uma mensagem, mas também por estar sujeita a essas relações de dominação. Identifica-se, mesmo que passíveis de problematizações, a dedicação em relação à emancipação das mulheres ao erótico, recomendações para evitar relações incoerentes com seus desejos e estratégias para comunicação com menos eventos aversivos entre o casal.

O Treinador, o Padre e a Sexóloga também manejam o discurso voltado para o indivíduo, desconsiderando e/ou omitindo outras variáveis e, aparentemente, referindo-se a corpos/relacionamentos cisheterossexuais. Contudo, o Treinador traz pontos a serem destacados: na maior parte do conteúdo usa o termo “pessoa”, promovendo a ideia de que a mensagem é para qualquer configuração de corpo; quando sinaliza que não há um modelo de relacionar-se, que cada casal tem sua dinâmica; e por considerar, mesmo que não problematize, subprodutos da história individual e o impacto distintivo entre homens e

mulheres. Nesse caso parece ser gêneros cis. Porém, não são feitas articulações e discussões, considerando variáveis históricas, sociais e culturais e também reduz e generaliza as variáveis das histórias individuais. Por exemplo, o tipo de interação abusiva a que ele se refere, sinalizando que as mulheres são mais impactadas, é apresentado por Bourdieu (2012), que associa ao exercício do poder da dominação masculina sobre a mulher. Outro ponto, que apesar de ser pertinente, é a relação direta que o Treinador faz entre problemas na infância, relacionados à estima, que promovem um ser abusivo nos relacionamentos, é problemática. Pois, essa generalização pode propiciar a ideia equivocada de ser uma regra, que não é o caso e, assim, negligenciar outras variáveis. Uma pessoa com problemas de autoestima pode ser, também, aquela que está vulnerável ao abuso.

Por fim, entende-se que os conteúdos de todos os vídeos, de acordo com suas temáticas, problematizaram as situações, porém, apenas em aspectos superficiais de determinadas interações dos sujeitos consigo mesmos. Dessa forma, não comprometendo-se com transformações sociais e uma educação voltada para a emancipação do sujeito. Identifica-se conteúdos que podem ser considerados promotores de “desenvolvimento pessoal”, beirando a conteúdos edificadas a partir de meras colocações voltadas a uma autoajuda. Porém, não articulados com a proposta de uma Educação Sexual emancipatória e comprometida com a transformação pessoal e social.

O Padre, de forma mais evidente a Sexóloga e o Treinador, produzem conteúdos com fins mercadológicos para captar mais clientes e adeptos ao canal e à ideologia. Não que tal prática seja um impeditivo. No entanto, mais suscetíveis aos valores da sociedade capitalista e de consumo, que pode influenciar em suas leituras de mundo e ser humano, bem como no conteúdo que produz, a ponto de as demandas resultantes das práticas hegemônicas históricas, sociais, políticas, religiosas, econômicas, pedagógicas e científicas fomentarem produtos e/ou serviços de “cuidados paliativos” e/ou da preparação desses corpos, educando-os, mas sem compromisso com a transformação social, colaborando com a manutenção desse sistema.

TEMA 02: Corpos que se relacionam

Compreende-se os corpos como unidades, sem dualismos, sem essências, constituídos de forma multifatorial (Silva & Laurenti, 2016). Desde a concepção estão em constante interação com seu meio transformando e sendo transformados, de inúmeras maneiras. Dado o

conhecimento de sua existência, passa a ser um corpo percebido, investido de sentido por meio da linguagem, a seguir um modelo de identidade articulada em princípio pela criação do sexo e a ficção do gênero em relações de poder, impelindo aos corpos, reiteradamente, a encenação de atos consoantes com a hegemonia do cenário social (Butler, 2003). Tais relações de poder se dão por meio e em interação com os mais diversos discursos, por exemplo, sociais, econômicos, religiosos, jurídicos, científicos, pedagógicos, que formulam verdades, estabelecem normas, leis e valores, controlam os corpos e suas relações, ditam, instruem e orientam o que é saudável e adequado, ou não (Foucault, 2017a).

Os corpos são configurados historicamente: nas suas informações genéticas, como um compilado resultante de uma longa história de transformações em seu código; na trajetória peculiar que configura a história pessoal; e nos diversos aspectos presentes na dinâmica social em sua cultura, decorrentes de transformações sociais e relações de poder no decorrer da história. Na articulação destas, originam suas vulnerabilidades, capacidades e poderes que influenciam em suas interações, inclusive, afetivossexuais.

Os discursos e os manejos contingenciais são estabelecidos e distintos socialmente, inicialmente, de acordo com algumas características físicas, por exemplo, a genitália e a cor da pele. Além dessas, comportamentos em conformidade de gênero, orientação sexual, classe social, deficiências, idade, entre outras, influenciam no tratamento para com os corpos. Assim, os corpos são educados socialmente para serem, agirem, sentirem, pensarem, perceberem e amarem de determinadas formas, de acordo com seu sexo, etnia, cor, classe socioeconômica, religião, cultura entre outros aspectos, corroborando com Louro (2000), na afirmativa de que:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas (p. 7).

Nessa conjuntura, quais os discursos e manejos que o Padre, a Sexóloga e o Treinador envolvem os corpos que se relacionam?

Pela falta de identificação da pessoa que faz a pergunta ao Padre, torna-se difícil identificar se ele teria algum manejo distinto, caso tivesse informações mais evidentes, por exemplo, do gênero e do tipo de arranjo amoroso. Apesar de o Padre não inferir um gênero, o

dono do canal o faz, atribuindo que a questão é de uma mulher. Infere-se que tal afirmativa pode dar-se por meio de indícios, de quando a pessoa encerra a questão dizendo: “ficarei muito grata” ou, também, por estereótipos em que o tipo de questão pode ser convencionalizada ao feminino.

Em vários momentos articula o saber sobre si, por exemplo: “*Hoje nós começamos o programa falando da necessidade que a gente tem, por uma responsabilidade pessoal de não abrir mão de ser quem a gente é*”[...] “*Eu gosto sempre de dizer isso, nós precisamos levar a sério os nossos conflitos. Às vezes, nós não damos ouvido ao que nos incomoda e porque não damos ouvido ao que nos incomoda a gente perde a habilidade de saber o que de fato precisa ser modificado*” (Padre). Porém, parece direcionar o olhar apenas para o indivíduo, como se até mesmo os conflitos fossem frutos de experiências internas do sujeito. Nesse sentido, negligencia variáveis significativas que constitui os corpos, tão logo, sujeitos.

Conforme Guilhardi (2017), Skinner (2003, 2006) e Silva e Laurenti (2016), os corpos são construídos e transformados constantemente em interação com seu ambiente social, sendo que o saber sobre si é uma construção social. Assim, caso a comunidade social, que investe os corpos de saberes, não considere e problematize aspectos históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos, científicos, em relações de controle, pode propiciar uma retórica fantasmagórica de desenvolvimento pessoal. Enquanto os mais diversos discursos fomentam e manejam as contingências para manutenção da hegemonia social, fundamentados em dogmas, estigmas, preconceitos e discriminações. De modo que promovem distinções de gênero, dominação masculina, modelos estabelecidos de como relacionar-se afetivossexualmente. Dessa maneira, o desenvolvimento pessoal se constitui por meio de demandas sociais, que mais se empenham na manutenção do *status quo*, em detrimento da real autonomia e aprimoramento das pessoas.

Nessa conjuntura, o saber sobre si é configurado, influenciando até mesmo na relação do sujeito consigo próprio. A essa discussão agrega-se a argumentação de Sidman (2009):

Se frutos proibidos continuam a nos trair, a comunidade haverá de nos considerar como tendo consciência fraca e sendo, portanto, perigosos. Mesmo sem burlar a lei, podemos nos descobrir com problemas. Simplesmente adotar um estilo de vida incomum pode nos colocar em conflito com a comunidade mais ampla; ela considera o diferente como não-confiável. Também podemos nos sentir em guerra conosco quando somos fortemente tentados a fazer coisas que aprendemos a chamar de “ruins” ou “perigosas”, ou quando nos descobrimos

realmente “indo contra nossa consciência”. Não apenas a comunidade deixa de confiar em nós porque não podemos nos controlar, mas é provável que não confiemos ou que desprezemos a nós mesmos. Estas características distintivas de desordens de personalidade e de neuroses são subprodutos adicionais das práticas coercitivas que a comunidade usa para estabelecer a consciência individual (p. 203).

Dessa forma, a questão “*de não abrir mão de quem a gente é*” (Padre), precisa ser problematizada, pois quem a gente é, ou melhor, está sendo, refere-se a um estado resultante das práticas de controle primordialmente sociais no seu exercício de poder sobre os corpos. Na ideia de “*nós precisamos levar a sério os nossos conflitos*” (Padre), os conflitos são subprodutos dessas práticas. Entretanto, frequentemente, como nos vídeos, é atribuído aos indivíduos. Sem problematizar que os sujeitos se tornam agentes muito bem treinados para a reprodução de valores sociais, vigiam-se e controlam a todo o momento, a si e a outrem. Contudo, infere-se que há uma percepção por parte do Padre, mas sem um devido aprofundamento nas variáveis de ordem social, identificada no fragmento: “*Eu até brincava né, que à medida que nós vamos educando as crianças elas vão deixando de ser sinceras*” (Padre).

Também argumentou que: “*eu gosto sempre de dizer isso, nós precisamos levar a sério os nossos conflitos. Às vezes, nós não damos ouvido ao que nos incomoda e porque não damos ouvido ao que nos incomoda a gente perde a habilidade de saber o que de fato precisa ser modificado*” (Padre). Entende-se que a educação é um dos exercícios de poder sobre os corpos. Para saber o que precisa ser modificado, é preciso compreender as relações de controle nos seus diversos níveis. Uma educação que molda os sujeitos para corresponderem às demandas sociais sem problematizar e promover a compreensão acerca das articulações e motivações das diferentes formas de controle estabelecidas, não promoverá a capacidade de entender os conflitos, para que de fato se intervenha naquilo que precisa ser modificado.

No conteúdo do discurso da Sexóloga fica mais claro a qual configuração de corpo ela se refere. Mulher cisgênero, que sente atração e se relaciona com homens, aparentemente em um modelo cisheteronormativo monogâmico. Ela investe saberes aos corpos por meio do seu discurso, apresentados e problematizados em sequência:

“*Só que nós temos no íntimo, nós, principalmente nós mulheres, nós temos no íntimo*”

do nosso ser, uma esperança gigantesca, de que a gente vai..., acho de que isso é alguma coisa materna, de que a gente vai consertar aquela pessoa” (Sexóloga). Observa-se a associação de comportamentos como algo inerente, de certa forma, natural das mulheres. Porém, sabe-se que, frequentemente comportamentos elaborados socialmente são argumentados como naturais, a fim de legitimar determinadas ideologias, como Olga E. Rodriguez-Sierra (2016) argumenta em seu ensaio. Assim, entende-se que o manejo sobre a configuração dos corpos, que se tornarão mulheres, decorre sobretudo das práticas de dominação masculina, produzindo corpos servis e submissos (Beauvoir, 1967, Bourdieu, 2012, Fontana, 2019). Assim, considera-se um equívoco a relação estabelecida pela Sexóloga:

“Meu conselho amor: tenha paciência. “Ah Cátia! tem como ele sair dessa vida?”. Tem, se ele quiser, e se você for interessante o suficiente. Agora se você não tem os charmes os encantos, os poderes, se oferece só mais do mesmo, que ele já pega lá na balada todos os dias. Pra que ele vai querer levar um relacionamento adiante, amor? Então tenha um diferencial tá?!” (Sexóloga). As estratégias de controle sobre as mulheres são múltiplas e nas interações afetivossexuais não seria diferente. De acordo com Bourdieu (2012):

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva do seu ser (p. 82).

A necessidade de ter os charmes ou diferenciais identificados no discurso, para ser desejável pelo homem, representa uma minguagem estruturalmente social, produto de uma cultura androcêntrica.

Além disso, a Sexóloga encena, descreve e instrui sobre os comportamentos da mulher em situações de conflito do casal: *“Aí mulher geralmente é assim: “tá bem é, então vai ver só, não vou falar mais nada”, aí ela fica aqui, hururum. Aí ela fica muda, calada, e o cidadão fica: “o que que foi amor, o que aconteceu?”, aí ela diz (deixando a voz mais*

aguda): “não aconteceu nada, não aconteceu nada”. Ela fala um “nada”, mas que ela quer enfiar a faca no coração do homem, abrir rasgar e picotar ele todinho, se ela pudesse. Meu querido homem, quando a mulher fala nada, tenha medo, (risos), tenha medo de uma mulher que fala nada pra você, porque na verdade queria derramar um vulcão de coisas em cima de você.”

“Mulheres, eu falo: o homem minha filha, na hora da discussão pode até ser bruto, mas a mulher ela é cruel, mulher fala “uns trem” para magoar, ela fala “um trem” pra machucar, ela fala aquilo que vai ficar gravado na vida inteira. E eu já falei aqui em vídeos anteriores, que o ego masculino é muito mais frágil do que o feminino, toma muito cuidado, então saiba conversar” (Sexóloga). Problematizando esse discurso, salienta-se que, desde a infância, os corpos convencionados como mulheres são instruídos a serem dóceis, cuidadores e compreensíveis, tanto que, por exemplo, na fala da Sexóloga, vincula-se a ideia de algo natural, maternal e ela recomenda esses cuidados às mulheres, em relação aos homens. Assim, em relação a estes ditames, Jordana Fontana (2019) apresenta que:

Mulheres aprendem que devem ter o papel de cuidadoras, e ser compreensivas e responsáveis pela manutenção de relacionamentos. Como sempre são reforçadas por isso, esses repertórios são tão fortalecidos que passam a ser vistos como inatos e intuitivos, retornando à concepção essencialista do papel feminino. Isso demonstra que a dominação masculina afeta até mesmo o nível mais básico de percepção (p. 131-132).

Ainda de acordo com Jordana Fontana (2019), mulheres que não seguem o modelo acabam estereotipadas, por exemplo, como histéricas.

A Sexóloga, apesar de endereçar seu discurso às mulheres, também investe saberes sobre os corpos configurados em homens, neste caso, homens cisgênero que se relacionam com mulheres, aparentemente no modelo cisheteronormativo. Referente a eles, indica que, por exemplo, em uma discussão eles podem ser “bruto”, e que possuem um ego mais frágil que o das mulheres. Conforme Ferrari, Oliveira e França (2018) e Santos (2015), esse estilo de ser homem corresponde a um dentre muitos, um modelo dominante, ainda comum no modo de operação cisheteronormativo. Circunscrito na premissa de virilidade, em oposição a toda e qualquer fragilidade, convencionada ao feminino, subjugando as mulheres, outras masculinidades e todas as configurações de corpos que considera desviantes, de maneira a normalizar a agressividade e a raiva, estabelecendo uma hierarquia, tornando-se hegemônico,

porém sempre em tensão com os demais.

De acordo com Sérgio Gomes da Silva (2006), a “fragilidade do ego” pode ser interpretada no esforço constante do sujeito de corresponder um modelo social identitário em que é coercitivamente incorporado como “eu”, mas que em sua vivência cotidiana não é desempenhado como tal, claramente pelas incongruências e incompatibilidade de sistemas diversos. Ao perceber-se de uma forma representativa do discurso hegemônico, do que é ser homem e deparar-se com a evidência de que suas ações e o desempenho não correspondem com quem se percebe ser, isso promove conflitos e, tão logo, sofrimentos. Os corpos sofrem influências proporcionalmente distintas de diferentes contingências, conflitivas entre si. Por exemplo, as possibilidades e necessidades do organismo são conflitivas com as imposições sociais que configuram o saber sobre si. Quanto a isso, Burrhus Frederic Skinner (2006) esclarece que:

Contingências conflitivas levam a repertórios de comportamento conflitivos, mas todos são apresentados por um só corpo, por um membro da espécie humana. O corpo que se comporta de forma ponderada a maior parte do tempo é o mesmo corpo que, ocasionalmente, se mostra insensível ou cruel; o corpo que se comporta como heterossexual a maior parte do tempo é o mesmo corpo que é ocasionalmente homossexual. O que uma pessoa é, de fato, pode significar o que seria se pudéssemos tê-la visto antes de seu comportamento ter sido submetido à ação de um ambiente. Teríamos então conhecido sua “natureza humana”. Mas a dotação genética nada é até ter sido exposta ao meio ambiente, e a exposição a modifica imediatamente (p. 130).

Dessa forma, a maneira como o organismo é esculpido, em seus desejos, necessidades, desconfortos e prazeres, comportando-se de maneiras distintas em cada cenário social, não se acomoda e, tampouco, corresponde à totalidade do ideal de uma masculinidade hegemônica, ou qualquer outra definição limitante, apesar de promover um constante e incansável esforço para o ser. Ainda, há de considerar a inexistência de uma essência natural, seja ela qual for, pois o corpo só existe em interação com o ambiente que o modifica imediata e constantemente.

Sobre as interações afetivossexuais iniciais, a Sexóloga salienta que: *“Toda mulher tem dentro de si um poder natural de sedução. Toda... você só precisa descobrir, não é algo que é um dom que nasceu. Sim, tem algumas mulheres que tem isso mais desenvolvido, que tem isso de uma forma mais natural, tem aqueles sex appeal que você olha. Mas quem não*

tem, que é desprovida da beldade da gostosura, tipo eu, modelo slim, ultra slim né, sê nunca sabe se a pessoa está de frente ou está de lado, eu. Se fosse depender das minhas curvas para conquistar alguém tava lascado querida, sozinha e solteira até hoje. Então, eu desenvolvi essa habilidade que é exatamente isso daí que eu vou ensinar para vocês nesse curso de sedução” (Sexóloga). A ideia de naturalidade da sedução do corpo feminino em relação ao masculino deixa sua “naturalidade”, a partir do momento que é circunscrita pelos diversos discursos e manejos contingenciais fundamentados em uma cultura de dominação patriarcalista/machista/misógena, ou seja, a partir do momento em que a existência de um organismo com características sexuais predominantemente representativa, a fêmea, é percebido. De acordo com Beauvoir (1967), Bourdieu (2012) e Fontana (2019), os corpos configurados como mulheres são esculpidos para serem objetos de desejo e satisfação dos corpos configurados como homens. A Sexóloga, além de atribuir tal predicado sem uma problematização, comercializa o seu aprimoramento:

“Então, de acordo com Skinner, todo comportamento pode ser treinado, carisma é um deles. A arte de saber seduzir, a arte de saber conquistar é um deles. Existem sim, passos que você pode seguir, existem posturas que você pode tomar, existe algo que se chama, a linguagem corporal, que a gente pode passar a desenvolver de uma forma racional no ato da conquista. Aí pra poder atrair a presa, por que não? Digamos assim!” (Sexóloga).

Ela cita um autor da psicologia, Burrhus Frederic Skinner, referência na Análise do Comportamento. Utiliza-se desse conhecimento para argumentar que todo comportamento pode ser aprendido, inclusive os que ela está comercializando, a sedução de homens para mulheres. Evidencia-se, então, o que Holland (1978) problematizou, que existe a Análise do Comportamento como campo de conhecimento com potencial de transformação social e os profissionais fazem uso do seu conhecimento, muitas vezes, promovendo a manutenção da conjuntura social hegemônica. Apesar de ser relacionado à manutenção de um *status quo*, não se sabe, de fato, como é o curso de sedução para mulheres, pode-se ter atributos emancipatórios.

O Treinador não deixa claro a quais configurações de corpos endereça sua fala. Aparentemente é direcionado a pessoas, sem distinções, ao menos é a referência mais frequente. Porém, infere-se, com base em algumas citações e ausência de outras diversidades, que se refere aos corpos cisgênero em modelos heterossexuais (e.g. *“Será que eu não mereço mais? Será que eu não mereço um homem eleve o meu espírito? Será que eu não mereço uma mulher que ombre comigo e faça um crescimento vir para nossa família, para nossa*

empresa, para tudo que tá o nosso redor?” (Treinador)).

No seu discurso, identifica-se alguns saberes investidos nos corpos denominados frequentemente como pessoas. Acredita-se que sejam atributos genéricos para qualquer configuração de corpo:

“E as pessoas, elas criam uma expectativa muito grande em relação ao comportamento das outras pessoas. Isso é uma fórmula, pra que você se decepcione com as outras pessoas” (Treinador).

De acordo com Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico, e Roberta Kovac (2013), os relacionamentos podem ser entendidos como interações sociais de mediação mútua entre os sujeitos, influenciadas pelos três níveis de seleção. O organismo humano é vulnerável, necessita de cuidados externos para sua sobrevivência e desenvolvimento (Braz, 2006; Faro, 1990). Assim, desde o início da vida, de forma genérica, aprende-se que na relação com um outro, mediador, que os desconfortos são minimizados, as necessidades são atendidas e as sensações de bem-estar são produzidas. Nessa conjuntura, somos ensinados a esperar do outro, sendo que é no exercício de autonomia que a necessidade de mediação diminui. Contudo, socialmente, as possibilidades de autonomia são cerceadas para alguns corpos e estabelecida de maneira incontestante a outros, por exemplo, pelo gênero, orientação sexual e raça. De forma a constituir, socialmente, relações de dependência (Bozon, 2004; Giddens, 1993). Relacionar que a expectativa é fruto de apenas algo interno do sujeito, pode ser um equívoco de análise, caso desconsidere a história pessoal e todo o contexto social com relações de poder em que o sujeito é configurado.

Concorda-se relativamente com o argumento do Treinador de que viver com uma outra pessoa nos faz uma pessoa melhor. *“Viver sozinho é muito fácil, complexo é viver com outra pessoa, uma outra pessoa que tem raiva, com uma outra pessoa que tem emoções fortes, com uma outra pessoa que tem TPM, que menstrua, com uma outra pessoa que tem necessidades. Então viver com outra pessoa nos faz uma pessoa melhor” (Treinador).* Existe um potencial de aprendizado nos relacionamentos amorosos, porém, julga-se necessário problematizá-los, pois com apresentou Michel Bozon (2004), os corpos são impelidos a roteiros sociais de acordo com seu gênero e o relacionamento pode acomodar-se em uma ritualidade social, consoante com o *status quo* e não necessariamente de desenvolvimento igualitário e com equidade.

Nota-se que o Treinador também fundamenta o seu discurso em alguns conhecimentos: *“Todos nós temos necessidades, algumas pessoas têm necessidade de carinho físico, outras pessoas têm necessita que toque né, outras pessoas têm necessidade de receber palavras de afeto, outras pessoas têm necessidade da presença física e o tempo de qualidade das outras pessoas”* (Treinador). Por exemplo, o trecho acima está presente no conteúdo do livro “As cinco linguagens do amor” do escritor Gary Chapman.

Os seres humanos têm suas necessidades, que podem ser esculpidas de diferentes formas, dependendo da sua história pessoal, que é arranjada e influenciada socialmente. O organismo existe, é suscetível a diversas estimulações e, na interação consigo, com o outro e com o mundo, sente. A construção e vivência das emoções acontece no decorrer da história de vida por inúmeros emparelhamentos e contingencialmente com o mundo, e o saber sobre o que se sente e o que é possível sentir é um resultante social (Rico, Golfeto, & Hamasaki, 2012). Dessa forma, considera-se que estabelecer e apresentar modelos de identificação podem ter suas funções, mas também podem limitar as possibilidades de análise, por toda complexidade envolvida.

Os seres humanos são resultantes da complexa trama de variáveis dos níveis filogenético, ontogenético e cultural em toda sua amplitude (Skinner, 2006; Silva, & Laurenti, 2016). A ontogênese representa a história individual, que acontece concomitantemente com as variáveis dos outros níveis. Todas as pessoas são resultantes de suas histórias, suas escolhas, desejos, sonhos, prazeres, expectativas, resultantes de suas vivências. É na história que a autoestima e autoconfiança são construídas, mas tudo que se refere ao “auto” em relações humanas, origina-se de interações sociais, por exemplo, antes de ter autoestima, pessoas estimaram esse sujeito (Guilhardi, 2002). Assim, tal construção fará parte do repertório de interação do indivíduo.

Realmente, precariedades nesse processo podem prejudicar as interações afetivas, como argumenta o Treinador. *“Muitas pessoas estão num relacionamento porque tiveram problemas na infância, problemas de estima e pra essa pessoa, esse homem ou essa mulher na relação se sentir bem, essa pessoa precisa diminuir a outra pessoa, precisa fazer a pessoa se sentir miserável dentro do relacionamento. Isso acontece muito. E esse é um problema silencioso, as mulheres passam muito por isso, homens também, muito mais as mulheres, mas esse, esse, essa dinâmica cruel que acontece, as pessoas vão se acostumando com isso. São, por exemplo, de pessoas que criticam a outra o tempo. Pessoas que desestimulam qualquer iniciativa que o parceiro ou a parceira tenha. E vai fazendo isso para minar a outra pessoa,*

é como se fosse uma pequena ave, um pequeno passarinho, que esse passarinho foi buscado na natureza, era um passarinho lindo, aquela mulher solteira, aquele homem solteiro, foi levado para dentro daquela gaiola. A gaiola tá aberta, a pessoa pode sair quando quiser. Mas é como se a pessoa batesse nas asas daquele pássaro, para debilitar o pássaro, pra que ele não conseguisse voar de fato” (Treinador).

Contudo, generalizar que os problemas de estima são a causa de comportamentos abusivos nos relacionamentos, pode indicar análises incompletas e equivocadas, pois nem sempre uma pessoa com problemas de estima será abusiva, pode até ser vulnerável ao abuso. Existem variáveis sociais nas dinâmicas de gênero que favorecem o abuso nos relacionamentos amorosos, como é o caso da cultura androcêntrica com as práticas de dominação masculina (Bourdieu, 2012). Tanto que, em seu discurso, o Treinador sinaliza que as mulheres sofrem mais, apesar de não problematizar a questão de gênero.

Outro ponto considerado problemático é a afirmação que um modo de pensar (*pensamento de escassez / pensamento de abundância*) faz a pessoa ficar ou sair de um relacionamento ruim. *“Muitas pessoas vivem em relacionamentos que fazem ela se sentir, sentir miseráveis, sabe! E esse pensamento de escassez mantém essas pessoas nesse relacionamento, se ela tivesse um pensamento de abundância elas refletiriam sobre isso” (Treinador).* Entende-se que são inúmeras variáveis afetando os corpos na condição de permanecer em um relacionamento ruim, tóxico e incoerente a si mesmo. Carvalho e Medeiros (2005) apontam algumas: o controle por regras, principalmente aquelas que expressam grandes aversivos ou perdas irreparáveis com o fim da relação; a influência social sobre as pessoas, estimulando-as a terem uma relação e punindo caso não ocorra; a posse; competição; privação; aversão ao risco e; dependência e disponibilidade de interação sexual. Além dessas, existem muitas outras variáveis, que afetam principalmente as mulheres, resultantes das práticas de dominação masculina (Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2012; Fontana, 2019).

Identifica-se, no conteúdo dos discursos do Padre, da Sexóloga e do Treinador, percepções restritas sobre os corpos e a tendência de analisar o sujeito em si mesmo, sem considerar e problematizar as variáveis que o constituem e o regulam reiteradamente.

TEMA 03: Discursos sobre relacionar-se

Existem discursos diversos sobre amar. Identifica-se demandas sobre o saber relacionar-se amorosamente (Njaine, Oliveira, Ribeiro, Minayo, & Bodstein, 2011; Silva, 2002; UNESCO, 2014). Contudo, julga-se importante questionar que tipo de educação será promovida. Corrobora-se com Garcia e Maia (2013), no argumento de que:

A busca por técnicas e regras de como obter a felicidade conjugal revela, por um lado a fragilidade das relações humanas, por outro uma vertente repressiva da sexualidade que impõe a todos a vivência erótica e amorosa sob certas regras de comportamento pré-estabelecidas. Perde-se a autonomia de um sujeito que deveria ser construído a partir de uma educação sexual emancipatória (p. 3-4).

Compreende-se, desse modo, que uma “educação” para relacionar-se afetivossexualmente, baseada em uma Educação Sexual emancipatória, deve estar consoante com a diversidade e pluralidade de corpos e relacionamentos. Sua orientação é problematizadora, promove questionamentos filosóficos, ideológicos, sobre a construção social na dinâmica entre os gêneros e das interações afetivossexuais, contrária a todas as formas de abusos, violências, repressões, e/ou qualquer forma de controle normativo sobre os corpos e seus relacionamentos.

Entende-se que as estratégias devem ter como fim promover reflexões, autonomia e responsabilidade dos sujeitos em seus valores, vivências, escolhas e compreensão de suas idiossincrasias e da dinâmica afetiva em seus relacionamentos, considerando aspectos individuais e de ordem histórica e social. Agrega-se a essa compreensão um atributo da Educação Sexual emancipatória apresentada por Figueiró (2010), “[...] como um meio para se chegar a novas normas e valores sexuais, que possibilitem a vivência da sexualidade com a liberdade e responsabilidade, em nível não apenas do indivíduo, mas da sociedade como um todo (p. 138)”. Assim sendo, deve estar comprometida com a transformação social.

As relações afetivossexuais, de acordo com Thiago de Almeida, Taisa Cristina Del Vecchio e Maria Luiza Lourenço (2015), refletem a dinâmica social de seu tempo, ao engendram modos de relacionar-se, naturalizando e estimulando, por meio dos grupos, alguns modos de agir e reprimindo ou punindo outros, fazendo com que as pessoas enquadrem seus corpos e seus relacionamentos a essas demandas. Ainda, com fundamento

em Garcia e Maia (2013), considera-se que diante da fragilidade das relações humanas e, também, dos aspectos repressivos sobre a sexualidade, modelos são impostos e a autonomia de relacionar-se é preterida. Tendo isso em vista, por meio da análise do conteúdo dos discursos do Padre, da Sexóloga e do Treinador, são identificadas instruções, orientações, sugestões, manejos e regras para relacionar-se amorosamente.

O Padre parte de uma questão em que a pessoa sinaliza seu incômodo por estar em um relacionamento que julga ser “sem futuro”, mas não consegue desvincular-se. Aparentemente, a resposta à questão e seu discurso no decorrer do vídeo é orientada por um arranjo monogâmico. Assim, a pessoa solicita orientações ao Padre. Questões relacionadas às experiências afetivossexuais estão presentes constantemente, as pessoas aparentemente demandam esses tipos de conhecimentos, diante das angústias associadas as relações amorosas. Como as demandas identificadas entre adolescentes, por Njaine, Oliveira, Ribeiro, Minayo e Bodstein (2011).

Orientações sobre analisar o contexto das próprias escolhas são proferidas pelo Padre e aprofundadas em uma abordagem de responsabilidade pessoal, por meio de conceitos, metáforas e analogias. Uma das ideias é a que as pessoas não devem agir com “*falseamento*”, sendo que “*o falseamento é quando você finge uma satisfação quando de fato ela não existe (Padre)*”. O conceito adentra um campo complexo de variáveis, pois “fingir a satisfação” pode representar uma ampla classe de comportamentos, porém, seguindo a premissa funcional argumenta-se alguns pontos. Por exemplo, fingir a satisfação de algo pode ter a função de manter o mediador em relação, isto é, a manutenção do relacionamento. Uma situação que exemplifica é fingir satisfação sexual para manter as experiências afetivas ou vice e versa, entretanto, nos conceitos do Padre isso poderia ser mais representativo do que ele denomina de “*falsidade*”.

Entende-se que o *falseamento* seja algo mais entranhado, em que nem a pessoa compreende muito bem, vive como uma aparente satisfação, mas que de fato não é. Tal evento pode ser exemplificado no resultante dos processos de gênero na relação amorosa propiciada pela dominação masculina. Em que, a mulher sente uma aparente satisfação ao ser “nós” na relação com o outro, um sentimento de completude do “eu”, mas que de fato, continua não sendo um “eu”, um sujeito em sua integridade, mas um ser do outro (Beauvoir, 1967, Giddens, 1993). No entanto, o Padre não fomenta problematizações com as variáveis sociais, atribuindo apenas a uma “*responsabilidade pessoal*”.

Acredita-se que para os sujeitos terem alguma liberdade é necessário que

compreendam as relações de controle que estão envolvidos, resultantes da sua história pessoal e cultural em toda sua amplitude e complexidade (Brandenburg, & Weber, 2005). Nas palavras do Padre, *“a liberdade interior é um processo que nunca vai ter fim, então se você sente que você está vivendo um relacionamento que não lhe favorece florescer como pessoa, você não pode pensar duas vezes, você tem que problematizar a questão. Eu gosto sempre de dizer isso, nós precisamos levar a sério os nossos conflitos. Às vezes, nós não damos ouvidos ao que nos incomoda e porque não damos ouvidos ao que nos incomoda a gente perde a habilidade de saber o que de fato precisa ser modificado”*. Ele orienta a problematização, porém, por meio da “percepção interna” do sujeito. Todavia, como Skinner (2006), Sidman (2009), Silva e Laurenti (2016), e Guilhardi (2017) apresentaram, o saber sobre si é de origem social. Assim, se os discursos que educam não consideram a trama de eventos de ordem social que constituem os sujeitos, pouco saberão, e serão direcionados para aquilo que o discurso envia. Desta maneira aumenta a probabilidade de continuarem sofrendo com os subprodutos negativos resultantes das práticas de controle hegemônicas, ao atribuir responsabilidade exclusivamente e prioritariamente aos sujeitos, e reduzir a probabilidade de transformações sociais.

As problematizações feitas pelo Padre, mesmo que, com intenção emancipatória, pode ser influenciada pelo modelo atual de operação social, promovido pelas práticas do que pode se denominar sociedade de consumo e capitalista, com valores que fomentam o individualismo, desenvolvimento pessoal e profissional constante, a efemeridade, descartabilidade, e a busca constante da satisfação e felicidade (Almeida, & Lomônaco, 2018; Banaco, Nico, & Kovac, 2013; Bauman, 2004). Mesmo que, seu discurso possa ter influência de valores capitalistas e, de consumo, julga-se esperado de certa forma, sendo que isso não retira a legitimidade dos questionamentos, pertinentes para determinadas situações, por exemplo, *“Você estimula as pessoas a serem mais? Ou você aproveita a acomodação para que elas fiquem escravizados nos seus interesses?”* (Padre). Outro tipo de argumentação esperada é a de cunho religioso: *“o processo de Deus para mim, o convite de Jesus para mim, é superar tudo aquilo que para mim é um contexto de hipocrisias. Eu quero ouvir essa palavra aqui e em nenhum momento pensar que Jesus está querendo me humilhar em público. Jesus está querendo é me acordar. Quanto mais dura é a palavra de Deus para nós, maior é o seu amor, porque aquele que ama, exige até a última gota, para aquele que é amado chegue ao melhor de si mesmo”*. Considera-se problemática essa última frase do Padre, pois o mesmo, acessa um argumento religioso que pode promover ambiguidades de

entendimento. Tal argumentação pode reforçar a ideia de que exigência é amor, uma forma de demonstrar que ama, fazendo, também, com que aquele que é exigido entre em “*falseamento*”, ou seja, uma ilusão de satisfação por achar que está sendo amado(a), mas, na verdade, pode estar em uma relação abusiva.

A Sexóloga é direta sobre a educação para as relações amorosas, no título do seu vídeo estabelece: “*As 4 regras para um relacionamento dar certo*”. Considera-se um título sensacionalista, com a função notória de chamar a atenção do público, pois até mesmo o “dar certo” pode ser relativizado. Apesar de suas orientações/regras poderem contribuir para melhorar algumas interações no relacionamento, acredita-se que não há uma receita para os relacionamentos “darem certo”. Ela também deixa explícito, em seu conteúdo, o endereçamento de sua fala, pessoas, mais especificamente, mulheres, cisgênero, heterossexuais em relacionamentos com o arranjo monogâmico.

As quatro regras são intituladas como: *Tempo, Comunicação, Características e Carisma/Atratividade*.

O *Tempo*: “*quando eu falo em tempo, não é que se tem que ter tempo pra namorar, não é isso. Eu quero dizer exatamente o contrário, é para você parar de perder tempo com gente errada na tua vida (Sexóloga)*”. Este aspecto é semelhante ao apresentado no questionamento ao Padre, de estar vinculado a alguém em que o relacionamento não é satisfatório e/ou congruente, mas ainda assim não consegue desvincular-se. Se no vídeo do Padre não era possível identificar qual configuração de corpo que fez a pergunta, neste é evidenciado ser uma mulher cisgênero aparentemente heterossexual. A Sexóloga salienta, ainda, que recebe muitas mensagens de mulheres nesta situação e que até fez uma enquete: “*Tá aqui ó, a pessoa me mandou aqui, “Cátia me ajuda, você acha possível conquistar um cara galinha? Você acha que amor muda alguém?”. Falei, vou fazer uma enquete disso daí né. E a enquete foi: 45% das pessoas acreditam que “sim” e 55% das pessoas acreditam que “não”. Mas eu recebi muitas mensagens dizendo que começaram a namorar um cara, e aí foi investindo no relacionamento, o cara se interessou, e tão lá casados hoje, com filhos a não sei quanto tempo*” (Sexóloga).

Contudo, como citado, existe uma complexa trama social que envolve os corpos configurados como mulheres, deixando-as tendentes a essas situações (Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2012; Bozon, 2004; Fontana, 2019; Giddens, 1993). Entende-se que orientar para não perder tempo, não seria o suficiente para fomentar atitudes de contracontrole (Baum, 2006; Fontana, 2019). Devido ao fato de condicionamentos emocionais, arranjos complexos

de contingências e discursos sócias, políticos, religiosos, pedagógicos, científicos, entre outros, serem mantenedores das práticas hegemônicas de poder. Um contracontrole mais efetivo demanda transformações sociais e não só individuais, pois em muitas situações a pessoa controlada necessita de redes de apoio.

Comunicação, a Sexóloga salienta a importância de uma comunicação clara e assertiva, ponto tal que corrobora com diversos autores e autoras (Maia & Ribeiro, 2011; Schlösser, 2014; Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Ela também orienta que as mulheres tenham cuidados no trato com os homens. Todavia, ao apresentar distinções comportamentais por gênero, seu discurso também os reforça, naturalizando e normalizando-os, devido à ausência de problematizações dos eventos sociais que os constituem.

Características, ela se refere às qualidades que tornam o potencial parceiro interessante, mas salienta que tais qualidades são acompanhadas, também, de defeitos, que podem ser passíveis de mudança, se o portador desejar. Ela sinaliza para o cuidado em não apaixonar-se pelo ideal que se conjectura, com base apenas nas qualidades. Entende-se que isso realmente pode acontecer, quanto mais intensas são as necessidades de uma pessoa, mais intensamente ela pode, fantasiar e idealizar o mediador que represente uma possibilidade para lidar com suas questões (Almeida, 2004). Entretanto, cabe recordar que muitas dessas necessidades são produzidas socialmente, principalmente pelas relações de poder, conforme sexo, gênero, raça, etnia, classes sociais, econômicas, entre outras (Beauvoir, 1967; Bourdieu, 2012; Bozon, 2004; Fontana, 2019; Giddens, 1993; Messias & Amorim, 2019).

Carisma/Atratividade, considera-se um aspecto sensível para ser analisado, pois ao mesmo tempo que dá a entender que requer uma emancipação da mulher em relação às interações iniciais no campo afetivossexual, por outro lado, a transforma em um produto e, na análise mais minuciosa do conteúdo de seu discurso, identifica-se a reprodução e de certa forma, a manutenção de práticas hegemônicas de poder. Por exemplo, a necessidade de as mulheres terem que moldar-se aos desejos dos homens. Entende-se que, assuntos ambíguos, como esse, deveriam ser problematizados, considerando os aspectos de ordem social.

O Treinador, assim como a Sexóloga, deixa claro no título do vídeo a educação para as relações amorosas: “*Como melhorar / reconstruir meu relacionamento*”. Percebe-se, também, como um título sensacionalista, fomentando a expectativa de uma receita para “salvar” o relacionamento, principalmente com a ideia de “*como reconstruir meu relacionamento*”. Apesar de não deixar claro qual o endereçamento da sua fala e de usar o termo “pessoas” frequentemente, dando a entender que os aspectos se remetem a qualquer

configuração de corpo, entretanto, por meio de alguns indícios citados anteriormente, infere-se que seu discurso é voltado principalmente para sujeitos cisgênero, heterossexuais em um arranjo monogâmico.

Apesar de não sinalizar no início quantas orientações/regras/instruções serão apresentadas, o Treinador destaca quatro aspectos: *Fazer o máximo*, *Lembre-se do começo*, *Pessoas melhores* e *O melhor pra você*. Nota-se o cuidado de não expor que suas orientações são regras. Ele diz, também: “*eu não gosto de colocar o relacionamento em uma caixinha e dizer, não! Tem que ser assim, tem que fazer desse jeito, por que não, cada um tem, cada casal tem a sua dinâmica*”. Assim, pode-se inferir que é um discurso que compactua com valores referentes à diversidade de corpos e a pluralidade de relações e/ou é uma estratégia discursiva para alcançar o maior número de pessoas, mercadejar possibilidades, oportunizando margem argumentativa e evitando conflitos com discursos controversos. A segunda inferência se torna possível pela ausência de problematizações de ordem social, necessárias para um discurso comprometido com a diversidade e pluralidade de corpos e relacionamentos.

Fazer o máximo, ele orienta que, em um relacionamento que está em crise, a pessoa deve fazer o máximo para outra em um período, não especificamente definido, mas que não é muito curto e nem muito longo e sem esperar nada em troca, de modo a aceitar o jeito que ela é. Continua afirmando que, se nesse período de tempo a pessoa não retribuir, é um sinal de que o relacionamento está esgotado.

Dentre as possibilidades do que se orienta como *fazer o máximo*, inclui o *lembre-se do começo*, instruindo com que a pessoa relembra a forma como se comportava no começo da relação para estabelecer a “*conexão*” que foi perdida. De acordo com Burrhus Frederic Skinner (2003), e Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico e Roberta Kovac (2013), um dos fatores significativos que mantém as pessoas juntas em um relacionamento amoroso, é o reforçamento mútuo, a relação de mediação mútua que promove eventos que aumentem a probabilidade de estarem juntos, conseqüentemente aumenta a probabilidade de permanecerem em um relacionamento, sendo possível denominar como, *conexão*. Entretanto, é importante sinalizar que os eventos que aumentam a probabilidade da pessoa se manter em relação a outra não permanece constante no decorrer da história. Os sujeitos estão em constante transformação e os comportamentos são dinâmicos, fluídos e evanescentes (Skinner, 2003). Assim, não necessariamente voltar a fazer o que fazia no começo pode restabelecer a “*conexão*” perdida. Da mesma forma que, fazer o máximo não garante a

melhora do relacionamento, pois, pode fazer o máximo, o melhor, mas isso será na perspectiva daquele que se comporta e não necessariamente o que é bom e satisfatório para o outro. Acredita-se que estratégias que estimulassem os sujeitos a problematizarem os próprios relacionamentos, a fim de compreender sua dinâmica de funcionamento e as diversas variáveis envolvidas, poderia fomentar informações promotoras de autonomia para que os envolvidos fizessem suas próprias escolhas e manejos.

O Treinador argumenta que o relacionamento amoroso existe para que os sujeitos se tornem *peessoas melhores*. Concorda-se que o relacionamento amoroso tem esse potencial, mas para isso é necessário problematizar as relações, em níveis mais amplos do que centrados no próprio sujeito, considerando, por exemplo, aspectos de ordem histórica e social. Para que essa ideia de pessoas melhores não sejam só aquelas que seguem em conformidade com o modo de operação social hegemônica.

Por fim, sinaliza que se as pessoas derem o seu máximo construirão coisas grandiosas, a vida proporcionará “*o melhor pra você*”. Infere-se que esse discurso também é influenciado, como sugerido ao discurso do Padre, por valores de ordem social, resultantes de uma cultura capitalista, pautada na meritocracia e de consumo. Desconsiderando-se as diversas desigualdades, estigmas e relações de poder que controlam os corpos, seus relacionamentos e oportunidades.

Conforme Roberto Alves Banaco, Yara Claro Nico e Roberta Kovac (2013), os relacionamentos amorosos podem ser entendidos como um conjunto de interações sociais dinâmicas, de mediação mútua e de ambos em relação ao ambiente, influenciados pelos discursos e manejos históricos e sociais. Assim, “a formação do casal é, portanto, mais do que a junção de duas pessoas que precisam satisfazer suas necessidades pessoais (p. 19)”, envolve diversos aspectos históricos, sociais, raciais, econômicos, religiosos, políticos, morais, familiares etc.

Entende-se que em uma sociedade normativa, formuladora de verdades, onde os modos de existências e de relacionar-se são circunscritos e exigidos em performatividade, somada à escassez de problematizações e liberdade para reflexões críticas sobre si e suas relações, a busca por educações diretivas e receitas de como fazer são, cada vez mais, demandadas. Posto isso, em uma lógica capitalista em que há demanda, haverá oferta e se não houver demanda, ela pode ser criada, ao promover ideais que nunca são vividos em totalidade e constância, mas são buscados frequentemente.

Muitos vídeos sobre as interações afetivossexuais são disseminados e acessados

diariamente, eles educam de várias maneiras, mas, como Afonso Garcia e Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2013) argumentaram, a busca por regras de como relacionar-se representa a fragilidade dos laços e a evidência de uma sociedade controladora, restringindo as construções dos sujeitos e seus relacionamentos a possibilidades pré-determinadas. Assim, barrando a construção autônoma das pessoas, que poderia emergir por meio de uma educação problematizadora, que fomente reflexões críticas e não por regras ou imposições.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição de amar, como corpos que se relacionam, é fomentada pela compreensão de que não há um modo certo ou errado de existir e relacionar-se, apenas há possibilidades e, frequentemente, emergem novas formas. Assim, a análise por esse prisma orienta para articulação de diversas variáveis, evocando problematizações de modelos estabelecidos, discursos e manejos contingenciais em relações de poder.

Entende-se que problematizar a realidade no âmbito da sexualidade, bem como das interações afetivossexuais, não é uma prática e tampouco um modo educativo recorrente nas experiências cotidianas. Uma educação promissora para este fim, conforme indica Silva (2015), configura-se em uma Educação Sexual que:

é toda uma ação contínua em um processo de interação humana que, inserido em uma cultura, uma história e uma política, nos leva a pensar na construção de um sujeito ativo frente às informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização, podendo assim dialogar, ter voz ativa e poder expressar suas opiniões, respeitando as opiniões do outro e significativamente percebendo a sexualidade como algo positivo em sua vida – sem medos, tabus e/ou receios em poder/querer aprender sobre tudo que se passa a sua volta durante toda sua vida (p. 128).

Na carência de determinados conhecimentos e na escassa habilidade de problematizar a própria realidade, a busca por orientações se acentua, de modo que analisar os conteúdos disseminados virtualmente se torna pertinente. No exercício de análise crítica sobre os vídeos do *YouTube*, até do início de abril do ano de 2020, foram desveladas três categorias temáticas: *Uma Educação Sexual emancipatória?* (TEMA 1), *Corpos que se relacionam* (TEMA 2) e *Discursos sobre relacionar-se* (TEMA 3).

Na indagação sobre os vídeos estarem em consonância com uma Educação Sexual emancipatória (TEMA 1), notou-se que não, pois divergem disso, por não apresentarem um compromisso com a transformação social, devido à negligência de variáveis no espectro histórico, social e seus desdobramentos. Observa-se a ausência de problematizações e análises sobre as dinâmicas de gênero, ideológicas, construções históricas e sociais, relações de poder e controle sobre os modelos e interações afetivossexuais. Percebe-se que, nos vídeos, o engajamento educativo se centrou de maneira superficial em orientações,

instruções, reflexões e regras para um desenvolvimento pessoal e alguns manejos em relacionamento.

A análise crítica sobre a quais corpos os conteúdos se referem e como os discursos se desdobram (TEMA 2), evidencia-se, em um primeiro momento, no discurso do Padre e do Treinador, que o conteúdo é endereçado a todos os corpos, sem distinção. Porém, no decurso, são reveladas intencionalidades alicerçadas em modelos hegemônicos. Assim, considera-se que a ausência de problematizações, aprofundamentos e análises sobre as particularidades e dinâmicas sociais de corpos configurados como homens, mulheres, cis, trans, homo, bi, hetero e pansexuais, intersexuais, assexuais, sem gênero definido, entre outras possibilidades, reforça que o discurso serve a um modelo. No conteúdo do vídeo da Sexóloga, fica claro que ela dialoga com corpos configurados como mulheres cisgênero e que se relacionam com homens, bem como articula sua fala fundamentada em um modelo cisheteronormativo e sem promover problematizações sociais sobre os modelos estabelecidos, por vezes, reforçando-os.

Um dos critérios de busca do material analisado era que fosse instrutivo, dessa forma, esperava-se que houvesse discursos sobre relacionar-se (TEMA 3). Identificou-se discursos educativos diretivos para relacionamentos, assemelhando-se à autoajuda, centrados nos sujeitos, mas sem problematizar historicamente as idiossincrasias. Estendendo-se os mesmos, no máximo, a algumas instruções para manejo de conflitos do casal, negligenciando variáveis de ordem social. Bem como nos vídeos, verificou-se a abstenção de problematizações nas dinâmicas de gênero, influências históricas e sociais na conjunção afetivossexual e dos próprios arranjos amorosos, tanto que todos os discursos foram articulados, aparentemente, partindo da premissa monogâmica.

A problematização comum nos três vídeos é a de não ficar em um relacionamento infrutífero, que se considera pertinente, porém ela é abordada de maneira isolada e descontextualizada, podendo promover um sentido que reforça o modelo social de consumo, de uma prática que “se não está bom é só trocar”, sem problematizar a situação. Ademais, os vídeos apresentam um tom publicitário, mercadológico, tanto que, por exemplo, a Sexóloga além de instruir, vende explicitamente seu curso de sedução para mulheres.

Parte-se do princípio de que este trabalho é um exercício de poder como qualquer outro, produzido em determinado momento histórico e de acordo com uma ótica específica, legitimado pelo discurso científico, sem estar isento de problematizações e questionamentos. Vale ressaltar que a articulação dos discursos e suas disputas de poder advém da atividade

acadêmica pelo método escolhido. Assim, além da consequente identificação e formulação de verdades, o principal empenho é a promoção de recursos para problematizá-las.

Considera-se importante salientar que as informações e discussões estabelecidas não se referem ao pessoal ou profissional do Padre, da Sexóloga ou do Treinador, mas apenas uma reflexão crítica com base nos conteúdos dos vídeos analisados. Tendo como eixo a articulação com os princípios de uma Educação Sexual emancipatória, na percepção dos corpos com seres de inúmeras possibilidades de existência e de relações, sem essências e/ou dualismos, configurados pelas mais diferentes formas de controle, promovidas por diversos discursos e manejos contingenciais em perspectivas históricas. Bem como, compreende-se que não há um modo certo ou errado de ser, estar ou relacionar-se, apenas possibilidades. Porém, demanda-se problematizações devido às relações de controle e de dominação estabelecidas, que, em suas práticas, orientam, sugerem, normatizam, regulam e circunscrevem os corpos e os seus relacionamentos. Assim, entende-se a necessidade de colocar em análise a trama das mais distintas variáveis, como as sociais, culturais, religiosas, políticas, econômicas, científicas, pedagógicas, raciais, individuais sempre em seu sentido histórico, por um prisma crítico, em consideração ao compromisso com a transformação não somente individual, mas social, principalmente o último, ausente nos vídeos analisados.

A diversidade de corpos, possibilidades de existência, modos de estar e a pluralidade de relações se amplia regularmente e se cogita que continuará, na expectativa de que um dia seja algo congruente, tornando-se uma banalidade discutir sobre esse assunto. Claro que para que essa perspectiva se torne mais frequente, muitas relações de controle precisam ser analisadas, discutidas e o compromisso com a transformação social estabelecido. Assim, entende-se como imprescindível as produções e atitudes com tal pacto, sejam, científicas, pedagógicas, na escola, no *YouTube* ou em quaisquer outros meios de comunicação e controle.

REFERÊNCIAS

- Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia*. Fortaleza, 22(1), 15-22.
- Almeida, T. (2007). *O ciúme e as suas consequências para os relacionamentos amorosos*. Curitiba, PR: Certa.
- Almeida, T. (2017). *O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira*. (Tese de Doutorado.). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, T., Del Vecchio, T. C., & Lourenço, M. L. (2015). O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje. In T. Almeida (org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol.3, pp. 51-90). São Paulo, SP: Polo Books.
- Almeida, T., & Lomônaco, J. F. B. (2018). *O conceito de amor: um estudo exploratório com participantes brasileiros*. São Carlos, SP: Pedro e João.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2007). Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10(1), 101-114. Epub 04 de novembro de 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10018>
- Amorim, P. M., Belo, F. R. R., Moreira, & Giselle, G. M. (2015). Monogamia: interpretações winnicottianas. *Contextos Clínicos*, 8(2), 201-209.
- Banaco, R. A., Nico, Y. C., & Kovac, R. (2013). A relação de casal frente aos novos padrões sociais. In C. Zeglio, I. Finotelli, & O. M. Rodrigues Jr. (Orgs.). *Relações conjugais*. (pp. 17-26). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, trads.). São Paulo, SP: Edições 70 / Almedina Brasil. (Trabalho original publicado em 1977).

- Baum, W. M. (2006). *Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. (1967). *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. (2a. ed.) São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro.
- Borges, M. (2015). O amor no cérebro. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, 22(38), 125-135.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. (11a. ed.) Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Brandenburg, O. J., & Weber, L. N. D. (2005). Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. *Psico-USF*, 10(1), 87-92.
- Braz, A. L. N. (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, (5). Recuperado em 07 de novembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Britto, I. A. G. S., & Cesarino, A. M. (2016). Análise do comportamento e o fenômeno emocional. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, 26(2), 187-196.
- Burgess, J., & Green, J. (2009). *You Tube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo, SP: Aleph.
- Buss, D. M. (2006). Strategies of human mating. *Psychological Topics*, 15, 239-260.
- Bution, D. C., & Wechsler, A. M. (2016). Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, 6(1), 77-101.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

- Campos, C. J. G. (2004, set/out). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), 57(5), 611-614.
- Carvalho, M. C. G. B & Medeiros, C. A (2005). Determinantes do seguimento da regra “antes mal acompanhado do que só”. *Universitas Ciências da Saúde*, 3(1), 47 – 64.
- Cesarin, H. C. S., & Cesarin, S. J. (2012). *Pesquisa Científica: da teoria à prática*. Curitiba, PR: InterSaberes.
- Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo radical: a filosofia e a ciência*. Brasília, DF: Cealeiro.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1), 241-282.
- Conrado, M., & Ribeiro, A. A. M. (2017). Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 73-97. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73>
- Corrêa, M. C. D. V., & Loyola, M. A. (2015). Tecnologias de reprodução assistida no Brasil: opções para ampliar o acesso. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 25(3), 753-777.
- Costa, N., & Barros, R. S. (2010). Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. *Acta Comportamental*, 18(1), 135-149. Recuperado em 29 de março de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452010000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Costa, T., & Belmino, M. C. (2015). Poliamor: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman. *Revista IGT na Rede*, 12 (23), 424-442.
- Costa-Júnior, F. M., Almeida, B. S., Correr, R. (2019). Concepções sobre gênero e formação no campo da psicologia da saúde. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, 14(esp. 2), 1441-1464.

- Cruz, R. M., & Maciel, S. K. (2012). O estudo dos relacionamentos amorosos em diferentes campos disciplinares. In R. M. Cruz, J. F. R. Wachelke, & A. L. Andrade (orgs). *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. (pp. 9-26). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Desidério, R., & Maia, A. C. B. (2016). O discurso intencional da sexualidade na TV: abordagens da educação sexual em programas brasileiros no período de 1980 a 2010. In Desidério, R. (org.). *Sexualidade, Educação e Mídias: novos olhares, novas práticas*. (pp. 197-210). Londrina, PR: EDUEL.
- Fazzano, L. H., & Gallo, A. E. (2015). Uma análise da homofobia sob a perspectivada análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 23(3), 535-545.
- Faro, A. C. M. (1990, abr). Considerações sobre a necessidade do homem agregar-se e suas relações no grupo. *Revista da Escola de Enfermagem. USP*, 24(1), 131-137.
- Ferrari, A., França, F. G. R., Machado, N. N. (2017). Amor e educação nas propagandas do dia dos namorados. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS, 23(46), 171-191.
- Ferrari, A., Oliveira, D. A., França, F. G. R. (2018). Num piscar de olhos, o amor: educação dos sentidos e dos sujeitos no filme de animação “In a hearbeat”. *Revista Debates Insubmissos*, 1 (1), 104-120.
- Ferreira, C. B. C. (2016). O gênero do amor: cultura terapêutica e feminismos. *Cadernos Pagu*, (47).
- Figueiró, M. N. D. (2010). *Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio*. (3a ed. rev. e atual.). Londrina, PR: EDUEL.
- Figueiró, M. N. D. (2013). *Educação Sexual no dia a dia*. Londrina, PR: EDUEL.

- Fisher, H. E. (1994). *Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. (F. L. Gaspar e C. Gaspar, trads.). Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote.
- Fontana, J. (2019). *Uma análise da dominação masculina à luz da noção skinneriana de cultura*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.
- Foucault, M. (2017a). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (6ª ed.). São Paulo, SP: Paz & Terra. Trabalho original publicado em 1976.
- Foucault, M. (2017b). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (4ª ed.). São Paulo, SP: Paz & Terra. Trabalho original publicado em 1984.
- Foucault, M. (2017c). *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (4ª ed.). São Paulo, SP: Paz & Terra. Trabalho original publicado em 1984.
- França, M. (2017). “Estigmas do poliamor” - reflexões antropológicas sobre moralidades e relações não-monogâmicas. 11 *Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*. Florianópolis, SC. Recuperado de: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481143_ARQUIVO_FRANCA,Matheus-estigmasdopoliamor.pdf>.
- Garcia, D. A., & Maia, A. C. B. (2013). Relações conjugais na literatura de Tostói: análise de duas obras. *Psicologia.com.pt*, 1, (1). Recuperado de: <<http://hdl.handle.net/11449/125087>>.
- Gaudenzi, P. (2018). Intersexualidade: entre saberes e intervenções. *Cadernos Saúde Pública*, 34(1).
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 35, (3), 20-29.

- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In M. Z. S. Brandão et al. *Comportamento humano: tudo ou quase tudo que você queria saber para viver melhor* (pp.63-98). Santo André: Esetec.
- Guilhardi, H. J. (2017). *Interações amorosas sob uma perspectiva comportamental*. Campinas, SP: Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/68126994-Interacoes-amorosas-sob-uma-perspectiva-comportamental-1-helio-jose-guilhardi-instituto-de-terapia-por-contingencias-de-reforcamento-campinas-sp.html>.
- Guimarães, P. C. R., & Cruz Júnior, G. (2019). A educação sexual no youtube: nota sobre o canal de Jairo Bouer. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, 28(3), 231-253.
- Gutmann, J. F., Mota Junior, E., & Silva, F. M. (2019). Gênero midiático, performance e corpos em trânsito: uma análise sobre dissidências da conversação televisiva em canais no YouTube. *Galáxia* (São Paulo, online), especial 1, Comunicação e Historicidades, 74-86.
- Hatakeyama, N. H., Almeida, T., & Falcão, D. V. S. (2017). Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, 20(2), 271-292.
- Hattori, W. T., & Castro F. N. (2017). As origens do amor: evolução da escolha de parceiros. In M. L. Vieira, & A. D. Oliva (Orgs). *Evolução, cultura e comportamento humano* (pp. 220-281). Florianópolis, SC: Ed. do Bosque/CFH/UFSC.
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 21(3), 58-69.
- Holland, J. (1978). Behaviorism, part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11, 163-174.

- Hooks, B. (2000). Eros, erotismo e o processo pedagógico. In G. L. Louro (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Januário, S. B. (2016). *Masculinidades em (re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade*. Covilhã, Portugal: Labcom. Ifp.
- Jesus, J. S. O. (2005). Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *PSIC - Revista de Psicologia*, 6 (1), 67-73.
- Justo, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - FF*, 17(1), 61-77.
- Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1973). *Princípios de psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento*. (C. M. Bori e R. Azzi, trads.). São Paulo, SP: EPU. (Trabalho original publicado em 1950).
- Kessler, C. S. (2013, jul/dez). Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou novo amor-consumo? *Sociologia e Cultura*, Goiânia, 16 (2), 363-374.
- Lana, L. C. C. (2017). Heroínas pós-feministas: as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(3), 530
- Lazdan, A. M., & Ribeiro, P. R. M. (2016). A transformação dos papéis sexuais nas relações afetivas. In A. M. C. Leão, & L. R. Muzzeti. (Orgs.). *Perspectivas, práticas e reflexões educacionais*. (Vol. 1, pp. 303-317). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love* (pp. 38-67). New York, NY: Yale University.
- Li, Z., Wang, L., Wang, Li., Feng, G., Yuan, X., Liu, C., ... Hu, B. (2018). Generation of Bimaternal and Bipaternal Mice from Hypomethylated Haploid ESCs with imprinting Region Deletions. *Cell Stem Cell*, 23, 1-12. Recuperado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4466084/mod_resource/content/1/gera%C3%A7ao%20biparental%202018.pdf.

- Louro, G. L. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. (2a ed.; T. T. Silva, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Louro, G. L. (2008, maio/ago). Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, 19, (2), 17-23.
- Maia, A. C. B. (2008). A educação sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. In C. B. G. Souza, & P. R. M. Ribeiro (Orgs.). *Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores*. (pp. 67-117). Araraquara, SP: FCL/Unesp; Alcalá de Henares, Espanha: Universidad de Alcalá.
- Maia, A. C. B. (2011). *Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física*. Curitiba, PR: Juruá.
- Maia, A. C. B. & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(2), 159-176. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000200002>
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação Sexual: princípios para a ação. *Doxa*, 15, (1), 75-84.
- Malott, R. W. A. (1996, dec). Behavior-Analytic View of Sexuality, Transsexuality, Homosexuality, and Heterosexuality. *Behavior and Social Issues*. Recuperado de: <<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/288>>.
- Menezes, A. B. de C., & Brito R. C. S. (2007, jan/abr). Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 12(1), 133-139.
- Messias, T. L., & Amorim, M. F. P. (2019). Relações afetivas heterossexuais e mulheres negras: objeto sexual e solidão. *Espirales*, 4 (2), 12-35.

- Mizael, T. M. (2018). Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. *Revista Perspectivas*, 9(1), 15-28.
- Mannocci, J. F. (2004). *Disfunções Sexuais: abordagem clínica e terapêutica*. São Paulo: Fundação BYK.
- Monteiro, F. P. (2020). *Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transsexuais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara. Araraquara.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos Amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23 (3), 547-563.
- Njaine, K., Oliveira, Q. B. M., Ribeiro, F. M. L., Minayo, M. C. S., & Bodstein, R. (2011). Prevenção da violência nas relações afetivossexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (orgs). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros* (pp. 183-205). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ.
- Oliveira Rotondano, R. (2018). Entre monogamia e poliamor: o futuro da família no Brasil. *Revista de la Facultad de Derecho*, 44, 244-275. DOI: [10.22187/rfd2018n44a10](https://doi.org/10.22187/rfd2018n44a10)
- Oliveira, G. C., & Sei, M. B. (2018, dez). Vínculo amoroso homoafetivo e psicanálise: um estudo qualitativo. *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto, 26(4), 1787-1801.
- Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T., Marques, S. C., & Thiengo, M. A. (2007). “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5) 497-502.
- Oliveira, I. J. S & Paranaguá, M. P. N. (2017). Amor e Ciúme psicopatológico: uma Visão Fundamentada na Perspectiva Analítico Comportamental. *Fragments de Cultura*, Goiânia, 27(4), 555-569.

- Pereira, H. C. F. (2013). *“500 dias com ela”*: análise comportamental de relações afetivas. (Monografia de Conclusão de Curso). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- Pilão, A. C., & Goldenberg, M. (2012). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, 13, 62-71.
- Plomin, R., DeFries, J. C., McClearn, G. E., & McGuffin, P. (2011). *Genética do comportamento*. (5a ed.) Porto Alegre, RS: Artmed.
- Porchat, P. (2015). Um corpo para Judith Butler. *Periódicus*, 3(1), p. 37-51.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2a ed). Novo Hamburgo, RS: Feevale.
- Rabelo, D. P., Santos, K. C., Aoyama, E. A. (2019). A incidência de violência contra a mulher e a lei do feminicídio. *ReBIS – Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. 1(4), 71-76.
- Ribeiro, F. M. L., Avanci, J. Q., Carvalho, L., Gomes, R., & Pires, T. O. (2011). Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivossexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (orgs.) *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros* [online]. (pp. 55-86). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ.
- Rico, V. V., Golfeto, R., & Hamasaki, E. I. M. (2012). Sentimentos. In M. M. C. Hübner, & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. (pp. 88-89). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Rodrigues, V., & Boeckel, M. (2016, ago). Conjugalidade e homossexualidade: uma revisão sistemática de literatura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, 55, 96-109.
- Rodriguez-Sierra, O. E. (2016). A representação binária do cérebro “feminino” e “masculino” na ciência e nos meios de comunicação. *Revista da Biologia*, 15(1), 56-64. DOI: 10.7594/revbio.15.01.07

- Sampaio, A. A. S., & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma análise comportamental de fenômenos sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*, 183-192.
- Sant'ana, V. L. P. (2003). Identidade Sexual e Identidade de Gênero. In M. Z. S. Brandão, F. C. Conte, F. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. Moura, V. M. Silva, S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: clínica, pesquisa e aplicação*. (Vol. 12, pp. 154-161). Santo André, SP: Esetec.
- Santiago, R. S. (2014). *O Mito da monogamia à luz do direito civil-constitucional: a necessidade de uma proteção normativa às relações de poliamor*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Santos, L. (2015). Homens e expressão emocional e afetiva: vozes de desconforto associadas a uma herança instituída. *Configurações, 15*, 1-14. DOI: 10.4000/ configuracoes.2593
- Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. *Pensando Famílias, 18*(2), 17-33.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa a literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*(3), 525-531.
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações*. Campinas, SP: Ed. Psy.
- Silva, E. C., & Laurenti, C. B. F. (2016). Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Revista Perspectivas, 7*(2), 197-211
- Silva, R. D. (2015). *Educação audiovisual da sexualidade: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- Silva, R. D., & Santos, G. G. A. (2019). (Des)construção das identidades para a (re)construção das humanidades: um olhar para sexualidade. In A. S. F. Soares, A. C.

- Martelli, & D. A. Garcia. (Orgs). *Olhares às sexualidades e ao Gêneros*. (Vol. 1, pp. 19-40). São Carlos, SP: Pedro & João.
- Silva, S. P. (2002). Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Cadernos Cedes*, Campinas, 22(57), 23-43.
- Silvério, M. (2014). Gênero, sexualidade e swing: a ressignificação de valores através da troca de casais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 18, 111-139.
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas, SP: Papyrus.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trans.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o behaviorismo*. (10a ed.). São Paulo, SP: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974).
- Sophia, E. C., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Brazilian Journal of Psychiatry*, 29(1), 55-62. DOI: 10.1590/S1516-44462006005000003
- Souza, M. C. (2010). Os casais homoafetivos e a possibilidade de procriação com a utilização do gameta de um deles e de técnicas de reprodução assistida. *Revista da EMERJ*, 13(52), 141- 165.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love* (pp.119-138). New York, NY: Yale University.
- Unesco. (2014). *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: Unesco. Recuperado de: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>
- Urquiza, M. A., & Marques, D. B. (2016). Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. *Entretextos*, Londrina, 16(1), 115-144.

- Xavier, A. N., & Ferrante, F. G. (2019). A mulher da violência: por que ela permanecem nessa relação. *Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, 8(2), 55-72.
- Walendorff, J. K., Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2014). O enfoque da análise experimental do comportamento a serviço da educação sexual: histórico e agenda. In Christian Vichi; Edson Huziwara; Hérica Sadi; Lídia Postalli. (Org.). *Comportamento em Foco*. (v. 3, pp. 441-448). São Paulo, SP: ABPMC.
- Weid, O. V. D. (2010). *Swing*, o adultério consentido. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(3), 789-810. DOI: 10.1590/S0104-026X2010000300009